

Universidade de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Museu de Arqueologia e Etnologia

**Um quebra-cabeça de peças faltando: primeiros apontamentos para
compreender onde estão (e onde não estão) os sítios funerários de Minas
Gerais**

Versão Revisada

A versão original encontra-se na biblioteca do MAE-USP

Renato Saad Panunzio

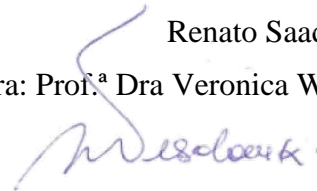
São Paulo
2019

Universidade de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Museu de Arqueologia e Etnologia

**Um quebra-cabeça de peças faltando: primeiros apontamentos para
compreender onde estão (e onde não estão) os sítios funerários de Minas
Gerais**

Versão Revisada

Renato Saad Panunzio
Orientadora: Prof.^a Dra Veronica Wesolowski



Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Arqueologia, do Museu de
Arqueologia e Etnologia da Universidade de
São Paulo, para obtenção do título de Mestre
em Arqueologia

A versão original encontra-se no MAE- USP

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação, MAE/USP,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

PANUNZIO, RENATO SAAD

Um quebra-cabeça de peças faltando: primeiros apontamentos para compreender onde estão (e onde não estão) os sítios funerários de Minas Gerais / RENATO SAAD PANUNZIO; orientadora VERONICA WESOLOWSKI DE AGUIAR E SANTOS. -- São Paulo, 2019. 142 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia) -- Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Arqueologia Funerária. 2. sepultamentos. 3. IPHAN. 4. arqueologia preventiva. 5. estudos acadêmicos. I. WESOLOWSKI DE AGUIAR E SANTOS, VERONICA, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e seus professores pelo ensino público, gratuito, e de qualidade, a CAPES pela bolsa de estudos de dois anos que viabilizou boa parte desse trabalho

Aos Laboratórios LEEH nas pessoas de Max Miliano e Rodrigo Elias pelas orientações no processo de curadoria e incentivos nas remontagens de fragmentos ósseos. A equipe do CAAF - Aline, Camila Diogo, Candela, Mariana Inglez, Mariana Gratão, pela possibilidade de participação em um projeto de memória e justiça de grande envergadura, aos companheiros de pia Paulo Spengler, Aline Medeiros, Victória Martin pelas trocas de conhecimento e perseverança no trabalho.

A professora Veronica, o professor André e ao Rodrigo Oliveira pelas orientações precisas durante as qualificações e a construção desse projeto.

A Lika e Gandhy pela condução dos meus primeiros passos na arqueologia e por me apresentarem um mundo subterrâneo totalmente novo.

A Luana Araújo Ferreira responsável pelo CDI (Centro de Documentação e Informação) do IPHAN de Belo Horizonte pela facilitação de acesso aos arquivos e dados.

Aos funcionários da biblioteca na pessoa de Hélio Rosa, uma fonte inesgotável de referências bibliográficas, e equipe do MAE na pessoa da Dona Deunice, uma fonte inesgotável de atenção e café.

As comissões organizadoras da V e VI Semana Internacional de Arqueologia e os professores que auxiliaram a realização dos eventos, Camilo Veloso e Elaine Hirata respectivamente.

Aos colegas de turma Carol, Daniela, Fabi, Fabricio, Henrique, Isabela, Jordana, Juliana, Marconi. Em particular a Aline Daniel Fidalgo, Kelly e Renata pelos estudos e apoio antes e durante o mestrado e principalmente na reta final. Aos colegas do Lab 4 pela construção coletiva do conhecimento e as conversas e frases de impacto durante os cafés.

A meus pais e irmão pelo incentivo que recebi durante todo esse longo processo, as palavras de incentivo e acolhimento que nunca me faltaram. A minha Vó Irma que me ensinou muito sobre a vida com a sua passagem.

A Aline pela fonte inesgotável de carinho e apoio.

RESUMO

A riqueza arqueológica do estado de Minas Gerais é inegável, diversos sítios são considerados ícones nacionais pelos vestígios que abrigam e protegem. Os sítios com remanescentes humanos são parte desse enorme acervo, mas quantos ele são e onde eles estão? A partir de um levantamento bibliográfico e pesquisa em arquivos foi montado um quebra cabeça sobre a arqueologia funerária no estado mineiro. Tentamos aqui reunir a totalidade dos sítios e ocorrências arqueológicas que possuem vestígios esqueléticos, bem como a informações sobre sua destinação e os trabalhos produzidos. Esses dados nos mostraram o estado da arte da arqueologia funerária e a intensidade com que os esqueletos têm, ou não, sido estudado. Os dados estarão disponíveis de forma aberta para incentivar futuros trabalhos e possibilitar uma construção coletiva de conhecimento.

Palavras chave: Arqueologia Funerária, Sepultamentos, IPHAN, Arqueologia Preventiva, Estudos Acadêmicos.

ABSTRACT

The archaeological richness of the state of Minas Gerais is undeniable, many sites are considered national icons by the remains that shelter and protect. The sites with human remains are part of this huge collection, but how it is and where they are? From a bibliographical review and archival research, a puzzle about funerary archeology in the state of Minas Gerais was assembled. We try here to gather all the archaeological sites and occurrences that have skeletal remains, as well as information about their destination and the works produced. These data show us the state of the art of funerary archeology and the intensity with which skeletons have or have not been studied. Data will be available openly to encourage future work and enable a collective construction of knowledge.

Keywords: Funerary Archeology, Burials, IPHAN, Preventive Archeology, Academic Studies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 6.1: Mapa de Minas Gerais: em destaque os Municípios com Sítios Arqueológicos com vestígios funerários.....	36
Figura 6.2: Mapa de detalhe da Região do Vale do Jequitinhonha (50359,35 km ²), destaque para Diamantina, município com sítio funerário.....	37
Figura 6.3: Contexto de cadastro dos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.....	38
Figura 6.4: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.....	38
Figura 6.5: Período de cadastro do Sítios nos municípios com sítios funerários na região Jequitinhonha.....	39
Figura 6.6: (A) Imagem do Sepultamento I da Lapa do Caboclo. (B) Esquema representando o Sepultamento I da Lapa do Caboclo.....	40
Figura 6.7: Contexto do Sepultamento II da Lapa do Caboclo.....	41
Figura 6.8: Detalhe do Sepultamento II na Lapa do Caboclo.....	41
Figura 6.9: Mapa de detalhe da Região Central (3.470,78 km ²), destaque para os municípios com sítios funerários.....	43
Figura 6.10: Contexto de cadastros de sítios nos municípios com Sítios Funerários.....	43
Figura 6.11: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.....	44
Figura 6.12: Período de cadastro dos Sítios Arqueológicos.....	44
Figura 6.13: Mapa de detalhe da Região Metropolitana (4.180,559 km ²), destaque para os municípios com sítios funerários.....	46
Figura 6.14: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.....	47
Figura 6.15: Período de cadastro dos Sítios Arqueológicos.....	47
Figura 6.16: Contexto de cadastros de sítios nos municípios com Sítios Funerários.....	48
Figura 6.17: Representação dos sepultamentos do primeiro momento em Santana do Riacho.....	52
Figura 6.18: Ossos humanos carregados pela ação do tratos em meio a fragmentos cerâmicos, quadra J1.....	55
Figura 6.19: Mapa de detalhe da Região Noroeste (62545,37 km ²), destaque para os municípios com sítios funerários.....	57
Figura 6.20: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.....	57
Figura 6.21: Período de cadastros dos sítios arqueológicos nos municípios com Sítios Funerários.....	58
Figura 6.22: Contexto de cadastros de sítios nos municípios com Sítios Funerários.....	58
Figura 6.23: Representação da área escavada na Lapa da Foice.....	60
Figura 6.24: Mapa de detalhe da Região Norte (128152,3 km ²), destaque para os municípios com sítios funerários.....	63
Figura 6.25: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.....	63
Figura 6.26: Período de cadastro dos Sítios Arqueológicos para os municípios com sítios funerários.....	64
Figura 6.27: Contexto de cadastros de sítios nos municípios com Sítios Funerários.....	64

Figura 6.28: Mapa de detalhe da Região Oeste (24030,16 km ²), destaque para os municípios com sítios funerários.....	69
Figura 6.29: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.....	70
Figura 6.30: Período de cadastro dos sítios arqueológicos nos municípios com sítios funerários.....	70
Figura 6.31: Contexto de cadastros de sítios nos municípios com Sítios Funerários.....	71
Figura 6.32: Gruta do Marinheiro.	71
Figura 6.33: Detalhe abrigo do Ângelo. Retirado de Koole 2014.....	72
Figura 6.34: Mapa detalhe Loca do Suim, retirado de Koole, 2007 -pág. 68	73
Figura 6.35: Mapa detalhe do abrigo Forro Negro, retirado de La Salvia, 2013 pag.....	76
Figura 6.36: Esquema final das sondagens do Abrigo Forro Negro.	77
Figura 6.37: Disposição dos vestígios encontrados no abrigo Forro Negro.....	79
Figura 6.38: Em segundo plano pedestal 1 com marcações para desenho, próximo ao norte início da evidenciação do P2.	80
Figura 6.39:Detalhe relativo ao Pedestal 3.....	81
Figura 6.40 : Detalhe do indivíduo correspondente ao Pedestal 5.	82
Figura 6.41: Disposição das sondagens da Trincheira 1.	83
Figura 6.42: Disposição das sondagens na trincheira 2.....	84
Figura 6.43: Indivíduos n° 2 e n° 3 durante evidenciação.....	85
Figura 6.44 Detalhe do indivíduo n° 3 durante evidenciação.	86
Figura 6.45 Indivíduo n° 6 em evidenciação.....	87
Figura 6.46: Mapa de detalhe da Região Sul / Sudeste (49503,91 km ²), destaque para os municípios com sítios funerários.....	91
Figura 6.47: Período de cadastro dos Sítios Arqueológicos.....	92
Figura 6.48: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.	92
Figura 6.49: Contexto de cadastros de sítios nos municípios com Sítios Funerários.....	93
Figura 6.50: Local do encontro das Urnas funerárias.	94
Figura 6.51: Detalhe da decoração do terceiro vasilhame.....	95
Figura 6.52: Mapa de detalhe da Região do Triângulo Mineiro e Alto do Paranaíba (90789,68 km ²), destaque para os municípios com sítios funerários.....	97
Figura 6.53: Período de cadastro dos Sítios Arqueológicos.....	98
Figura 6.54: Contexto de cadastros dos sítios nos municípios com sítios funerários.	98
Figura 6.55: Tipo nos quais os sítios foram cadastrados nos municípios em destaque na região.	99
Figura 6.56: Imagem da urna sendo preparada para transporte.....	101
Figura 6.57: Detalhe dos fragmentos da urna.....	102
Figura 6.58: Detalhe dos vestígios esqueléticos e fragmentos da urna.	103
Figura 6.59: Mapa de detalhe da Região do Vale do Rio Doce (41883,73 km ²), destaque para os municípios com sítios funerários.	104
Figura 6.60: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.	104

Figura 6.61: Distribuição do volume de cadastro dos sítios arqueológico no decorrer dos anos.....	105
Figura 6.62: Contexto de cadastros de sítios nos municípios com Sítios Funerários.....	105
Figura 6.63: Foto da urna funerária encontrada no Sítio Hermes Piepper.	107
Figura 6.64: Fragmentos encontrados na estrada e recolhido por populares.....	108
Figura 6.65: Mapa de detalhe da Região da Zona da Mata (35771,34km ²), destaque para os municípios com sítios funerários.	109
Figura 6.66: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.	110
Figura 6.67: Distribuição do registro dos sítios arqueológicos nos municípios que possuem sítios funerários.	110
Figura 6.68: Contexto de cadastros de sítios nos municípios com Sítios Funerários.....	111
Figura 6.69: Esquema da planta baixa da Caverna da Babilônia.	112
Figura 6.70: Destaque para as Regiões do Vale do Mucuri e Campo das Vertentes, onde não há sítios arqueológicos funerários. Em alaranjado municípios com sítios funerários no Estado.	115
Figura 7.1: Gráfico mostrando o número total de sítios em municípios com registro funerário nas mesorregiões de Minas Gerais.....	118
Figura 7.2: Sítios arqueológicos cadastrados em municípios com registro funerário segundo tipo. ..	119
Figura 7.3: Gráfico com a divisão dos contextos nos quais os sítios arqueológicos foram registrados.	120
Figura 7.4: Relação de sítios funerários para os demais em cada região.	121
Figura 7.5: Número de sítios que possuem esqueletos de acordo com seu tipo.....	122
Figura 7.6: Contexto de pesquisa em que os sítios arqueológicos com registro funerário vêm sendo cadastrados.....	123
Figura 7.7: Cadastrados Recortes temporais de cadastros dos sítios arqueológicos	123
Figura 7.8: Contexto de cadastro dos sítios ao longo dos anos.....	124
Figura 7.9: Outros vestígios também encontrados em sítios com remanescentes ósseos humanos. ...	125

LISTA DE TABELAS

Tabela 6.1: Profundidade dos vestígios localizados de forma esparsa no Abrigo das Boleiras.....	50
Tabela 6.2: Dados sistematizados.	53
Tabela 6.3: Síntese das informações dos sepultamentos localizados na Lapa do Foice I.	61

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	OBJETIVOS	15
2.1	Objetivo Geral	15
2.2	Objetivos Específicos	15
3	COLOCANDO O CENÁRIO EM PERSPECTIVA: HISTÓRICO DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS EM MINAS GERAIS	16
4	ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA E BIOARQUEOLOGIA.....	26
5	ONDE ESTÃO AS PEÇAS?	29
5.1	Fontes da Bibliografia Científico-Acadêmica: Levantamento Bibliográfico	30
5.2	Documentação do IPHAN: Planilha IPHAN, CNSA e Arquivos Físicos	31
5.3	Tabulação dos Dados	32
6	MONTANDO O QUEBRA-CABEÇA.....	35
6.1	Jequitinhonha	37
6.1.1	Contexto Acadêmico.....	39
6.1.2	Contrato	42
6.1.3	Fortuito.....	42
6.2	Central.....	42
6.2.1	Acadêmico	44
6.2.2	Contrato	45
6.2.3	Fortuito.....	45
6.3	Metropolitana.....	46
6.3.1	Acadêmico	48
6.3.2	Contrato	54
6.3.3	Fortuito.....	56
6.4	Noroeste	56
6.4.1	Acadêmico	58
6.4.2	Contrato	62
6.4.3	Fortuito.....	62
6.5	Norte	62
6.5.1	Acadêmico	65
6.5.2	Contrato	67
6.5.3	Fortuito.....	68
6.6	Oeste	69

6.6.1	Acadêmico	71
6.6.2	Contrato	74
6.6.3	Fortuito.....	89
6.7	Sul e Sudoeste.....	91
6.7.1	Acadêmico	93
6.7.2	Contrato	93
6.7.3	Fortuito.....	93
6.8	Triangulo Mineiro e Alto Paranaíba	97
6.8.1	Acadêmico	99
6.8.2	Contrato	100
6.8.3	Fortuito.....	101
6.9	Vale do Rio Doce.....	103
6.9.1	Acadêmico	106
6.9.2	Contrato	106
6.9.3	Fortuito.....	107
6.10	Zona da Mata	109
6.10.1	Acadêmico	111
6.10.2	Contrato	114
6.10.3	4.10.3 Fortuito.....	114
6.11	As peças inexistentes: Vale do Mucuri e Campo das Vertentes.....	115
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
	BIBLIOGRAFIA	128
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136
	ANEXOS	146

1 INTRODUÇÃO

Os registros arqueológicos de Minas Gerais são emblemáticos e o estado acumula muitos anos de pesquisa na região. Efetivamente algumas das primeiras pesquisas arqueológicas feitas no Brasil tiveram lugar em território mineiro, na região de Lagoa Santa, que se constitui como centro de interesse arqueológico e paleontológico há quase dois séculos (DA-GLORIA; NEVES; HUBBE, 2016).

As imediações da capital mineira são uma zona fértil em estudos arqueológicos e escavações, que à procura ou de forma acidental se depararam com remanescentes esqueléticos humanos. A região de Lagoa Santa é conhecida internacionalmente pela sua riqueza paleontológica e arqueológica estudadas pelo dinamarquês Peter W. Lund desde o século XIX, quando veio para o Brasil pela segunda vez (DA-GLORIA; NEVES; HUBBE, 2016)

O norte de Minas Gerais, sobretudo o Carste do Peruaçu; a Zona da Mata Mineira e a região da Serra do Cipó, são áreas do estado que também concentram pesquisas arqueológicas nos últimos 50 anos (ALVES, 1992, 2013; CORRÊA; COLOMBO, 2014; PROUS, 2016; PROUS; JUNQUEIRA; MALTA, 1984; PROUS; SCHLOBACH, 1997). Da revisão bibliográfica arqueológica do estado sobressai a relativa ausência de trabalhos de maior fôlego realizados para algumas regiões como o alto São Francisco, onde são exceções os trabalhos de HENRIQUES JR, 2006; KOOLE, 2007, 2014.

A região mineira foi alvo de trabalhos durante o PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (DIAS JÚNIOR, 1971) e mais recentemente tem sido estudada no contexto da Arqueologia Preventiva. Esses trabalhos podem ser consultado através do Sítio do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)¹e não geraram publicações em larga escala (CALDARELLI, 2002; COSTA; KOOLE, 2013; DIAS JÚNIOR, 2005; JÁCOME, 2007, 2012; KOOLE, 2011; LA SALVIA, 2013; MARIANO et al., 2013; XAVIER, 2015).

No quadro geral da arqueologia mineira os sepultamentos humanos são referidos de maneira razoavelmente frequente, sobretudo em contraste com o restante do Brasil, exceção feita aos sambaquis na região sul (SOUZA, 2010). De fato, desde os primórdios da Arqueologia

¹ http://iphan.harmisweb.com.br/index.php/archaeological_researchs - acessado em 20/09/2017

Brasileira, os vestígios esqueléticos humanos recuperados em Lagoa Santa são objeto de pesquisa, de interesse científicos e tiveram papel central nas discussões sobre a antiguidade evolutiva humana e sobre a ocupação da América do século XIX à atualidade (SOUZA, 1991; SOUZA; LIRYO, 2016).

Uma boa parte da bibliografia publicada sobre os esqueletos recuperados em sítios arqueológicos mineiros apresentam estudos que tiveram como foco a caracterização e a compreensão da afinidade biológica destes grupos pré-históricos, havendo também alguns trabalhos que se dedicaram a investigar questões relativas a subsistência a partir de marcadores paleopatológicos (DA-GLORIA; OLIVEIRA, 2016).

Questões relativas ao comportamento funerário surgem na literatura especializada apenas recentemente (DOS SANTOS et al., 2007; FONSECA, 2015; PY-DANIEL, 2009, 2016; SOUZA et al., 2013), e não há uma síntese geral dos padrões funerários observados em Minas Gerais. Até o momento os trabalhos com foco nas questões funerárias de maior fôlego foram aqueles desenvolvidos por Gláucia Malerba Sene, na Gruta do Gentio (SENE, 1998, 2007, 2003) e André Strauss, na Lapa do Santo (STRAUSS, 2016a, 2010), grutas localizadas respectivamente na Serra do Cipó e em Lagoa Santa. Além desses, pode-se citar como pesquisas com foco funerários, ainda que de escopo muito mais restrito, alguns estudos realizados na Lapa do Boquete e do Malhador, ambos no Vale do Peruaçu (PROUS; SCHLOBACH, 1997), e na Lapa do Caboclo, na região de Diamantina (HORTA, 2009; SOLARI; ISNARDIS; LINKE, 2012).

A bibliografia arqueológica existente para essa região inclui poucos trabalhos publicados (STRAUSS et al., 2011), teses e dissertações (HENRIQUES JR, 2006; KOOLE, 2007, 2014) e muitos relatórios de projetos de Arqueologia Preventiva de circulação bastante restrita (CARVALHO, 2009; CASTRO, 2012; HENRIQUES, 2013; LA SALVIA, 2015a; MARIANO; ALVES; BUGATTILSOLAN, 2013; MOURA, 2006; RODET, 2011; TELLES, 2013). Destes apenas Strauss e outros (2011) versa sobre aspectos funerários.

O panorama da ocupação pré-colonial da área que emerge desta bibliografia é ainda muito incompleto. Desde dois mil anos atrás, a região teria sido ocupada por grupos ceramistas ligados à tradição Una (DIAS JÚNIOR, 1971; HENRIQUES JR, 2006). As ocupações mais antigas, anteriores aos ceramistas, correspondem a grupos de caçadores-coletores para os quais

as datações mais antigas disponíveis estão em torno de 8000 anos no Sítio da Loca do Suim (STRAUSS et al., 2011).

O interesse da Arqueologia brasileira pelas práticas funerárias de grupos humanos pretéritos que habitaram o Brasil está bem documentado na bibliografia especializada. No entanto esse interesse poucas vezes se traduziu em trabalhos mais densos, sobretudo fora do contexto sambaquieiro como o de Strauss 2010, e Anne Py-Daniel (2015). Este fato se relaciona, por um lado, a uma compartimentalização da ação de arqueólogos e bioarqueólogos, que raramente (e apenas mais recentemente) concebem e realizam projetos em conjunto e, por outro, a uma noção generalizada de que fora dos sambaquis haveria poucas evidências devido a não preservação dos ossos em solos do interior, o que acaba por levar a abordagens arqueológicas de campo que não são propícias a recuperação de contextos funerários (SOUZA, 2010).

Assim, para contextos não litorâneos, as pesquisas dedicadas ao estudo mais amplo de padrões e práticas funerárias são raras, destacando-se quanto a profundidade com que trataram o tema, os trabalhos de Anne Py-Daniel para a Amazônia (PY-DANIEL, 2009, 2015, 2016) e de André Strauss e Glaucia Sene para Minas Gerais (SENE, 2007, 2003; STRAUSS, 2016a, 2010), estas já mencionados anteriormente.

Sob a premissa de que muitos elementos interferem nas pesquisas de campo e eventualmente a enviesam, entender em que contextos de pesquisa tem se dado os achados funerários, qual a qualidade dos registros e em que regiões de Minas Gerais eles tem se concentrado, permitiria planejar ações futuras de pesquisa que fossem dedicadas a preencher lacunas determinadas, as quais no momento não estão claramente delineadas.

Dessa forma, esta dissertação é o resultado de uma pesquisa eminentemente exploratória que dedicou-se a levantar e sistematizar as referências dispersas na literatura arqueológica publicada (artigos, teses e dissertações) e em relatórios disponíveis no IPHAN (Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), a fim entender qual é a diversidade de contextos funerários pré-coloniais que está reconhecida para Minas Gerais e qual tem sido a produção sobre esses contextos.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Avaliar o estado da arte da pesquisa com contextos funerários em Minas Gerais procurando entender como ele se articula com os variados tipos de pesquisa arqueológica realizados ao longo do tempo;

2.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos são:

- Realizar levantamento sistemático da literatura publicada sobre contextos arqueológicos funerários de Minas Gerais;
- Sistematizar os dados descritivos sobre os sepultamentos constantes na documentação levantada (publicada e relatórios);
- Entender em que contextos de pesquisa os achados têm sido feitos e como isso impacta a pesquisa com os remanescentes funerários

3 COLOCANDO O CENÁRIO EM PERSPECTIVA: HISTÓRICO DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS EM MINAS GERAIS

A Arqueologia Brasileira está inextricavelmente associada ao estado de Minas Gerais, podendo-se mesmo afirmar que é um de seus locais de seu nascimento como campo de pesquisa no Brasil.

Com a mudança do quadro político provocada pela transferência da corte portuguesa para o Brasil em 1808, o século XIX se iniciou no país com o aumento expressivo das expedições de viajantes naturalistas. Ainda que naquele momento esses viajantes tivessem entre seus interesses mais imediatos aspectos botânicos e zoológicos também foram impelidos pelo crescente interesse pela pesquisa etnográfica e pelo registro de aspectos diversos dos povos não europeus, entendidos na ocasião como primitivos, e algumas dessas expedições passaram a registrar também elementos de interesse arqueológico. (BARRETTO-TESORO, 2003; COSTA, 2016; SOUZA, 1991).

Nesse contexto o Museu Nacional, criado como Museu Real de História Natural em 1818, cresceu e estabeleceu contatos com o cenário científico internacional, formando novas coleções que ampliando as antigas coleções dos gabinetes de curiosidades existentes no Brasil enquanto contratava naturalistas e articulava-se com as expedições de naturalistas interessados no Brasil. (KEULLER, 2016; SOUZA, 1991).

Essa efervescência aliada ao exotismo de fauna e flora parecem ter sido atrativos sobretudo para jovens naturalistas recém-formados como Peter Lund que fez suas primeiras viagens ao Brasil em meados da década de 1820 quando permaneceu nas proximidades do Rio de Janeiro (AULER; PILÓ, 2016; BARRETTO-TESORO, 2003; COSTA, 2016; HOLTEN; STERLL, 2016; KEULLER, 2016; SOUZA, 1991).

Alguns anos depois de sua primeira estadia, em 1835, Peter Lund se estabeleceu na região de Lagoa Santa, em sequência a um período de viagens pelos sertões de Minas Gerais que se iniciara em 1832 quando de seu retorno ao Brasil. Estabelecido em Minas Gerais Lund de início dedicou seus estudos a temas da Paleontologia e da Zoologia, ainda que oportunisticamente registrasse elementos arqueológicos como as pinturas rupestres da lapa das Poções em Cerca Grande (SOUZA, 1991). Porém logo em 1840 suas escavações na Lapa do

Sumidouro revelaram ossos humanos em associação com ossos de megafauna, sendo estes os primeiros fósseis humanos encontrados no mundo.(HOLTEN; STERLL, 2016; SOUZA, 1991).

Peter Lund foi responsável pela descoberta de mais de 800 cavidades nos dez anos que dedicou à pesquisa na região (AULER; PILÓ, 2016) e também foi o primeiro na América do Sul a propor que humanos e animais extintos da megafauna haviam habitado a Terra concomitantemente, ao encontrar ambos associados nos mesmos níveis estratigráficos na Gruta do Sumidouro (HUBBE; NEVES, 2016).

Apesar de ter fixado residência no Brasil e de desenvolver sistematicamente o que foram as primeiras pesquisas da região de Minas Gerais, o diálogo acadêmico de Peter Lund visava o contexto europeu e ele publicava e apresentava seus trabalhos na Dinamarca para onde também remetia os materiais oriundos de suas escavações, acabando por não estabelecer conexões com instituições brasileiras, para além da troca ligeira de correspondências com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, nem formar discípulos (AULER; PILÓ, 2016; HOLTEN; STERLL, 2016; SOUZA, 1991). De fato, das escavações de Lund ficaram no Brasil apenas um crânio doado justamente ao IHGB e uma mandíbula que integra o acervo do Museu Nacional sob o número de tombo 000114 (NETO; RODRIGUES-CARVALHO, 2016; SOUZA; LIRYO, 2016).

Contemporaneamente às pesquisas de Lund em Lagoa Santa, o Museu Nacional era uma instituição eminentemente voltada para a biologia e a geologia, e foi apenas quando Lund retirava-se das pesquisas que a Arqueologia e a Etnologia efetivamente passaram a integrar seu escopo (HOLTEN; STERLL, 2016; NETO; RODRIGUES-CARVALHO, 2016; SOUZA, 1991). Como chama a atenção Alfredo Mendonça de Souza foi:

D. Pedro II, atento à polêmica que se seguiu, na Europa, à publicação das obras de Lund, que o levaria a tratar deste assunto, abrindo oportunidade aos trabalhos de Ladislau Netto. Assim, por vias travessas, Lund acabaria dando importante impulso institucional à arqueologia no Brasil (1991, p. 61).

Assim seus achados e suas pesquisas nas grutas de Lagoa Santa acabaram sendo o motor da institucionalização da Arqueologia no Brasil e acabaram por render a ele o lugar de “pai” da Arqueologia Brasileira, a qual, por esse ponto de vista, nasceu em terras mineiras com sotaque dinamarquês

Assim, os anos imediatamente seguintes à “aposentadoria” de Lund viram o início da Arqueologia e da Antropologia institucionalizadas no Museu Nacional, que instituiu ainda em 1842 um regimento que contemplava pesquisas nestes campos. Com o incentivo imperial e associado ao IHGB o Museu Nacional promoveu no fim da década de 1850 e início de 1860 a Comissão Científica do Ceará, que incentivou pesquisas sobretudo nas regiões norte e nordeste (KEULLER, 2016; SOUZA, 1991). A segunda metade do século XIX viu o florescimento da arqueologia brasileira, com o início da arqueologia amazônica e da arqueologia de sambaquis, esta última sobretudo a partir da 1870 com pesquisadores como Carlos Frederico Rath, João Batista Lacerda, Carlos Wiener (SOUZA, 1991).

Assim desde o encerramento das pesquisas de Lund até a década de 1920, oito décadas mais tarde, Minas Gerais, o lugar das primeiras observações arqueológicas de cunho científico no Brasil, ficou como que esquecida no cenário das pesquisas brasileiras conduzidas pelos “Três Museus”: Nacional, Paulista e Paraense Emílio Goeldi (KEULLER, 2016; NETO; RODRIGUES-CARVALHO, 2016; SOUZA, 1991).

Em contrapartida, os remanescentes humanos “mineiros” recuperados por Peter Lund em sua pesquisa fizeram nessa época, na década de 1870, sua estreia formal no cenário das pesquisas sobre a origem da humanidade e das raças, tema então em ebulição logo após a publicação da Origem das Espécies de Charles Darwin (1859) e de A Descendência do Homem (1871), e dos achados do Homem de Cro-Magnon (1868) e dos primeiros crânios de Neandertais (1856) (KEULLER, 2016; NETO; RODRIGUES-CARVALHO, 2016; SOUZA, 1991). Os crânios enviados por Lund para Copenhague já haviam sido descritos por ele em artigo de 1844, no qual chamava a atenção para a semelhança entre estes crânios e outros achados antigos do Velho Mundo, no entanto não haviam sido antropologicamente formalmente estudados (HUBBE; NEVES, 2016).

Em 1876, o único crânio que permanecera no Brasil, sob guarda do IHGB, foi incluído por João Batista de Lacerda e José Rodrigues Peixoto em seu artigo sobre as raças indígenas do Brasil de 1876, o qual foi o primeiro de uma sequência de trabalhos publicados ao longo da década de 1880 por antropólogos físicos europeus e norte-americanos que utilizaram da série de crânios coletada por Lund e que estavam na Dinamarca em seus estudos (KEULLER, 2016).

Apesar de algumas tentativas de envio de expedições a Minas Gerais, à região de Lagoa Santa, inclusive por demanda de pesquisadores estrangeiros como A. Quatrefages, a pesquisa arqueológica em Minas Gerais, que também tinha o objetivo de compor coleções de remanescentes humanos, seria retomada apenas bem mais tarde, já na década de 1920, ainda que a partir da gestão de Ladislau Netto, principalmente em função da ampliação do acervo para a Exposição Antropológica de 1882, tenham dado entrada no Museu Nacional vários esqueletos de indígenas da região de Minas Gerais, nenhum deles eram antigos, claramente de origem arqueológica (AGOSTINHO, 2017; KEULLER, 2016; NETO; RODRIGUES-CARVALHO, 2016; SOUZA, 1991).

Apenas a partir das décadas de 1920 e 1930, as pesquisas arqueológicas mais sistemáticas foram retomadas em Minas Gerais, ainda na região de Lagoa Santa, e claramente voltadas ao encontro de esqueletos humanos em contextos antigos. Estas pesquisas foram capitaneadas pelo Museu Nacional e pela Academia de Ciências de Minas Gerais - ACMG e juntas recuperaram uma grande quantidade de esqueletos humanos de Lagoa Santa (COSTA, 2016; NETO; RODRIGUES-CARVALHO, 2016; SOUZA; LIRYO, 2016).

Dois pesquisadores do Museu Nacional, Jorge H.A. Padberg-Drenkpol e José Bastos d'Ávila trabalharam na região de Lagoa Santa e adjacências (chegando no caso de Padberg à área metropolitana de Belo Horizonte) respectivamente na década de 1920 e de 1930 escavando várias grutas nas quais recuperaram esqueletos humanos e artefatos (NETO; RODRIGUES-CARVALHO, 2016). Já o grupo vinculado à Academia de Ciência de Minas Gerais, associação que fora fundada justamente a partir de uma comissão criada para comemorar os 100 anos do início das pesquisas de Lund, atuou até a década de 1960.

De certo modo a fundação e a perspectiva de trabalho da Academia esteve conectada com as pesquisas de Padberg-Drenkpol, pois as conclusões deste, opostas as de Lund, acabaram fomentando as pesquisas do grupo ligado à Academia de Ciência de Minas Gerais - ACMG que se empenharam em corroborar os achados de Lund (COSTA, 2016).

Com exceção das rápidas expedições realizadas pelo Museu Nacional em 1920 e 1930, entre os anos 30 e 60 a pesquisa na região de Lagoa Santa, e em Minas Gerais como um todo, esteve quase completamente restrita àquela realizada pela Academia de Ciências de Minas que contava entre seu quadro de pesquisadores associados apenas arqueólogos amadores. A atuação

intensa de amadores na produção de conhecimento arqueológico nessas décadas do século XX, longe ser um caso particular da arqueologia mineira foi a regra para o Brasil, que teve nessa fase o que vários autores chamam de “Fase dos Amadores Ilustrados” (BARRETO, 2000; COSTA, 2016; SOUZA, 1991).

No período de atuação da ACMG foram escavadas, de forma totalmente autofinanciada, várias grutas da região de Lagoa Santa e adjacências, principalmente por Harold Walter, as quais renderam uma grande quantidade de esqueletos humano, além de artefatos e ossos de megafauna, recuperados em sítios que tinham potencial para responder às questões que estavam em pauta desde o século XIX e dos achados de Lund: Quão antiga era a ocupação americana? Esses grupos humanos antigos haviam convivido em Minas Gerais com a fauna pleistocênica extinta? Qual sua relação (evolutiva) com as outras populações humanas e como poderia auxiliar na compreensão da origem dos grupos humanos americanos?

Pesquisas arqueológicas fora da região de Lagoa Santa e adjacências, fossem feitas por pesquisadores institucionalizados ou amadores, foram raridade no cenário da Arqueologia Mineira até a década de 1970. Em artigo no qual faz uma breve história da arqueologia em Minas Gerais, André Prous (PROUS, 2013) menciona apenas pesquisas pontuais em áreas ainda próximas ao Carste de Lagoa Santa como Jaboticatubas, e no alto vale do Rio Doce, realizadas em meados da década de 1950.

Também em meados da década de 1950, houve uma importante expedição de pesquisa arqueológica, que inclusive estabeleceu uma relação bastante conflituosa com a ACMG, coordenada pelo norte-americano Wesley Hurt que associou-se ao Museu Nacional, o qual manteve a guarda da importante coleção de esqueletos humanos recuperada por Hurt nas escavações dos vários abrigos do maciço de Cerca Grande e da Lapa das Boleiras. O motor do interesse de W. Hurt na região e a escolha dos sítios a serem escavados foi, novamente, questões associadas à origem das populações ameríndias e à antiguidade de ocupação (PROUS, 2013, 2016; SOUZA; LIRYO, 2016).

Se de início a falta de associação estratigráfica entre megafauna e vestígios arqueológicos fizeram com que a pesquisa acabasse sem sequência e sem publicações, as datações antigas obtidas para o sítio (9000 anos AP) acabaram por incentivar mais de uma

década depois a Missão Franco-Brasileira coordenada por Annette Laming-Emperaire (PROUS, 2013).

A partir da década de 1960 a arqueologia brasileira como um todo sofreu uma importante guinada: ela se profissionalizou. A entrada da disciplina no ambiente universitário brasileiro; a consolidação de um corpo já razoavelmente numeroso de pesquisadores-cientistas com treinamento formal em universidades e atuando como professores; o aumento de estudantes universitários interessados na arqueologia; o reestabelecimento e reforço do contato da pesquisa feita no Brasil com a pesquisa feita no exterior, sobretudo EUA e França; os seminários formativos oferecidos pelo CEPA; os movimentos de reconhecimento e proteção do patrimônio arqueológico que se intensificaram a partir da Lei n. 3924 de junho de 1961, em conjunto criaram um ambiente que rapidamente levou a arqueologia ao patamar da atuação profissionalizada formalmente vinculada às instituições de ensino superior e pesquisa. (BARRETO, 2000; PROUS, 2013, 2016; SOUZA, 1991).

Esse quadro interno, no qual alguns arqueólogos brasileiros mantinham conexões internacionais e progressivamente se profissionalizavam, em conjunto com o quadro externo em que as questões de ocupação da América e sua antiguidade ganhavam proeminência acabou chamando a atenção de arqueólogos estrangeiros para o campo ainda inexplorado e de grande potencial para responder a estas questões que havia no Brasil e fomentou as pesquisas ancoradas pelas missões estrangeiras ao longo da década de 1970 também em Minas Gerais (PROUS, 2013, 2016; SOUZA, 1991).

Assim os últimos anos da década de 1960 e os primeiros da década de 1970 viram desembarcar em Minas Gerais dois grandes projetos com conexões internacionais: o PRONAPA e a Missão Franco-Brasileira.

A Missão Franco-Brasileira voltou a se concentrar na região de Lagoa Santa pelo interesse em investigar a antiguidade da ocupação da América, e escavou Lapa Vermelha IV, onde encontrou o esqueleto feminino que acabou ficando conhecido como “Luzia” datado em torno de 11.000 anos (OLIVEIRA, 2003; PROUS, 2016). Como influência direta da Missão Franco-Brasileira acabou se formando um núcleo de arqueologia na UFMG, sob a responsabilidade de André Prous que assumiu a partir de 1976 uma parte importante das

pesquisas arqueológicas realizadas em Minas Gerais (BARRETO, 2000; PROUS, 2013, 2016; SOUZA, 1991).

Foi a partir daí que a equipe do Setor de Arqueologia da UFMG expandiu a pesquisa arqueológica em Minas Gerais definitivamente para fora da região de Lagoa Santa, ainda que se tenha preferencialmente concentrado em áreas cársticas e em grutas, tanto pela riqueza e diversidade da arte rupestre como pelas condições privilegiadas de conservação dos vestígios e contextos arqueológicos (PROUS, 2013, 2016). As regiões da Serra do Cipó (Grande Abrigo de Santana do Riacho), Montalvânia, Carste do Rio Peruaçu, e bem mais recentemente Diamantina e Montes Claros foram pesquisadas pelo grupo da UFMG durante mais de três décadas, tendo resultado delas um importante conjunto de séries esqueléticas humanas. A partir dos anos 2000 o grupo da UFMG passou também a pesquisar sítios abertos na zona da mata mineira além de um sítio-cemitério localizado às margens do Rio São Francisco, no qual foi recuperada uma importante série esquelética com datações entre 5000-6000 anos AP (PROUS, 2013, 2016).

O PRONAPA – Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – colocou em cooperação na segunda metade da década de 1960, os arqueólogos americanos Betty Meggers e Cliffor Evans, do Smithsonian Institute, e vários arqueólogos brasileiros com o objetivo de realizar um levantamento arqueológico extenso do território brasileiro, com grande interesse nas ocupações de grupos ceramistas mas não apenas, e assim produzir uma panorama amplo, ainda que pouco aprofundado das culturas arqueológicas brasileiras e da potencialidade das áreas para pesquisas mais intensivas (BARRETO, 2000; NETO; RODRIGUES-CARVALHO, 2016; SOUZA, 1991). As pesquisas do PRONAPA ocorreram com apoio financeiro do CNPq e do Instituto Smithsonian e aval da, então, SPHAN (Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) (NETO; RODRIGUES-CARVALHO, 2016).

Nesse contexto a pesquisa no estado de Minas Gerais coube a Ondemar Dias Junior, do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) e entre 1965 e 1970 foi feito um extenso levantamento dos contextos arqueológicos em várias regiões de Minas Gerais com o registro da ocorrência de diversos sítios arqueológicos e o estabelecimento de duas fases de classificação cerâmica, Ibiraci e Piumhi. (DIAS JÚNIOR, 1975).

Após o *período pronapiano* propriamente dito, ao longo das décadas de 1970 e 1980, o IAB desenvolveu pesquisas mais intensivas e escavou sistematicamente vários sítios sobretudo no vale do São Francisco e grutas do noroeste do estado, com a recuperação de séries esqueléticas emblemáticas para a pesquisa arqueológica, como é o caso da série da Gruta do Gentio (DIAS JÚNIOR, 1975; NETO; RODRIGUES-CARVALHO, 2016; SENE, 2007). Entre os anos de 1970 1974, o Programa de Pesquisas no Vale do São Francisco (PROPEVALE) teve foco em três frentes de atuação, (I) manter as atividades de prospecção na região oeste do estado, (II) iniciar os trabalhos nas imediações do Rio Pará a partir do município de Divinópolis, (III) iniciar escavações sistemáticas na região de Montes Claros (DIAS JÚNIOR, 1975).

Nesse momento de diversificação das áreas de pesquisas e ao mesmo tempo da construção e uma certa hegemonia em torno de dois grupos, o Setor de Arqueologia da UFMG herdeiro da Missão Franco-brasileira e o IAB com raízes *pronapianas*, é digno de nota o trabalho independente realizado por Marcia Angelina Alves, da Universidade de São Paulo, na região do Triângulo Mineiro, o qual tendo começado na década de 1980 perdura até hoje e é o responsável por um dos poucos registros de contextos funerários ceramistas fora de abrigos e em pesquisas sistemáticas bem documentadas (ALVES, 1992; PROUS, 2013).

Pode-se dizer assim que a arqueologia de Minas Gerais deixou de ser a arqueologia de Lagoa Santa apenas a partir da década de 1970 e nesse processo passaram a ser conhecidos outros contextos funerários e séries esqueléticas mineiros.

Entretanto a força das questões ligadas ao povoamento do continente Americano permaneceu direcionando pesquisadores para a região, incluindo Walter Neves que deu início a um grande projeto de pesquisa na região no começo dos anos 2000 no qual pretendeu melhor contextualizar os sítios escavados no passado e nos quais haviam sido recuperados esqueletos, além de aumentar as séries esqueléticas com condições ideais de análise (DA-GLORIA; NEVES; HUBBE, 2016). No âmbito do projeto capitaneado por Walter Neves a Lapa das Boleiras, anteriormente escavada por Hurt, foi reescavada, assim como a Gruta do Sumidouro, além da Lapa Grande de Taquaraçu e da Lapa do Santo, com encontro de vários esqueletos (STRAUSS, 2010).

Foi no escopo desse projeto que o abrigo da Lapa do Santo foi escavado. Hoje um sítio emblemático para a arqueologia brasileira, a Lapa do Santo forneceu uma importante série

esquelética e mais que isso, um contexto funerário rico e variado que permitiu vislumbrar comportamentos funerários com grande antiguidade e muito mais complexos do que até então se imaginava (STRAUSS, 2016a, 2010). As pesquisas no sítio continuam ativas, coordenadas atualmente por André Strauss e continuam revelando mais sepultamentos a cada nova etapa de campo.

Finalmente é importante mencionar a nova fase da arqueologia mineira que se iniciou a partir do começo dos anos 2000 fortemente impulsionada pela recuperação econômica do país e alicerçada nos trabalhos de Arqueologia Preventiva.

Apesar das pesquisas arqueológicas, as evidências dos bens arqueológicos que possuímos acontecerem de longa data o órgão governamental responsável por gerir e proteger esses patrimônios, o IPHAN, só foi criado em 1937 pelo Presidente Getúlio Vargas (Lei nº 378 <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872> - acessado em janeiro de 2016) sendo assim responsável pelos bens que já haviam passado por processo de tombamento.

A partir do ano de 1961, com a Lei 3.924/1961, os bens arqueológicos passam a ser amplamente protegidos sem que fosse preciso necessariamente tombá-los. Finalmente em meados da década de 1980 houve a aprovação da Resolução CONAMA² N 001 de janeiro de 1986, que tornou obrigatória a realização de levantamento arqueológico em áreas de grandes empreendimentos.

Ainda assim, na década de 1980 e na década de 1990 foram tímidos os trabalhos relacionados à arqueologia preventiva, ainda que os tenha havido, principalmente solicitados por empresas públicas, e apenas a partir dos anos 2000 os trabalhos dessa natureza começam a ocorrer sistematicamente e em maior quantidade (PROUS, 2013).

Os prazos para execução de trabalhos na arqueologia preventiva são rápidos, atrelados ao *timing* das empresas e das obras, e os espaços que devem ser investigados em um único projeto as vezes muito amplos. Se a falta de tempo, ou o tempo apertado, podem ser problema a possibilidade de abordar grandes áreas quase que em uma perspectiva de amostragem aleatória pode trazer a vantagem e diversificar os contextos nos quais se poderá achar vestígios funerários (CALDARELLI; SANTOS, 2000). Na prática até o momento os achados funerários

² Conselho Nacional do Meio Ambiente

feitos no âmbito da arqueologia preventiva em Minas Gerais ainda são uma incógnita, para a diminuição da qual esta dissertação pretende contribuir.

4 ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA E BIOARQUEOLOGIA

A arqueologia funerária direciona seu foco de análise aos gestos, às intencionalidades dos detalhes presentes nos sepultamentos, ao local escolhido, aos objetos depositados, entre outros aspectos (RIBEIRO, 2007). Para alguns autores, atua para de certa maneira transcender esta materialidade e descortinar a possibilidade de investigar o simbolismo permeado por escolhas culturais para as quais possivelmente faltarão explicações possíveis ao arqueólogo (PY-DANIEL, 2016).

Os olhares dos arqueólogos, de forma geral, sempre recaíram sobre os vestígios gerados pelas populações antigas na forma de objetos, seus utensílios, suas ferramentas, seus adornos, suas armas (RIBEIRO, 2007). Porém na década de 60 outros elementos menos “palpáveis” da cultura material passaram a ser valorizados e estudados (PY-DANIEL, 2015; SOUZA et al., 2013). É nesse momento que os próprios remanescentes corporais, seus vestígios ósseos, passaram a receber uma importância maior nos estudos sendo vistos em si mesmos como cultura material imbuída de significado (SOUZA et al., 2013).

A pouca atenção dada aos estudos de vestígios funerários na Arqueologia Brasileira, em clara dissociação do que ocorria na arqueologia norte-americana e europeia, é bem discutida por Mendonça de Souza desde o início dos anos 2000. A autora ressalta que a importância dada a esse campo da arqueologia vinha aumentando no Brasil, porém estava longe de ser suficiente, sendo a maioria das publicações carentes na aproximação dos modelos etnográficos com os achados arqueológicos e da compreensão de que:

[...] estruturas funerárias e ossos humanos dentro ou fora de contexto funerário constituem-se numa das mais importantes e constantes fontes de informação em sítios arqueológicos, permitindo certamente saber muito mais sobre os procedimentos funerário e sobre os indivíduos inumados, mas também sobre os sítios e sua história (SOUZA, 2003).

Em trabalho mais recente Mendonça de Souza e colaboradoras (SOUZA et al., 2013), voltaram ao tema ressaltando que, apesar do avanço feito na última década, ainda são poucas as pesquisas que se debruçam sobre o contexto funerário. As autoras defendem a produção de pesquisas que o considerem como um conjunto relacional no qual o corpo (ou seus vestígios) ocupa um lugar cultural e não só biológico e que estes contextos encapsulam informações que

vão além daquelas que podem ser coletadas na forma de objetos (sejam estes objetos artefatos ou ossos).

O estudo dos indivíduos encontrados nos enterramentos muitas vezes era deixado de lado, isso porque, geralmente, nos enterramentos eram encontrados muitos objetos ligados aos grupos ao qual pertenciam os indivíduos. Os objetos eram percebidos como mais informativos para o arqueólogo do que os ossos, relegados apenas a fontes de informação sobre sexo e idade e compreendidos como material para o antropólogo físico interessado no corpo e não para o arqueólogo interessado na cultura (PY-DANIEL, 2016). Essa dissociação entre os vestígios do que foi o corpo e seu potencial para produzir conhecimento arqueológico (e não apenas antropológico – físico, ou biológico) tinha raízes na incompreensão de que o registro arqueológico funerário guardava informações sobre os gestos e práticas funerárias dos grupos, incluindo comportamento simbólico, e que estas eram relacionais, processuais, ou seja estavam “impressas” no registro em si muito mais que nos objetos (DUDAY; CIPRIANI; PEARCE, 2009). A falta de capacitação e de hipóteses levaram os arqueólogos a se concentrarem em outros objetivos que não as análises vestígios ósseos, ou das práticas funerárias (BINFORD, 1971).

A Bioarqueologia pode ser descrita como o estudo de todos os materiais biológicos, e seus materiais associados, em contextos arqueológicos, sendo possível pesquisar desde organização social e padrões de enterramento, atividades diárias e divisão do trabalho, paleodemografia, movimentos populacionais e relações genéticas, assim como dieta e doenças. (BUIKSTRA; BECK, 2009).

Dentro do espectro de elementos necessários ao encaminhamento de questões relativas às práticas funerárias, a análise bioarqueológica vai muito além do estabelecimento de características relacionadas ao perfil biológico básico (idade, sexo, traços herdados) para se debruçar sobre elementos como a forma de processamento e deposição do corpo, arquitetura da sepultura, acompanhamentos funerários, entre outros. Essa perspectiva em uma análise inclusiva pode permitir chegar a estabelecer padrões de sepultamento de uma determinada sociedade, entre outras características (MONTEIRO, 2005). Lidar com a morte significa fazer o percurso de uma questão prática, o que se fazer com um corpo, para questões que envolveram atitudes e gestos comunitários e sociais. Mesmo o abandono do corpo é algo socialmente

estruturado e desencadeado devido às relações sociais do indivíduo com seu grupo, “*as práticas são o fruto de processos históricos, sociais e cosmológicos*” (PY-DANIEL, 2016).

5 ONDE ESTÃO AS PEÇAS?

Este trabalho se propôs a fazer um levantamento de informações sobre as pesquisas arqueológicas em Minas Gerais com vistas a identificar os sítios com ocorrência de contextos funerários e como eles se caracterizam. Os esforços de pesquisa se deram em três grandes bases de dados: bases de literatura acadêmica, base do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) e base de relatórios do IPHAN.

É uma pesquisa exploratória semelhante em alguns aspectos àquela que foi realizada para o Estado de São Paulo por Glauco Perez. No estado de São Paulo com a intenção de trabalhar a dispersão e o contato entre grupos ceramistas nas bacias do Tietê e do Paranapanema Glauco Perez (PEREZ, 2018) fez uma análise similar nos bancos de dados do IPHAN /SP, como resultado pode-se observar padrões de assentamento entre grupos vinculados as tradições Tupi-guarani e Itararé-Taquara.

Neste momento os contextos de interesse foram aqueles em que não estão presentes elementos que remetam às formas de sepultar ocidentais e que apresentem concomitantemente vestígios materiais associados às populações indígenas brasileiras, constituindo esse o critério de inclusão de um sítio específico no presente trabalho.

Assim o recorte temporal desta dissertação se aproxima daquele definido como “*período pré-colonial*”, no entanto, deve-se ter em conta que não necessariamente todos os contextos tratados são anteriores a 1500, pois não há datações para a boa parte deles.

O primeiro passo foi identificar em que municípios de Minas Gerais ocorriam sítios funerários independentemente do recorte temporal. Para isso foi feito o levantamento na literatura acadêmica e no conjunto de arquivos “Planilha Sítios Arqueológicos Cadastrados” e “Arquivos *Shapefile* - Sítios Arqueológicos Georreferenciados”, o primeiro uma planilha Excel Microsoft e o segundo um arquivo *shapefile* para ArcGIS, ambos disponíveis em página do sítio eletrônico do IPHAN (<http://portal.iphan.gov.br/cna/pagina/detalhes/1227>). Após a identificação os municípios onde há sítios registrados foi feito um levantamento complementar no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) e nos arquivos físicos da Superintendência do IPHAN de Minas Gerais para identificação dos sítios e levantamento de

informações sobre as pesquisas realizadas que complementassem as informações já obtidas nas fontes bibliográficas e no arquivo de sítios georreferenciados.

Apesar do foco desta dissertação ser os sítios com presença de contextos funerários, todos os sítios, no recorte temporal considerado, daqueles municípios onde houve ocorrência de sítios funerários foram registrados. Isso foi feito para permitir a avaliação da proporção e sítios funerários em relação aos sítios sem presença destes contextos.

A seguir os procedimentos que foram seguidos são explicados para cada um dos tipos de documentação utilizados e é apresentado o conjunto de informações levantadas.

5.1 Fontes da Bibliografia Científico-Acadêmica: Levantamento Bibliográfico

Seguindo os objetivos da pesquisa o levantamento bibliográfico foi feito com vistas à localizar publicações como relatos de viajante e naturalistas dos séculos XVII, XVIII e XIX (CÉSAR, 1975; FREIRE, 2011; PAULA; SEDA, 1982), e teses e dissertações sobre arqueologia (ALVES, 1992, 2013; HENRIQUES JR, 2006; KOOLE, 2007, 2014; SENE, 1998, 2007; SOLARI; ISNARDIS; LINKE, 2012; STRAUSS, 2010) e artigos que trouxessem informações e dados sobre práticas, padrões e comportamentos funerários de grupos indígenas brasileiros referidos para o estado de Minas Gerais.

Estas obras foram buscadas inicialmente através de bases bibliográficas que apresentam marcadores de indexação que permitiam prever a inclusão nas bases de periódicos antigos e brasileiros, como Scielo e Jstor, além do Google Scholar. Também foram feitas buscas diretas nos arquivos de periódicos digitais nacionais disponíveis através dos portais de periódicos da CAPES e da USP; nos bancos de teses digitais da USP e da UFMG e finalmente na Bibliografia da Arqueologia Brasileira atualizada publicada no “Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico” e organizada por Rosângela Oliveira e colaboradores (OLIVEIRA, 2014).

Uma das melhores referências bibliográficas recuperadas o Catálogo de Sítios publicado por Fabiano Lopes de Paula e Paulo R. Seda (1982). O catálogo foi escrito a partir do diagnóstico de uma necessidade de catalogação de sítios já prospectados no estado de Minas Gerais, utilizando fontes documentais e bibliográficas.

Foram considerados critérios de seleção da obra para integrar a análise: a) que apresentasse, ainda que parcialmente, estudo sobre contexto funerário; e/ou b) que apresentasse alguns dados descritivos sobre sepultamentos recuperados em contextos arqueológicos mineiros que pudessem caracterizá-los como adequados ao cumprimento do critério de seleção apresentado anteriormente.

5.2 Documentação do IPHAN: Planilha IPHAN, CNSA e Arquivos Físicos

Apesar da “Planilha - Sítios Arqueológicos Cadastrados” disponibilizada no sítio internet do IPHAN e o CNSA apresentarem teoricamente o mesmo conjunto de informações, ambas foram utilizadas e depois que os municípios e sítios foram identificados na primeira, foi feita a conferência no CNSA utilizando-se o município como critério de busca e depois analisando-se individualmente cada ficha cadastral. Isso foi feito com o intuito de controlar eventuais divergências entre os dados da ficha cadastral do CNSA e a transposição deles para a planilha.

Além disso, as possibilidades de busca são distintas nas duas fontes, pois enquanto o CNSA permite buscas apenas por município, estado, número de cadastro ou nome do sítio, a “Planilha - Sítios Arqueológicos Cadastrados” permite buscas pelo total de campos constantes na ficha cadastral do CNSA, permitindo localizar mais facilmente a característica funerária de um sítio.

Tendo identificado os municípios e sítios para os quais há referência ao encontro de contextos funerários se passou ao levantamento das informações sobre estes contextos e sobre as condições de sua identificação e pesquisa. Para tanto se precisou recorrer aos trabalhos publicados na literatura científico-acadêmica e aos relatórios de pesquisa arquivados pelo IPHAN.

Tendo os procedimentos utilizados para lidar com a literatura arqueológica de interesse sido explicados acima, passa-se a seguir à explicação dos procedimentos utilizados para os relatórios.

Foram necessárias duas visitas ao Centro de Documentação e Informação (CDI) da Superintendência do IPHAN de Minas Gerais em Belo Horizonte, onde os relatórios de arqueologia preventiva relativos ao estado de Minas Gerais ficam arquivados. Os relatórios são

armazenados impressos, e organizados em caixas arquivos dispostos de forma cronológica, de tal modo que o acesso a eles só é possível pessoalmente. O IPHAN tem buscado a digitalização do acervo documental através do SEI³ uma plataforma digital que permite a consulta externa a processos e ao banco de dados, ferramenta que ainda é parcial e contempla de modo sistemático apenas os documentos mais recentes, a partir de 2010. No entanto gradualmente, e em um processo lento, têm sido incluídas as digitalizações dos processos mais antigos e alguns poucos que já haviam sido solicitados por outras instituições (Ministério Público, IBAMA, entre outras) e já haviam sido digitalizados puderam ser consultados digitalmente.

A primeira etapa de coleta de dados para a pesquisa foi realizada em julho de 2017, quando o projeto inicial ainda estava em curso focado apenas na região do Alto São Francisco e Serra da Canastra, e a segunda em novembro de 2018, sendo ambas as etapas realizadas em períodos de uma semana de trabalho.

Foram analisadas 490 caixas de arquivos contendo relatórios, despachos, comunicação entre o IPHAN e órgãos públicos como Ministério Público Estadual e Federal, prefeituras e arqueólogos, produzidos entre 1988 e 2010, não havendo documentos mais antigos no arquivo.

A documentação mais recente, posterior a 2010 foi consultada através do SEI. Além disso, sempre que um processo físico de grandes dimensões precisou ser copiado, nos casos e que o processo físico apresentava alguma mídia digital anexada, ou se havia processos com muitos volumes estando o mais recente indisponível para consulta física, se verificou se estes processos estavam digitalizados, em caso afirmativo eles foram consultados através do SEI.

5.3 Tabulação dos Dados

Da documentação identificada e localizada foram coletadas algumas informações que foram tabuladas e tratadas quantitativamente e outras que são apresentadas descritivamente no capítulo de resultados. Foram consultados e tabulados todos os sítios para os municípios onde foram encontradas menções de vestígios esqueléticos.

Na Tabela de Trabalho (vide Anexo) será possível observar informações sobre todos os sítios localizados em municípios para os quais há registro de sítios com contextos funerários.

³ <https://softwarepublico.gov.br/social/sei/sobre-o-sei> acessado em 10/08/2018

tem como coluna inicial básica a nome do sítio. As demais informações consideradas relevantes para esta pesquisa foram:

- Sítios: Nome cadastrado do sítio, ou nome referido na literatura especializada quando não foi localizado o cadastro;
- Fonte: Refere-se a base onde documento de origem das informações utilizadas para construção da tabela foi localizado. São opções de preenchimento: *Site CNSA*, *Pesquisa Iphan* (para os relatórios físicos) e *Levantamento bibliográfico* (para obras publicadas). O fato de um sítio estar registrado em uma base não exclui que tenha sido registrado em outra também, sendo assim, quando informamos a fonte optamos por registrar a de mais fácil acesso.
- Municípios: Espaço para registro dos municípios de localização dos sítios
- Tipo: Refere-se à categorização dos sítios, segundo suas condições de implantação na paisagem, conforme a documentação consultada, e corresponde à informação inserida no campo “exposição” da ficha cadastral do CNSA (anexo 1). Foram considerados os seguintes valores de registro: Gruta, Abrigo, Casa subterrânea, Céu aberto, Histórico, Não Informado (N.I.), Submerso.
- Tipo de vestígio: Refere-se ao tipo de vestígio arqueológico presente no sítio e corresponde às informações registradas nos campos “*estrutura*”, “*artefatos*” e “*arte rupestre*” da ficha de cadastro do CNSA. Essa categoria de dados está dividida em quatro colunas de registro, a saber: Cerâmica, Pintura, Gravura, Lítico, Esqueleto, podendo cada uma destas receber o valor de registro 1 (presente) ou 0 (ausente) na tabela de trabalho.
- Região: As regiões correspondem nominalmente às mesorregiões do estado como definidas pelo IBGE. Essa classificação divide o estado mineiro em doze partes levando em conta especificamente as bacias hidrográficas⁴.
- Responsável: Esta coluna informa qual o responsável pelo trabalho realizado no sítio, podendo ser pessoa física ou jurídica. Em alguns casos, principalmente nas fichas CSNA, não é possível diferenciar o responsável pelo projeto e pesquisa e o

⁴ https://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_div_int.shtm acessado em 15/02/2018.

responsável pelo cadastro, pois a informação não é clara. Em alguns casos esse dado não foi informado (N.I).

- Ano: O dado registrado nesse campo da tabela apresenta natureza diversa, registrando na medida do possível a data de encontro/reconhecimento do sítio. Quando a fonte é o CNSA normalmente diz respeito a data de identificação/localização presente na ficha cadastral (correspondendo aos campos *data e ano do registro*), quando a fonte é o arquivo do IPHAN corresponde ao ano do relatório que o cadastrou e quando a fonte é o levantamento bibliográfico corresponde ao ano mencionado como de localização do sítio. Em alguns casos o ano não foi informado (N.I).
- Contexto: Refere-se ao tipo de pesquisa (ou ocorrência) que levou a identificação e pesquisa do sítio e corresponde em geral, mas não somente, à categorização atribuída pelo IPHAN às pesquisas. Como as pesquisas do PRONAPA/IAB representam um contexto com particularidades os sítios relacionados a projetos ligados ao PRONAPA/IAB tiveram essa informação registrada no campo contexto, independentemente de serem projetos acadêmicos ou de contrato. Assim, os valores de registro deste campo podem ser: acadêmico (caso haja nome do projeto, este é informado), *achado fortuito*, *contrato* (arqueologia preventiva, diagnóstico e resgate), *PRONAPA*, *IAB* ou NI (para não informado).
- Bibliografia: essa coluna informa as referências consultadas sobre as informações públicas do sítio.

6 MONTANDO O QUEBRA-CABEÇA

O Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos conta com o total de dois mil cento e quarenta e um (2.141) sítios registrados para o estado de Minas Gerais, ou seja 7, 76% dos vinte e sete mil, quinhentos e oitenta e dois (27.582) sítios registrados para todo o país.

Os sítios arqueológicos mineiros cadastrados no CNSA estão distribuídos por duzentos e setenta e oito (278) municípios, o que significa dizer que 32,59% dos oitocentos e cinquenta e três (853) municípios de Minas Gerais possuem pelo menos um sítio cadastrado. O número de sítios cadastrados para Minas Gerais é inferior apenas àqueles cadastrados para o Rio Grande do Sul (3732 sítios) e para o Pará (2337 sítios). No entanto, considerando apenas estes três estados, quando se leva em conta a densidade de sítios, Minas Gerais ocupa o segundo lugar apresentando três vezes mais sítios a cada 100km² (0,36 sítios) que o Pará (0.18 sítios) ainda que fique muito atrás do Rio Grande do Sul (1,32 sítios a cada 100km²).

Dentre os municípios que apresentam sítios arqueológicos existem registros de contextos funerários “pré-coloniais” para quarenta e três (42) deles, ou seja, em apenas 16,55% dos municípios para os quais há pelo menos um sítio arqueológico cadastrado há registro do achado de sepultamentos humanos, sendo possível dizer também que todas as mesorregiões do estado apresentam sítios com duas exceções: Campo das Vertentes e Vale do Mucuri (Figura 6.1).

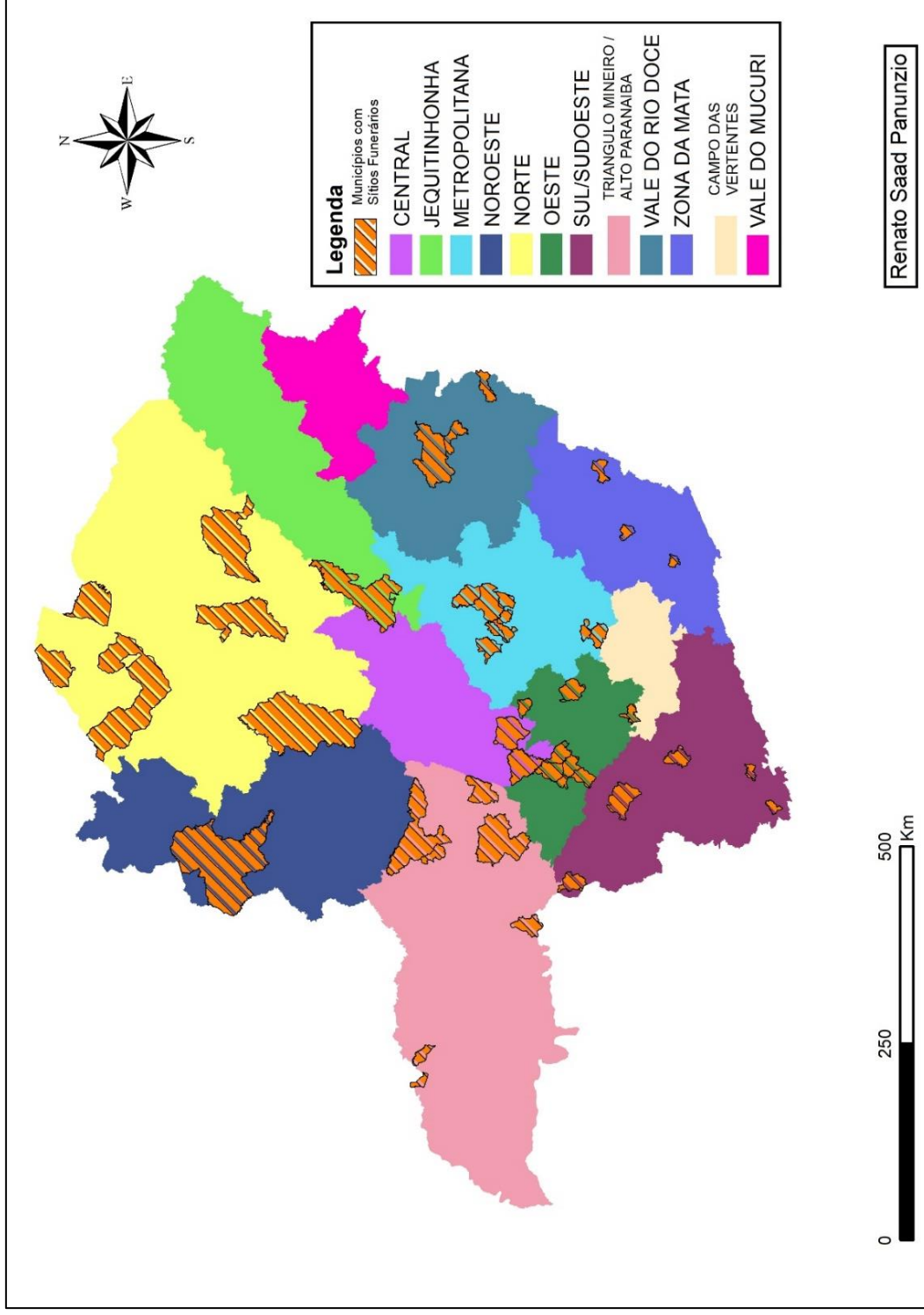


Figura 6.1: Mapa de Minas Gerais: em destaque os Municípios com Sítios Arqueológicos com vestígios funerários.

A seguir são apresentados quantitativamente os resultados obtidos para cada mesorregião de Minas Gerais juntamente com a descrição sucinta dos sítios com achados funerários em cada uma delas, o contexto em que foi localizado e sua inserção na paisagem.

6.1 Jequitinhonha

Recebendo a denominação do rio que corta, a mesorregião Jequitinhonha apresenta como limites as regiões do Vale do Mucuri, Vale do Rio Doce, Metropolitana, Central, Norte de Minas e o Estado da Bahia na porção Sul. O relevo possui características bem diferenciadas ao longo de sua extensão. A unidade denominada Alto Jequitinhonha, onde se localizam os municípios com ocorrências de sítios Funerários, é formada por zonas de extensas chapadas e suas vertentes, possuindo cobertura vegetal predominantemente constituída pelo Cerrado e pelo Campo Cerrado, além de diversos Complexos Rupestres, sendo caracterizada pela presença da agricultura familiar e de garimpos com tamanhos diversos (CARNEIRO; FONTES, 2005).

Na região do Vale do Jequitinhonha, há apenas o município de Diamantina com a presença de sítios funerários (Figura 6.2). Nesse município foram cadastrados oitenta e oito (88) sítios tanto por pesquisas ligadas ao licenciamento ambiental como ligadas a projetos acadêmicos, (Figura 6.3), dos quais apenas dois apresentam vestígios funerários.

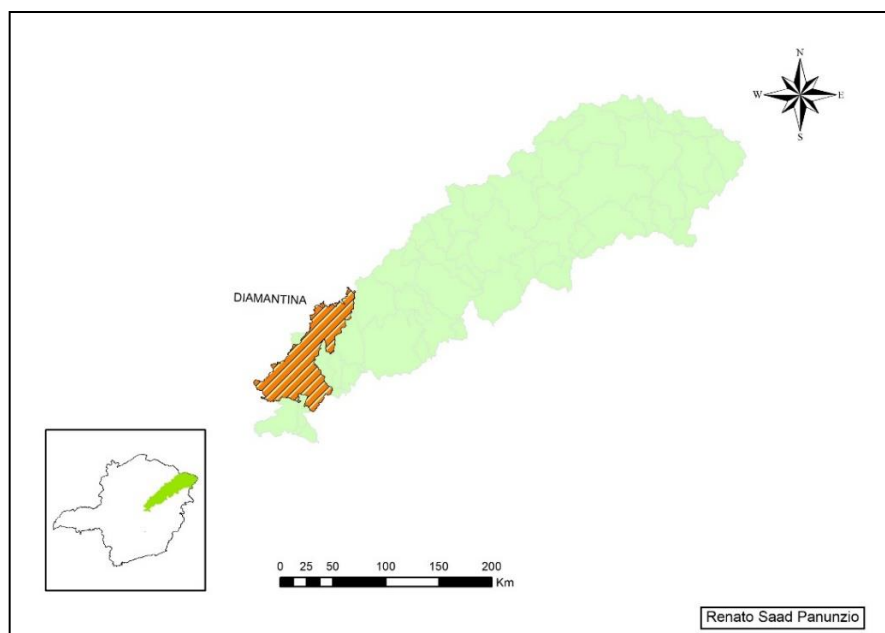


Figura 6.2: Mapa de detalhe da Região do Vale do Jequitinhonha (50359,35 km²), destaque para Diamantina, município com sítio funerário.

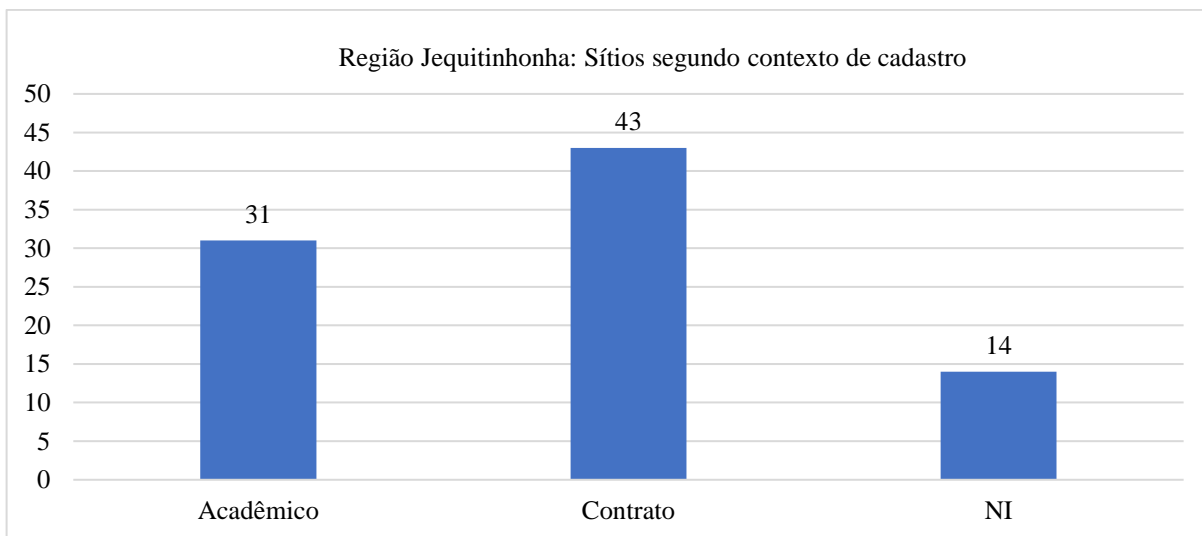


Figura 6.3: Contexto de cadastro dos de sítios nos municípios com Sítios Funerários

Os sítios arqueológicos de Diamantina seguem uma distribuição de cadastro da seguinte forma, 45% foram através de trabalhos de contrato, 41% através de pesquisas acadêmicas e para 14% não foi encontrada informação sobre seu contexto de registro. Os sítios estão majoritariamente em abrigos (Figura 6.4) correspondendo a um percentual de 88% dos sítios, essa relação parece o resultado das grandes extensões cobertas por maciços rochosos que apresentam interesse para a mineração e foram alvo de pesquisas de arqueologia preventiva. Além disso, há um conjunto de 21 sítios cadastrado por Andrei Isnardis Horta no período em que se dedicava a sua tese de doutoramento, a qual também abordava grafismos rupestres.

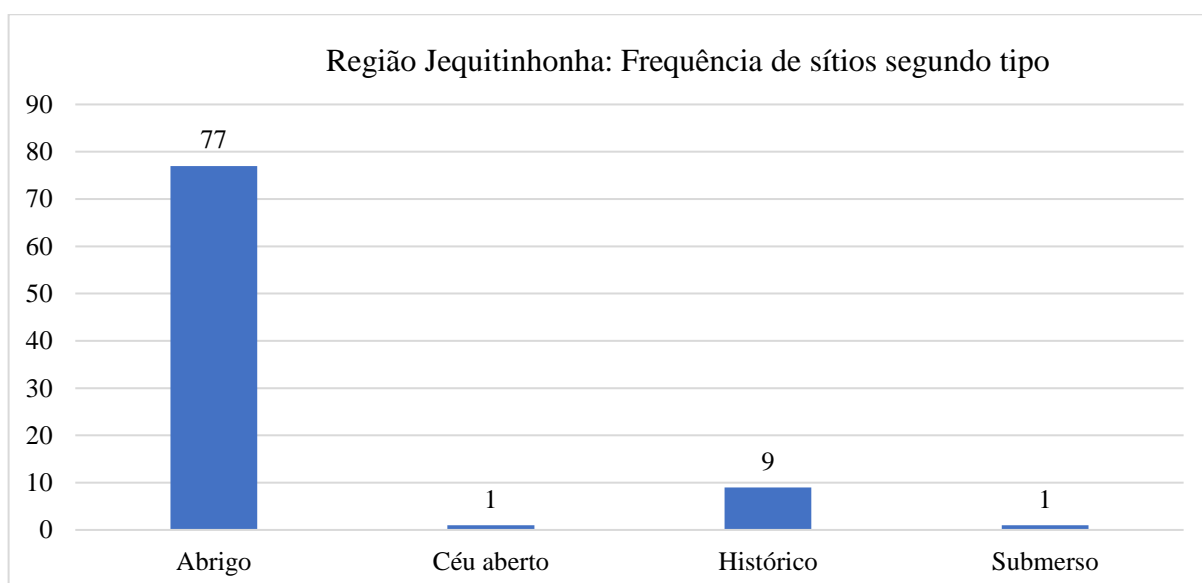


Figura 6.4: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

O período no qual houve maior quantidade de sítios arqueológicos cadastrados nesse município foi a década entre 2000 a 2009, e 42% dos sítios foram cadastrados apenas nesse período, o que parece corroborar a relação entre o cadastramento de sítios e a atuação da arqueologia preventiva. Além disso, é interessante notar que antes dos anos 2000 os sítios foram cadastrados no período imediatamente subsequente ao estabelecimento do Setor de Arqueologia da UFMG (5 sítios), na década de 1970 havendo um intervalo nas décadas de 1980 e 1990 quando nenhum sítio foi cadastrado (Figura 6.5).

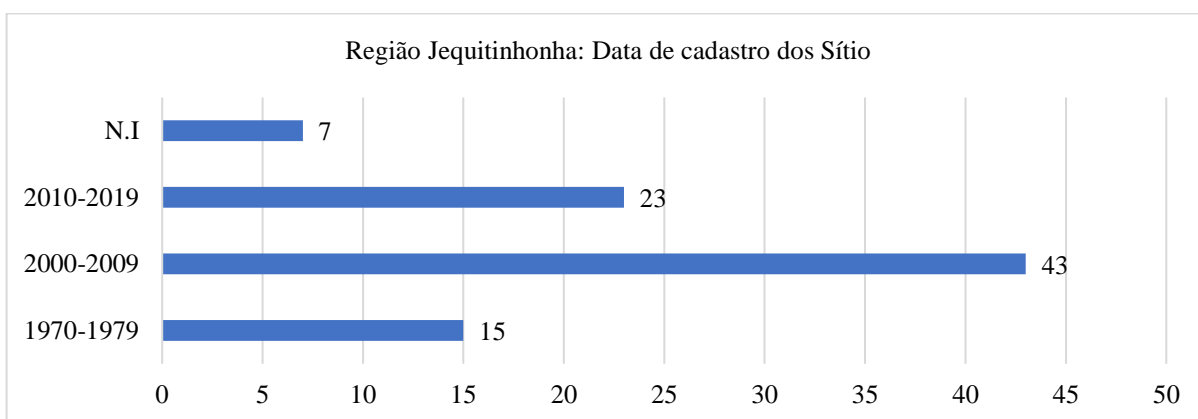


Figura 6.5: Período de cadastro do Sítios nos municípios com sítios funerários na região Jequitinhonha.

6.1.1 Contexto Acadêmico

No município de Diamantina temos o relato de um sítio com sepultamentos secundários, a Lapa do Caboclo, escavado durante o doutoramento de Andrei Isnardis Horta (2009). Na Lapa do Caboclo foram evidenciadas quatro estruturas funerárias, com acompanhamento de muitos vestígios vegetais. As datações para essas estruturas são de $680 \pm 50AP$ e para a base das estruturas vegetais que acompanhavam a datação é um pouco mais recuada, $1.220 \pm 40AP$, sendo por elas atribuído os sepultamentos a grupos horticultores. Nesse sítio, apesar de as estruturas funerárias mais recentes serem costumeiramente ligadas a grupos ceramistas, não foram encontrados vestígios cerâmicos.

O sepultamento I (Figura 6.6 A fotografia do sepultamento, B esquema detalhando os componentes do estojo) composto de um indivíduo infantil, não estando anatomicamente organizado, estava posto dentro de um “recipiente cilíndrico” formado por casca de árvore (HORTA, 2009). Uma das extremidades (N) desse cilindro estava fechada por um pedaço de

couro e a outra extremidade (S) por palha. Marcas de raspagem em duas costelas e a forte presença de pigmento vermelho indicam um alto grau de manipulação desse esqueleto antes de seu depósito definitivo no estojo de couro.

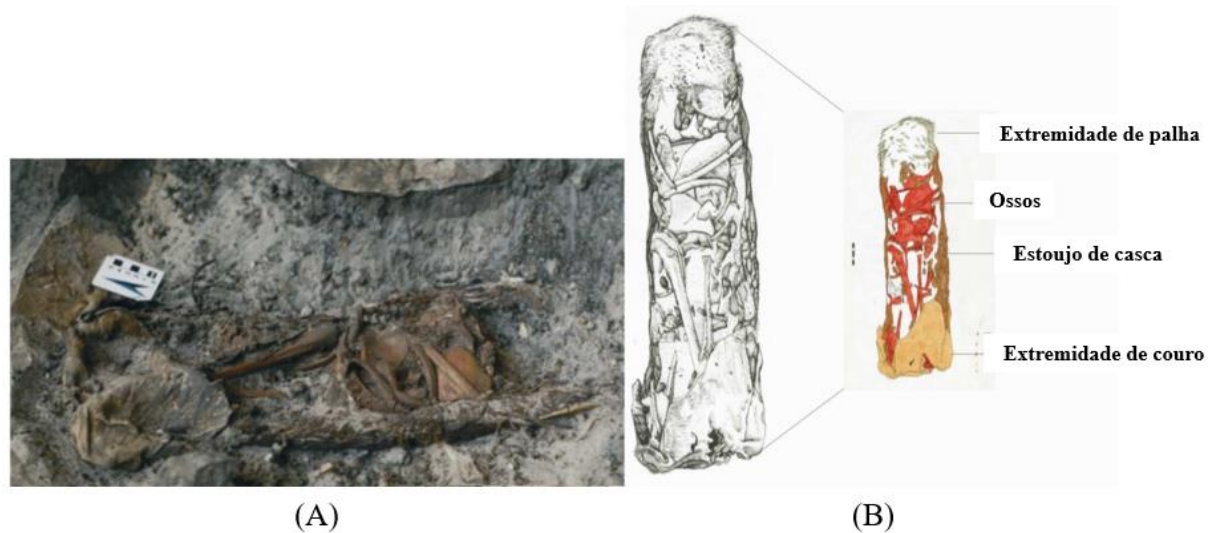


Figura 6.6: (A) Imagem do Sepultamento I da Lapa do Caboclo. (B) Esquema representando o Sepultamento I da Lapa do Caboclo.

Fonte: (HORTA 2009, p. 235).

A estrutura do sepultamento II (Figura 6.7 e Figura 6.8) não estava totalmente enterrada, no seu local de deposição o extrato sedimentar não era suficiente para cobrir o estojo. Percebe-se que a base rochosa do abrigo foi ligeiramente escavada para tentar alcançar a profundidade necessária, no entanto ainda assim os esforços foram insuficientes. Para completar o sepultamento, ele foi coberto com blocos de quartzito com tamanhos entre 30 e 50 cm (HORTA, 2009).



Figura 6.7: Contexto do Sepultamento II da Lapa do Caboclo.

Fonte: (HORTA 2009, p. 237).



Figura 6.8: Detalhe do Sepultamento II na Lapa do Caboclo.

Fonte: (HORTA 2009, p. 237).

Outros dois sepultamentos foram evidenciados, sepultamento III e sepultamento IV, porém estes sofreram processos intensos de bioturbação, tendo seus invólucros de madeira prejudicados pela ação de cupins, tanto na degeneração pela alimentação como a construção de tuneis em meio aos vestígios. Os vestígios ossos presentes dentro dos estojos não estavam completos podendo inclusive, segundo o autor, serem os dois estojos relativos a um único indivíduo. O autor ainda levanta a possibilidade de os sepultamentos estarem ligados aos Bororos pela semelhança na forma de sepultar os mortos em invólucros de origem vegetal (HORTA, 2009).

6.1.2 Contrato

Nos municípios da região não foram encontrados sítios arqueológicos com vestígios funerários dentro dessa modalidade de pesquisa.

6.1.3 Fortuito

Nos municípios da região não foram encontrados sítios arqueológicos com vestígios funerários citados como achados fortuitos.

6.2 Central

A região Central apresenta limites com as regiões Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Noroeste, Norte, Jequitinhonha, Oeste e Metropolitana. apresentando limites com as regiões Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Noroeste de Minas, Norte de Minas, Jequitinhonha, Oeste de Minas e Metropolitana de Belo Horizonte.(CARNEIRO; FONTES, 2005).

No limite sul da região, a Serra da Canastra torna o relevo um pouco mais acidentado do que ao norte, região essa influenciada pelo Rio São Francisco. A barragem de Três Marias faz parte de sua geografia e culturas de extensão como criação de gado, plantações de milho e algodão fazem parte da economia agrícola. Essas atividades extrativistas influenciaram no perfil dos achados arqueológicos (CARNEIRO; FONTES, 2005).

Os municípios de Luz e Bom Despacho apresentam registro arqueológico de cunho funerário (Figura 6.9) Nesses municípios, onde são poucos os sítios cadastrados, foram

realizados levantamentos arqueológicos tanto no escopo acadêmico quanto no âmbito da arqueologia preventiva, responsável pelo registro de 66% dos sítios, 15% deles foram registrados através de pesquisas acadêmicas e para 19% não foi possível recuperar essa informação (Figura 6.10).

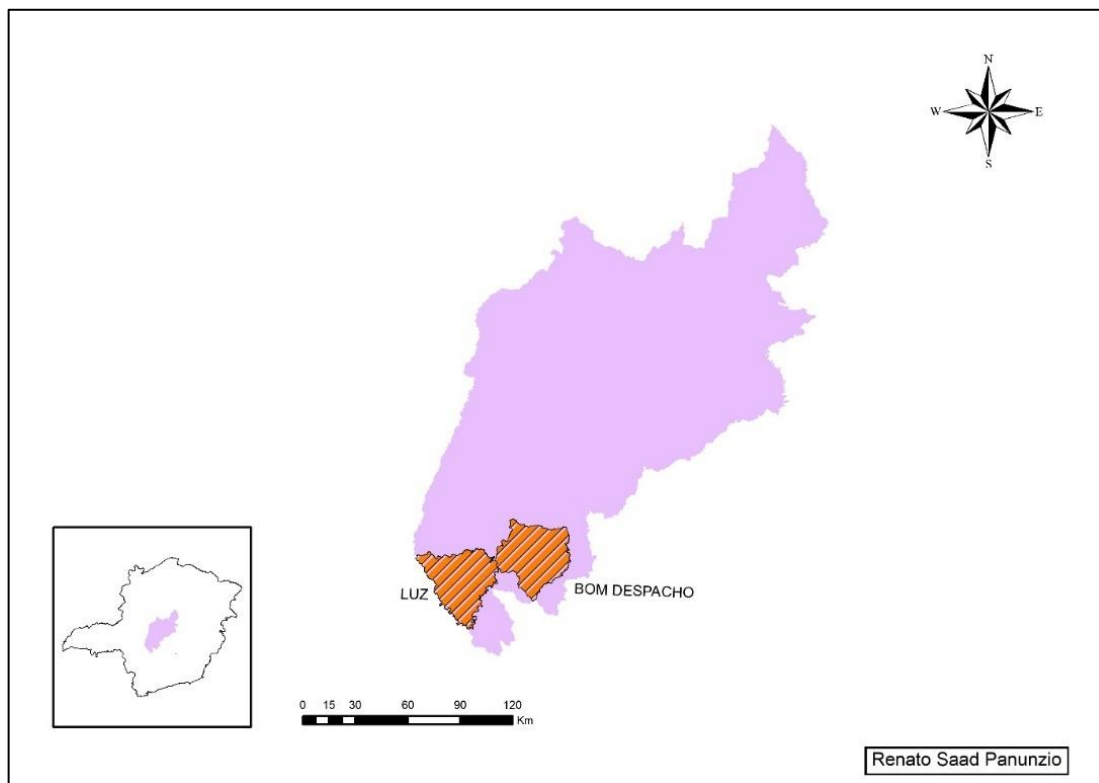


Figura 6.9: Mapa de detalhe da Região Central (3.470,78 km²), destaque para os municípios com sítios funerários.

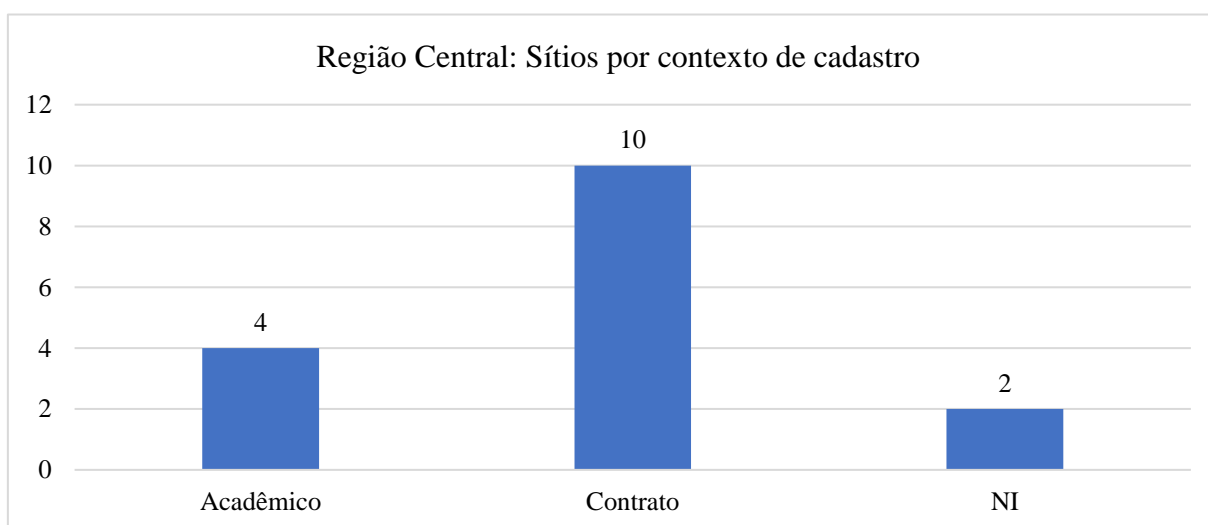


Figura 6.10: Contexto de cadastros de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

Nessa região a concentração de sítios a céu aberto é alta, (88%) e apenas 8% encontram-se em abrigos, 4% não encontramos a informação. Dado o volume de atividade agrícola extensiva os números de sítios a céu aberto localizados parece ser o resultado do manejo dos campos (Figura 6.11). As primeiras identificações de sítios arqueológicos datam da década e 1970 e 15% dos registros são desta época, porém o maior número de sítios (46%) foi cadastrado entre 2010 e 2019 (Figura 6.12).

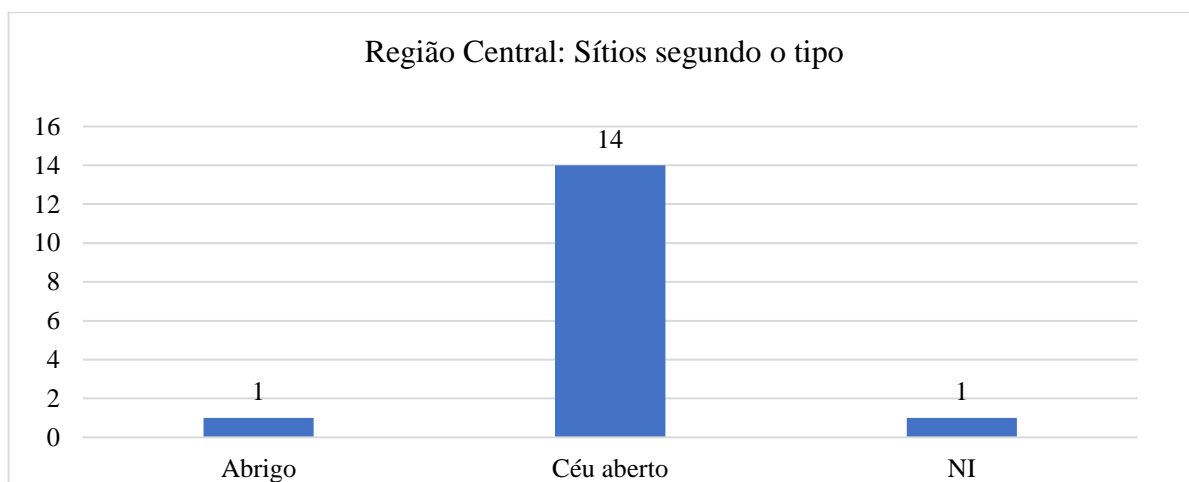


Figura 6.11: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

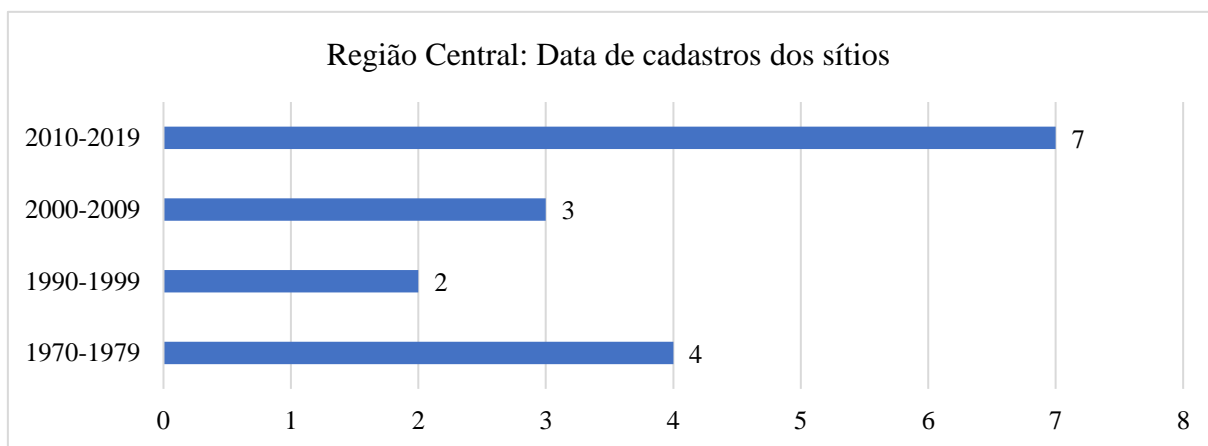


Figura 6.12: Período de cadastro dos Sítios Arqueológicos.

6.2.1 Acadêmico

No município de Bom Despacho foram localizados dois sítios com vestígios funerários, o Sítio Indaiá e o Sítio Extrema ambos com indicação de urnas funerárias contendo remanescentes ósseos em seu interior.

Os trabalhos de escavação desse material foram realizados pelo Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da Universidade Federal de Juiz de Fora e o material proveniente da escavação se encontra no Museu da Cidade no município origem do material, Bom Despacho.

Para o Sítio Indaiá a informação da presença de urna funerária e de esqueleto aparece na descrição sumária do local e não no local correto da Ficha do CNSA. Quanto ao Sítio Extrema ele não possui uma ficha de cadastro disponível no site do IPHAN, ou seja, não consta do banco de dados do CNSA, e ele foi localizado apenas na pesquisa no Arquivo do IPHAN em Belo Horizonte, mencionado no relatório número 01514.001037/2010-16. Apesar desses dois sítios terem sido escavados em um contexto acadêmico, não foram localizados trabalhos ou produções acadêmicas que tratassem sobre seus vestígios que permanecem referido superficialmente no relatório.

6.2.2 Contrato

Nos municípios da região não foram encontrados sítios arqueológicos com vestígios funerários cadastrados através de trabalhos de contrato.

6.2.3 Fortuito

No Município de Luz foi informado ao IPHAN no ofício número 013-ARQUEO/99 pelo Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (MHNJB/UFMG) o achado de uma urna funerária. As professoras que a encontraram fizeram contato com o professor André Prous que designou a arqueóloga Maria Teresa T. de Moura para visitar o local e identificar o estado de conservação do material.

Em ofício número 264/99 da 13ª regional agradece a informação e o empenho do Museu, salienta a falta de funcionários para atender a demandas externas e pede informações sobre o achado, além disso nada mais foi encontrado sobre a sequência do caso.

Foi localizado nos arquivos do IPHAN um recorte do Jornal Estado de Minas, datado de 17 de novembro de 1999 noticiando que o IPHAN iria realizar uma avaliação de urnas funerárias encontradas no município de Leandro Ferreira durante prospecção realizada no entorno da BR 262. No entanto não foram localizados mais documentos ou menções sobre os

artefatos encontrados nem mesmo citações sobre a presença ou não de vestígios osteológicos no interior ou nas proximidades do achado.

6.3 Metropolitana

A região metropolitana é marcada pelo alto grau de industrialização, mais especificamente a siderurgia, possui um relevo, na parte central, de planalto, cercado por montanhas e serras, ao norte a Serra do Cipó, a leste a formação do quadrilátero ferrífero (CARNEIRO; FONTES, 2005). A agropecuária tem um papel pequeno frente a dinâmica industrial e extrativista da região, que inclui a área do carste de Lagoa Santa, além da Serra do Cipó destacando-se pelo número elevado de municípios (9) com a sítios funerários (Figura 6.13).

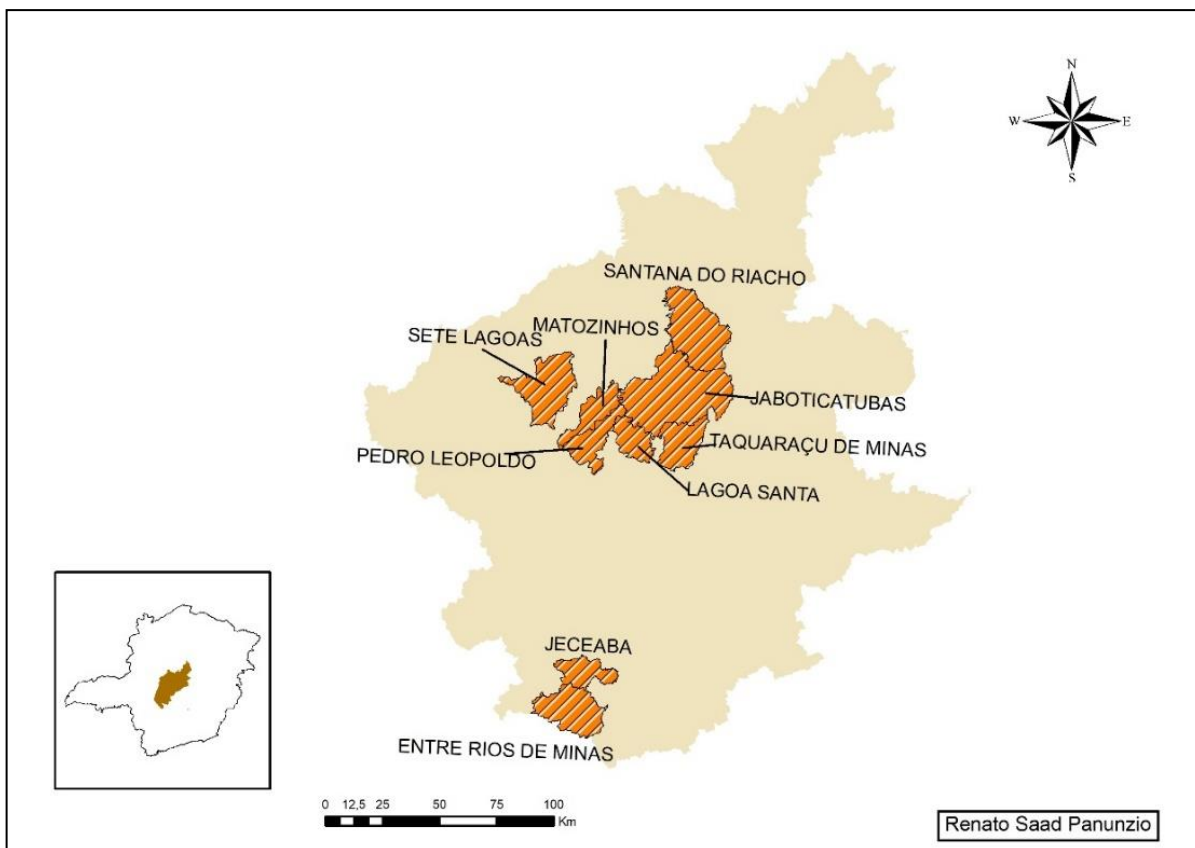


Figura 6.13: Mapa de detalhe da Região Metropolitana (4.180,559 km²), destaque para os municípios com sítios funerários.

As frequências observadas nesses municípios para sítios em abrigos e sítios a céu aberto é parecida, 42% estão localizados em abrigos e 43% localizados em área a céu aberto (Figura 6.14).

O grande volume de sítios cadastrados na década de 1970 decorre dos trabalhos realizados pela Missão Francesa no Brasil, como já dito anteriormente, estudos esses capitaneados por Annette Laming-Emperaire. Do total, 49% dos sítios hoje cadastrados, foram registrados nesse período. Esse período é seguido por um pequeno número de cadastros nas décadas de 1980 e 1990 e em sequência um novo pico de cadastros a partir de 2000. Dos sítios cadastrados a partir dos anos 2000 apenas 07 sítios foram registrados no contexto de pesquisas acadêmicas, majoritariamente no ano de 2001 quando do início do Projeto Origens coordenado por Walter Neves, enquanto que 38 foram cadastrados no escopo de pesquisas de arqueologia preventiva (Figura 6.15).

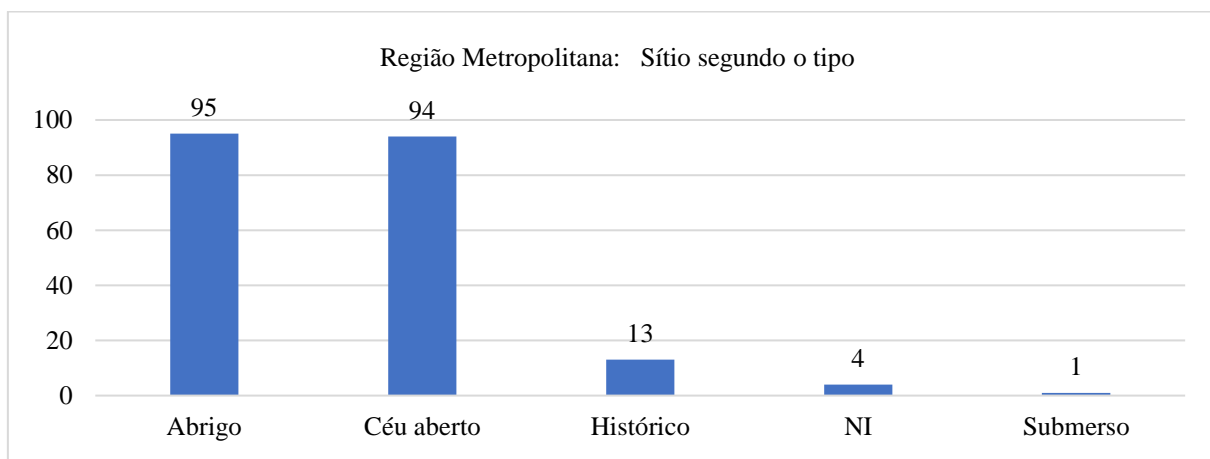


Figura 6.14: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

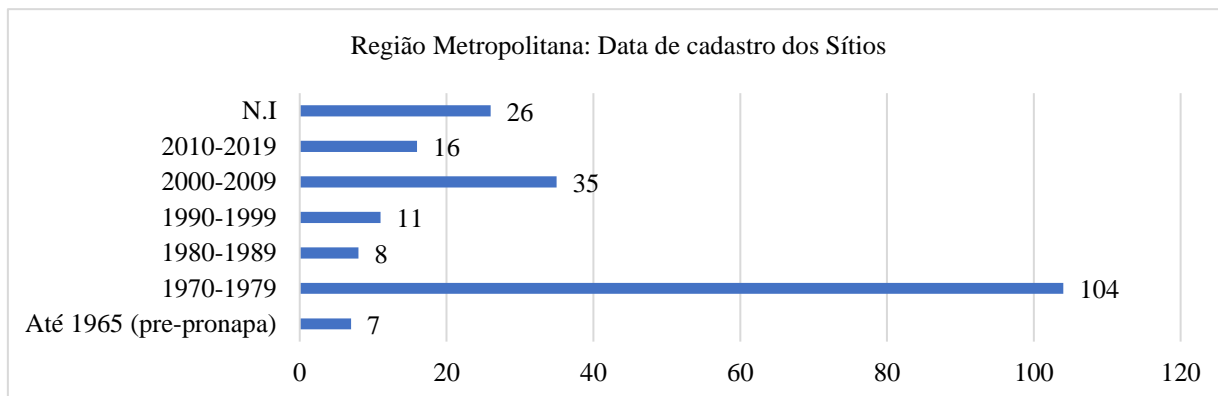


Figura 6.15: Período de cadastro dos Sítios Arqueológicos.

Alvo de diversas pesquisas arqueológicas desde o século XIX, e uma das regiões centrais para a discussão sobre a ocupação do continente americano e a origem dos povos americanos, a região metropolitana concentra maior número de sítios cadastrados em contexto de pesquisas acadêmicas (61%) contra 25% registrados em função de trabalhos de arqueologia preventiva (principalmente após o ano 2000), em geral vinculada a minerações, havendo ainda 14% para os quais não obtivemos essa informação (Figura 6.16).

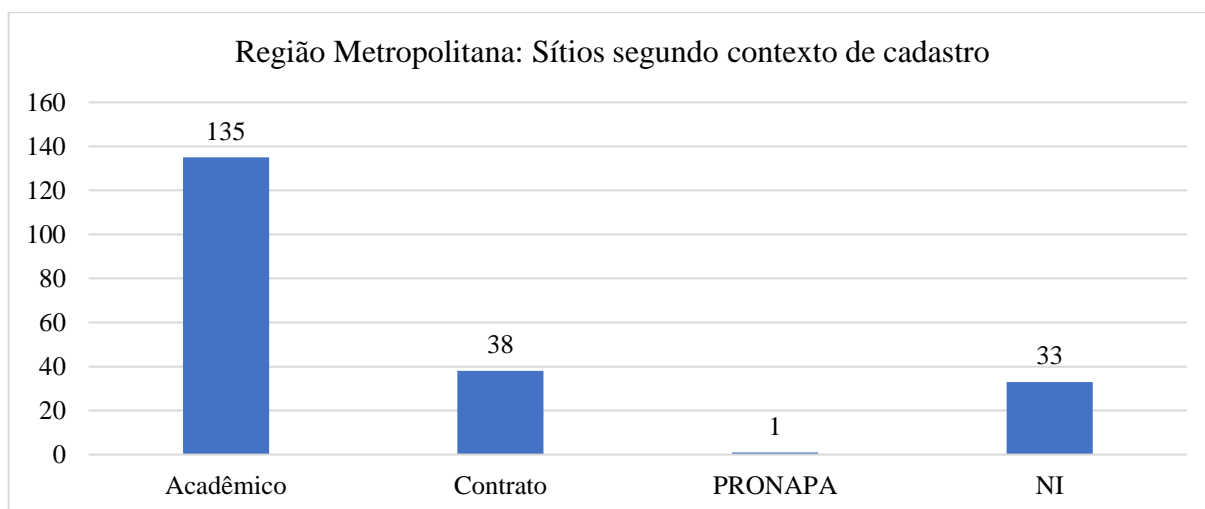


Figura 6.16: Contexto de cadastros de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

6.3.1 Acadêmico

Atualmente um dos sítios mais importantes na região, também trabalhado no âmbito do “Projeto Origens”, é a Lapa do Santo. Nas etapas de escavação nos anos de 2001, 2003, 2005 e 2008 foram exumados 27 sepultamentos, estando todos em ótimo estado de preservação, em etapas de campo que quedaram sob coordenação de Astolfo Araújo, Danilo Bernardo e Renato Kipnis (COSTA, 2016). Resultaram do Projeto “Origens” mais de 200 publicações acadêmicas (COSTA, 2016), entre as quais no tema das práticas funerárias destaca-se o trabalho de André Strauss. Houve ainda uma grande quantidade de trabalhos que utilizaram a série esquelética para responder a várias questões sobre a origem e antiguidade da ocupação americana e sobre aspectos de saúde e estilo de vida (DA-GLORIA; OLIVEIRA, 2016; STRAUSS, 2016a, 2010, 2016b).

Em sua dissertação de mestrado André Strauss (2010), um trabalho seminal sobre Arqueologia Funerária na região de Lagoa Santa, definiu sete padrões para os sepultamentos

do sítio. Esses padrões resultam da análise de fatores que aproximam um determinado grupo de indivíduos, posicionamento de membros (fletidos ou estendidos), partes faltantes (ausência de ossos), presença de pigmentos, tipo de cova, entre outros fatores.

A partir de 2011 um novo projeto, “As práticas mortuárias dos primeiros americanos”, coordenado por André Strauss e por Rodrigo Elias de Oliveira continuou os trabalhos na Lapa do Santo e mais dez sepultamentos foram exumados. Nesses sepultamentos também foram observados elementos de alguns dos padrões estabelecidos para o sítio, incluindo variados graus de manipulação (STRAUSS, 2016a).

Ainda no contexto das pesquisas do projeto ‘Origens e Microevolução...’, no município de Taquaraçu de Minas, o abrigo denominado Lapa Grande de Taquaraçu foi escavado entre 2003 e 2008 por Astolfo Araújo. O sítio possui uma área abriga de cerca de 270m² dos quais 7m² foram escavados. Nas escavações observou-se que o pacote arqueológico possui uma espessura de 1,20m (CHIM, 2019).

Na quadra G8 próximo ao nível arqueológico 9 foi encontrado o sepultamento de um indivíduo juvenil em mau estado de conservação, na quadra H8, um segundo sepultamento, agora de um recém-nascido foi localizado abaixo de uma placa de calcário (ARAUJO; NEVES; KIPNIS, 2012; CHIM, 2019).

O Sítio Lapa das Boleiras foi escavado ainda em 1930 por engenheiros ligados a Escola de Minas de Ouro Preto, sendo novamente objeto de pesquisa vinte anos depois com a incursão feita por Wesley Hurt e Oldemar Blasi quando foram encontrados dois sepultamentos datados diretamente já nos anos 2000 (ARAUJO et al., 2008; DA-GLORIA; NEVES, 2009). Mais recentemente esse mesmo abrigo foi escavado também no escopo do projeto “Origens e Microevolução do Homem na América: uma Abordagem Paleoantropológica”, resultando na recuperação de mais 3 sepultamentos, os quais passamos a descrever sucintamente com base no que está publicado por Astolfo Araújo (2008).

O Sepultamento III foi recuperado nas quadras K10 e K11, tratando-se de um indivíduo juvenil (9 e 15 anos) que está datado por associação com carvões no intervalo entre 9.500 a 9.300 anos BP (calibrada) e 9.300 a 9.000 direta (colágeno) anos BP também calibrada (ARAUJO et al., 2008). Esse indivíduo foi depositado em um sepultamento secundário, em profundidade bastante rasa (cerca de 20cm) apresentando ossos longos arranjados parcialmente

no interior do crânio (NEVES; HUBBE; ARAUJO, 2002). Houve o uso de pigmento vermelho em profusão havendo a sugestão de manipulação de alguns ossos longos que teriam sido utilizados para fazer a distribuição do ocre (DA-GLORIA; NEVES, 2009).

O Sepultamento IV, encontrado em camada um pouco mais profunda que o anterior (60cm) também é um juvenil (5 e 10 anos) foi depositado em um sepultamento primário e foi datado por associação com carvões no intervalo entre 10.200 a 9.700 anos BP (carvão associado) e 8.500 a 8.200 (carvão associado) (ARAUJO et al., 2008; DA-GLORIA; NEVES, 2009), embora apenas os membros inferiores (tíbias, fíbulas e pés) tenham sido recuperados uma vez que o restante do corpo sofreu alterações tafonômicas ocasionadas por um tatu e não foi recuperado (DA-GLORIA; NEVES, 2009).

O Sepultamento V, um adulto entre 20 e 25 anos foi encontrado a apenas 5 cm abaixo da superfície, muito perturbado, sendo datado por associação com carvões de 9.900 a 9.600 BP (carvão associado, data calibrada) (ARAUJO et al., 2008, DA-GLORIA; NEVES, 2009)

Ainda no Abrigo das Boleiras diversos fragmentos ósseos humanos isolados foram encontrados e a Tabela 6.1 sistematiza essas informações (DA-GLORIA; NEVES, 2009).

Tabela 6.1: Profundidade dos vestígios localizados de forma esparsa no Abrigo das Boleiras.

Quadra	Profundidade dos vestígios (cm)
J11	20 a 60
J12	20 a 40
K12	30 a 40 e de 100 a 110
L10	10 a 20
L11	30 a 70
L17 e M17	10 a 50 e dos 90 aos 110
M17	0 a 30 e de 70 a 90
N11	30

Fonte: (DA-GLORIA; NEVES, 2009).

Boleiras II, abrigo localizado ao sul do abrigo das Boleiras, foi escavado em 2002 dentro do mesmo projeto de pesquisa e nele foi encontrado o sepultamento de um jovem adulto entre 25 e 35 anos, articulado mas muito incompleto (faltando crânio e alguns ossos longos), a uma profundidade de 25 centímetros com três estruturas de blocos ao seu redor (DA-GLORIA; NEVES, 2009).

Saindo da região do Carste de Lagoa Santa e passando ao município próximo de Santana do Riacho, nas imediações da Serra do Cipó, localiza-se o Grande Abrigo de Santana do Riacho, Sítio que foi escavado pelo setor de Arqueologia do Museu de História Natural da UFMG e pela missão Franco–Brasileira, desde 1976 até o final da década de 1980. As publicações do MHN/UFMG de 1992 e 1993 trazem as descrições e interpretações, bem como os resultados dos trabalhos de campo e análises laboratoriais concluídas (PROUS, 1992a).

Desse sítio foram levantados 40 indivíduos, estando eles concentrados em uma área de aproximadamente 12m² e datações variando entre 8.000 e 10.000 AP (PROUS, 1992b) (Figura 6.17). Os indivíduos da área de escavação II foram depositados circundando um grande bloco caído o qual parece ter sido utilizado como marcação para os sepultamentos. Essa associação com grandes blocos de pedra ou conjuntos de blocos menores parece ter sido um elemento estruturador pois não foram evidenciados sepultamentos afastados de blocos (SOUSA, 2016). Os sepultamentos foram feitos em pequenas covas ovais e os indivíduos foram envoltos em redes ou amarrados, usava-se corante e associava-se aos sepultamentos vegetais e carvão (SOUSA, 2016). Em geral os sepultamentos eram primários e os indivíduos depositados em decúbito lateral, com vários acompanhamentos como batedores, fragmentos de quartzos e em caso de indivíduos jovens colares de sementes e uma quantidade maior de ocre que aquela reservada aos adultos (PROUS, 1992b, PROUS; RODET, 2009). Os autores chamam a atenção para a regularidade das características observadas para as sepulturas, destacando a existência de dois sepultamentos desviantes ao padrão: Uma jovem mulher interpretada como grávida e uma senhora idosa (SOUSA, 2016; PROUS, 1992b, PROUS; RODET, 2009).

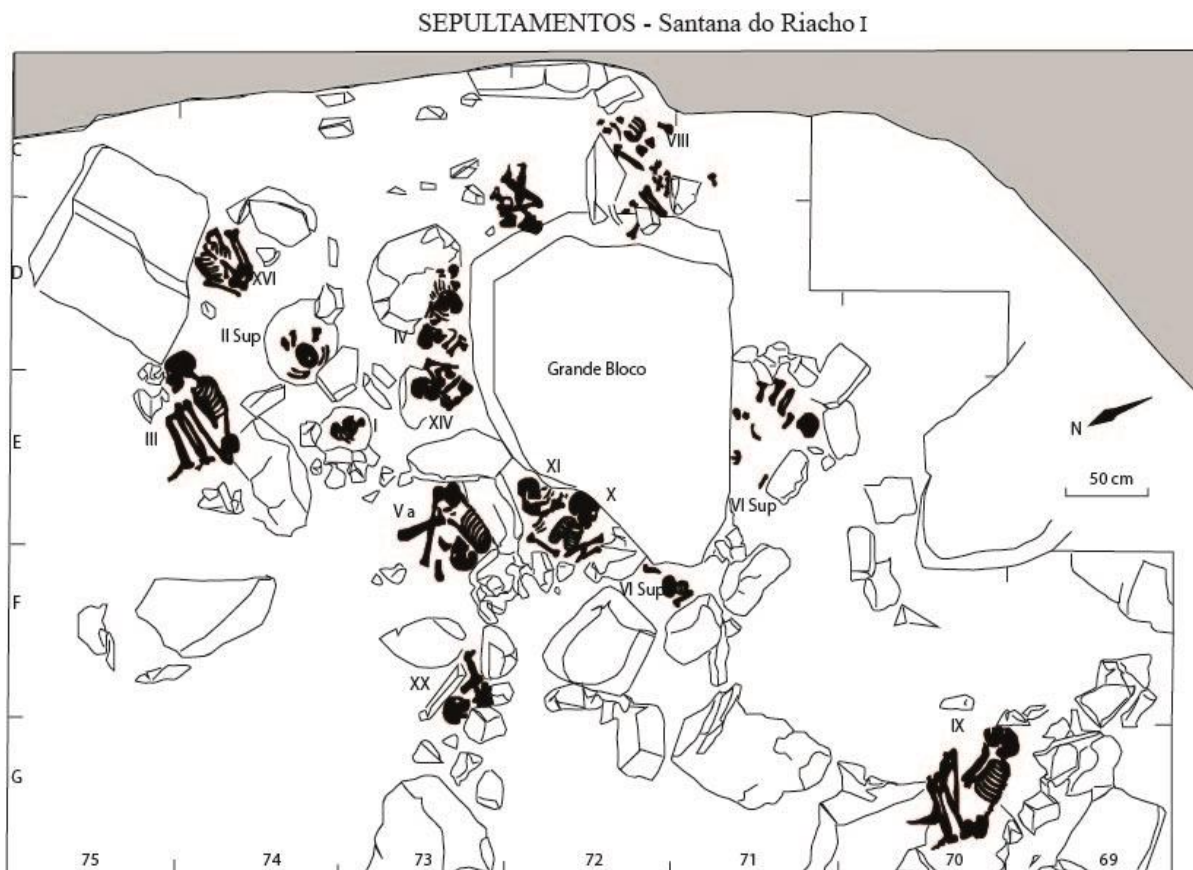


Figura 6.17: Representação dos sepultamentos do primeiro momento em Santana do Riacho

Fonte: Adaptado de PROUS, 1992b p. 24

O Sítio Lapa Vermelha IV é um dos mais importantes sítios da arqueologia brasileira, tendo sido nele que Madame Annette Laming-Emperaire recuperou nas escavações da missão francesa (1975-1976) o esqueleto feminino que acabou conhecido de Luzia (PILÓ; NEVES, 2003; DA-GLORIA; NEVES; HUBBE, 2014). E sendo as datações obtidas para este contexto as primeiras a colocarem grupos humanos e megafauna pleistocênica em associação.

Nele também foram encontrados vestígios esqueléticos de uma preguiça terrícola, em um nível superior ao que foi encontrado os ossos de Luzia, com datação de 9.580 ± 200 anos BP (não calibrada). Já o esqueleto de Luzia foi datado em 11.000 e 11.500 anos BP. (PILÓ; NEVES, 2003). Por outro lado, apesar da importância desse esqueleto para as questões da ocupação humana da América, Luzia nada informa sobre práticas funerárias pois foi encontrada em uma situação de deposição acidental (PROUS, 2016).

Há ainda referências a esqueletos datados para a Lapa do Braga (recuperados por Lund) e recentemente datados em 9.780 ± 70 anos BP (não calibrada) e para Lapa do Bau com datações diretas de remanescentes humanos ósseos de 8830 ± 50 BP (calibrada) (BUENO; DIAS; STEELE, 2013; STRAUSS; OLIVEIRA, 2018), porém não foram encontradas descrições ou maiores informações sobre as escavações realizadas nestes abrigos.

Além dos sítios sistematicamente escavados e razoavelmente bem documentados descritos acima, há uma grande quantidade de contextos de encontro de remanescentes humanos, que em boa parte deveriam corresponder a contextos funerários, mas para os quais não existe descrições. Em trabalho apresentado no congresso brasileiro de espeleologia Pedro Da-Gloria, Walter Neves e Mark Hübbe (2014) compilaram informações para alguns sítios da região metropolitana escavados antes dos anos de 1960 (Tabela 6.2).

Tabela 6.2: Dados sistematizados.

Pesquisador	Sítios	Data	Nº indivíduos	Referência
Peter Lund	Gruta do Sumidouro	1845	Mais de 30, associados a animais extintos	LUND, P. W. Notícia sobre ossadas humanas fósseis achadas numa caverna no Brasil. In: COUTO, C. P. (Org.). Memórias sobre a paleontologia brasileira. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1845 [1950], p. 465-484.
Cássio Umberto Lanari	Lapa do Caetano	1909	3	LANARI, C. U. Ossadas humanas fósseis encontradas numa caverna calcárea das vizinhanças do Mocambo. Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto, v. 11, p. 15-35, 1909.
Jorge Henrique Augusto Padberg Drenkpol	Lapa do Caetano, Lapa Mortuária, Lapa da Limeira, Lapa d'Água e Lapa da Moreira	1926	Mais de 100	PADBERG-DRENKPOL, J. H. Relatório de duas excursões à região calcárea de Lagoa Santa em 1926. Relatório, Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1926.
José Bastos de Ávila	Lapa das Carrancas	1937	12	ÁVILA, J. B. Excursão às grutas e cavernas "Carrancas", Nova Granja, M.G – 1937. Relatório, Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1937
Harold Walter	Abrigo de Limeira, Abrigo de Mãe Rosa, Abrigo de Samambaia, Abrigo do Eucalipto, Abrigo do Galinheiro, Abrigo do Sumidouro e Lagoa Funda	1958	Sem número definido.	WALTER, H. V. Arqueologia da região de Lagoa Santa, Minas Gerais: índios pré-colombianos dos abrigos-rochedos. Rio de Janeiro: Sedogra, 1958

Fonte: (DA-GLORIA; NEVES; HUBBE, 2014).

6.3.2 Contrato

O relatório técnico produzido por Loredana Ribeiro em 2008, referente ao projeto “Diagnóstico Arqueológico Fazenda Capão Grande” (Processo IPHAN Nº 01514.000353/2008-48, arquivado na caixa 38 do CDI do IPAHN de Belo Horizonte), dá conta do encontro de um sepultamento durante a abertura de uma sondagem no Sítio Abrigo 1 (UTM 571637 / 7846662), município de Sete Lagoas.

No relatório Loredana Ribeiro descreve o sítio como um amplo abrigo de 35m x16m chegando até a 7 metros de altura, com sinais de que sofre com alagamentos periódicos e visita frequente de animais de grande porte. A pequena sondagem de 0,5m X 1m, aberta em meio aos blocos do salão, atingiu 70 cm sendo interrompida quando do encontro de fragmentos de ossos humanos identificados como pertencentes à cintura pélvica. Nos níveis anteriores ao encontro dos ossos, desde 15 cm de profundidade foram identificados carvões, fragmentos de líticos e osso de fauna. Segundo a arqueóloga refere em seu relatório o esqueleto encontrava-se completo e a escavação foi interrompida porque não haveria tempo hábil o indivíduo fosse escavado de maneira adequada.

É importante notar que a ficha referente ao cadastro do sítio junto ao CNSA não se encontra disponível para consulta no banco de dados e as informações estão apenas no relatório físico.

No município de Entre Rios de Minas por demanda da Prefeitura municipal, ao encontrar uma urna funerária durante o processo de retirada de cascalho em uma localidade do município, foi feito contato com o Professor André Prous da UFMG para que se realize uma vistoria no local, a qual levou à confirmação do caráter arqueológico do material e ao resgate e prospecção sistemática da área definida como prioritária pela equipe de arqueólogos.

O relatório consultado (597632/7715100) informa que o local do Sítio, denominado João Maia homônimo ao proprietário da terra, é um terraço fluvial com cerca de 250m de diâmetro, e que os vestígios encontram-se em uma camada arqueológica com cerca de 30cm de espessura “apoiada” sobre uma camada de 1m de cascalho de quartzo (sendo esse o objeto da extração da prefeitura).

O material foi encontrado disperso, quase sempre cacos de cerâmica com dimensão inferior a 5cm e espessura de 0,5cm a 2cm. Próximo ao local onde foi encontrada a urna recuperou-se diversos cacos associados a ela, potes pequenos (de 10cm a 20cm de diâmetro) e médios (de 30 a 40 cm de diâmetro), algumas conchas e remanescentes humanos (fragmentos ósseos e dentes) e grandes fragmentos de cerâmicas ligados a urna (Figura 6.18). Em laboratório a urna foi descrita como “*formato ogival, sem decoração; as bordas são diretas e o diâmetro máximo chega a cerca de 70cm, mas a espessura, com exceção do fundo, não atinge 3cm. O material possui uma afinidade com a Tradição Uma*” (LIMA; ISNARDIS, 2000).



Figura 6.18: Ossos humanos carregados pela ação do tratos em meio a fragmentos cerâmicos, quadra J1.

Fonte:(LIMA; ISNARDIS, 2000 p. 18)

O relatório informa também que os remanescentes ósseos sofrem uma curadoria e análise sumária, sem a participação de um bioantropólogo ou um especialista em ossos humanos (por questões financeiras), o que resultou em uma catalogação simples dos 27 dentes e classificação anatômica também simples dos fragmentos ósseos (mal preservados) encontrados. Foi registrada a presença de vertebras, costelas, fragmentos da caixa craniana, ossos longos de membros inferiores, metatarsos e calcâneo associados a apenas um indivíduo.

É importante notar que o achado de sepultamentos em sítios a céu-aberto na região metropolitana é raro, fazendo desde um dos raros casos.

6.3.3 Fortuito

Registraremos aqui a informação de um sítio denominado Lapinha do Cipó (CNSA: MG00337) no município de Jaboticatubas descoberto em 1973 por Fernando Paiva e indicado como possuidor de vestígios funerários. No ano seguinte quando a equipe de arqueólogos do MHNJB da UFMG retornaram ao abrigo para iniciar a escavação descobriram que este havia sido saqueado por curiosos, dessa forma puderam “*apenas testar uns restos marginais de sedimento*” (PROUS, 1991) e não produziram um relatório ou informações mais específicas pela falta de contexto resultante da depredação sofrida no abrigo.

No município de Jeceaba existe o cadastro do Sítio São Mateus I (CNSA: MG00281) realizado em 1997 por Loredana Ribeiro. Na ocasião houve apenas o registro do sítio estando ele a céu aberto e em via pública, mais especificamente uma estrada. Os vestígios estão dispersos por 978m e entre eles foi possível identificar fragmentos cerâmicos dispersos de urna funerária. Os fragmentos concentram-se principalmente no corte da estrada. Não há informação sobre a realização de procedimentos de coleta, e guarda do material. Para além da menção à cerâmica atribuída às urnas funerárias, não constam mais informações na ficha de cadastro e não se encontram menções desse sítio em outros trabalhos, de maneira que o configuramos aqui como um achado fortuito.

6.4 Noroeste

Fazendo divisa com os estados de Goiás e Bahia a região Noroeste de Minas Gerais (Figura 6.19) possui uma vasta vegetação típica do cerrado que tem dado espaço a práticas de agropecuária, principalmente criação de gado de corte e grãos para exportação, em função desse tipo de produção tem se conformado grandes propriedades agrícolas. Nesta região estão registrados sítios apenas para o município de Unaí, incluindo a Gruta do Gentio, sendo em sua maioria sítios a céu aberto, que superam os abrigos em mais que o triplo (Figura 6.20), localizados em sua quase totalidade em pesquisas de Arqueologia preventiva da década 2000-2009 (Figura 6.21).

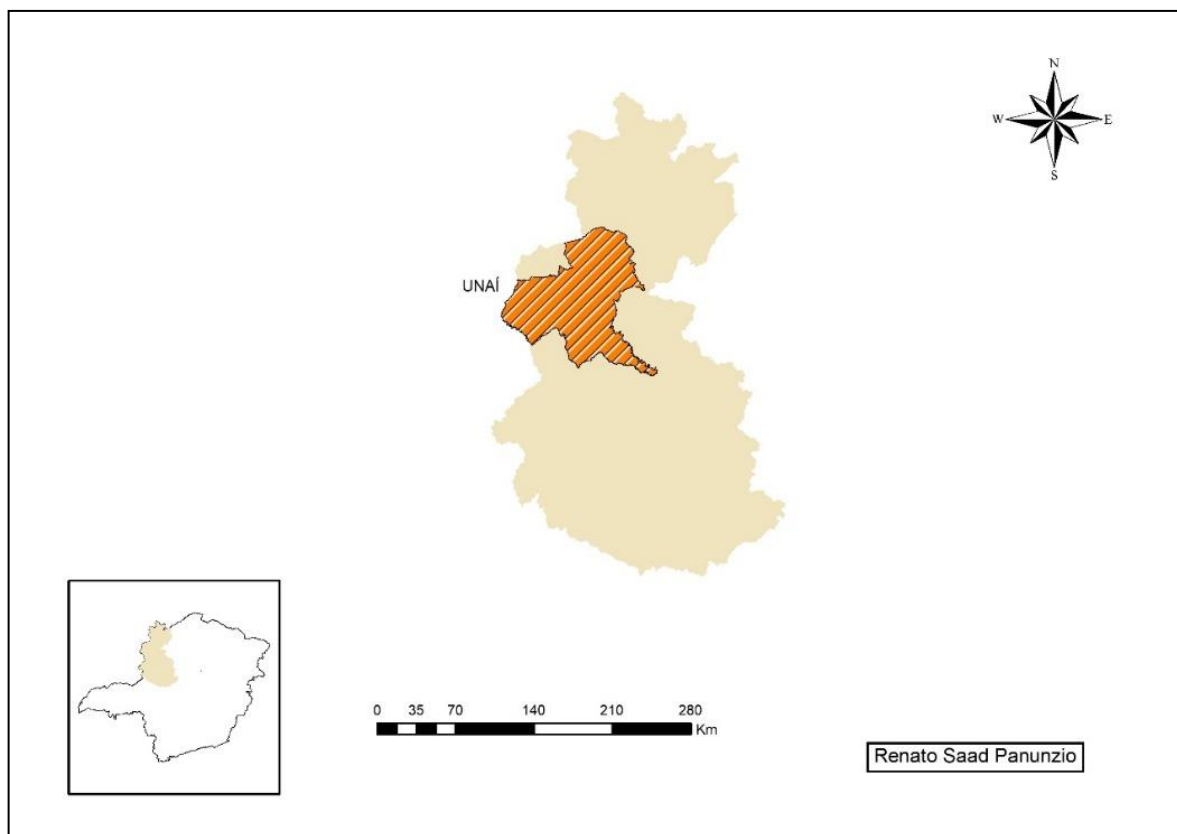


Figura 6.19: Mapa de detalhe da Região Noroeste (62545,37 km²), destaque para os municípios com sítios funerários.

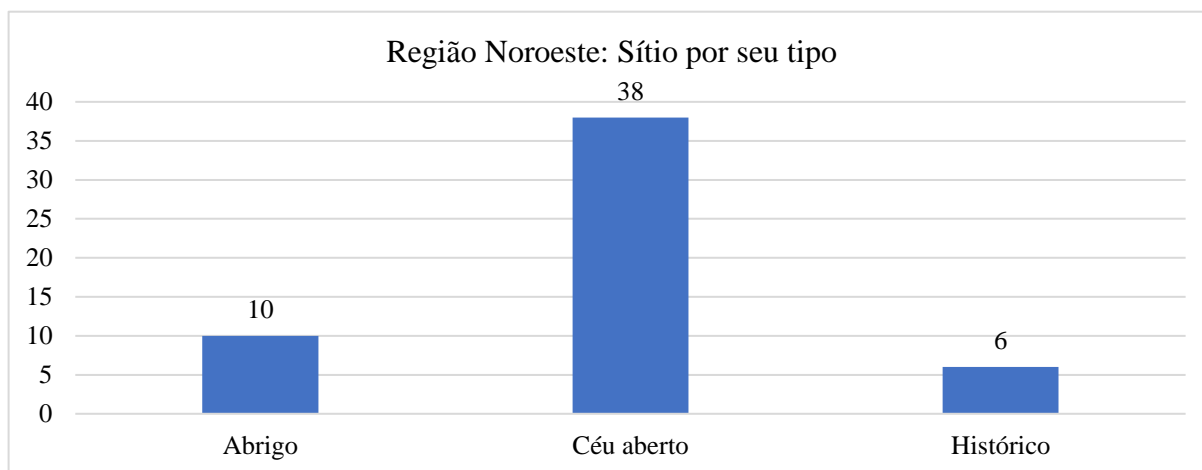


Figura 6.20: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

Os sítios cadastrados no município são, em sua maioria, 68% por trabalhos relativamente recente posterior ao ano de 2000 (Figura 6.21). Por terem uma abordagem

estabelecida, em sua maioria 83%, por atividades de arqueologia de contrato (Figura 6.22) explica-se o aumento do registro de sítios nesse recorte temporal.

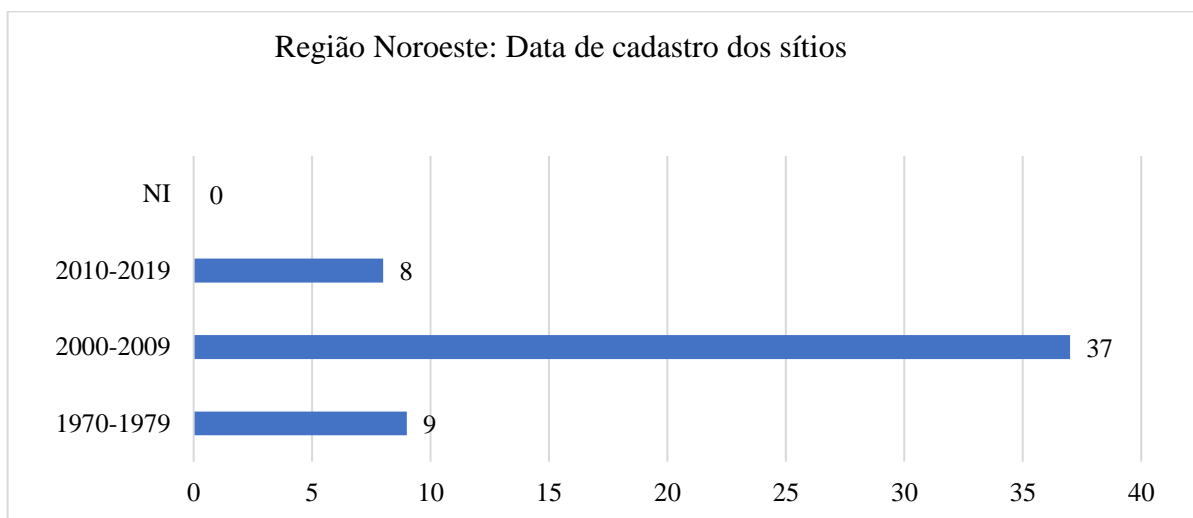


Figura 6.21: Período de cadastros dos sítios arqueológicos nos municípios com Sítios Funerários.

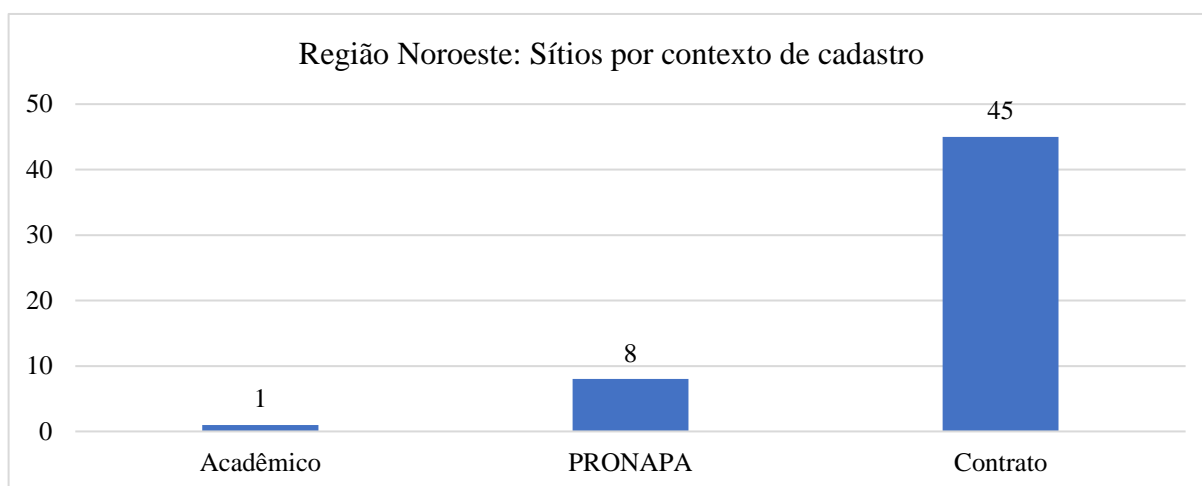


Figura 6.22: Contexto de cadastros de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

6.4.1 Acadêmico

Na Gruta do Gentio II foram escavadas vinte e três estruturas funerárias (EF) entre masculinos e femininos, adultos e crianças, múltiplos ou simples possibilitando o estudo da cadeia operatória dos sepultamentos. A definição inicial de dois tipos de sepultamentos diferentes relacionados a ocupações de grupos não ceramistas e ceramistas foi revista em pesquisas mais recentes (SENE, 2007, p. 110) e concluiu-se que os remanescentes ósseos

encontrados remetem a uma ocupação horticultora ceramista entre 3490± 120 anos BP e 410± 60 anos BP. Essa nova visão de ocupação do Sítio se deu após análise mais detalhada das fichas de escavação onde se percebeu que alguns sepultamentos considerados secundários e incompletos na verdade se tratavam de um mesmo indivíduo separado por efeitos tafonômicos pertinentes a geologia da gruta, ação animal e antrópica ou pelo distanciamento das etapas de escavação da Gruta (SENE, 2007).

Nas vinte e três estruturas funerárias foram recuperados cinquenta indivíduos. Dessas estruturas, onze apresentavam apenas um indivíduo (em apenas dois casos eram individuais femininos – EF 4 e EF 12 - e um com criança entre oito e nove anos- EF10). Em apenas duas estruturas foram encontrados adultos masculinos com crianças ou infantis (EF 14 e 17). Oito EF apresentam indivíduos adultos masculinos individualizados (EF 1, 3, 7, 8, 16, 20, 22, 23) duas com dois indivíduos adultos masculinos (EF 15 e 19), sete com indivíduos femininos acompanhados de crianças e/ou infantis e/ou adolescentes (EF 2, 6, 9, 11, 13, 18, 21), e uma com infantil duplo (EF 5) as demais EF apresentavam enterramentos múltiplos com indivíduos femininos junto com crianças. Em diversas estruturas funerárias houve sinal de ação total ou parcial de fogo e sendo todos os sepultamentos primários, eles sofreram ação do fogo in loco (SENE, 2007).

Uma excepcionalidade entre os sepultamentos da Gruta do Gentio II foi o de uma criança (EF 10) entre 9 e 10 anos de idade estava parcialmente mumificado, o que não é comum devido ao clima tropical do Brasil (SENE, 2007), mas que pode ocorrer em regiões de carste seco, similarmente ao que ocorre na Lapa do Boquete (PROUS; SCHLOBACH, 1997) onde também foram encontrados membros parcialmente mumificados no Sepultamento 4 (adulto masculino) e tecidos moles no sepultamento 6 (criança).

O segundo Sítio que se tem notícia na região Noroeste e que possui sepultamento é a Lapa da Foice I. Escavado dentro do Programa de Pesquisas em Grutas de Minas, uma ramificação do PROPEVALE (Programa de Pesquisas do Vale do São Francisco promovidos pelo Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) e sob a supervisão de Ondemar Dias e Eliana Carvalho (RODRIGUES; CARVALHO; DIAS JÚNIOR, 1982)

Neste sítio foram escavados 35m² da área abrigada que segundo os autores corresponderia a metade do abrigo (Figura 6.23). Nessas condições foram localizados cerca de

10 indivíduos divididos em 8 sepultamentos, sendo dois sepultamentos multipolos (nº 4 e 5). Os sepultamentos considerados primários são os identificados como nº1. 4 (A e B) e 5 (B).

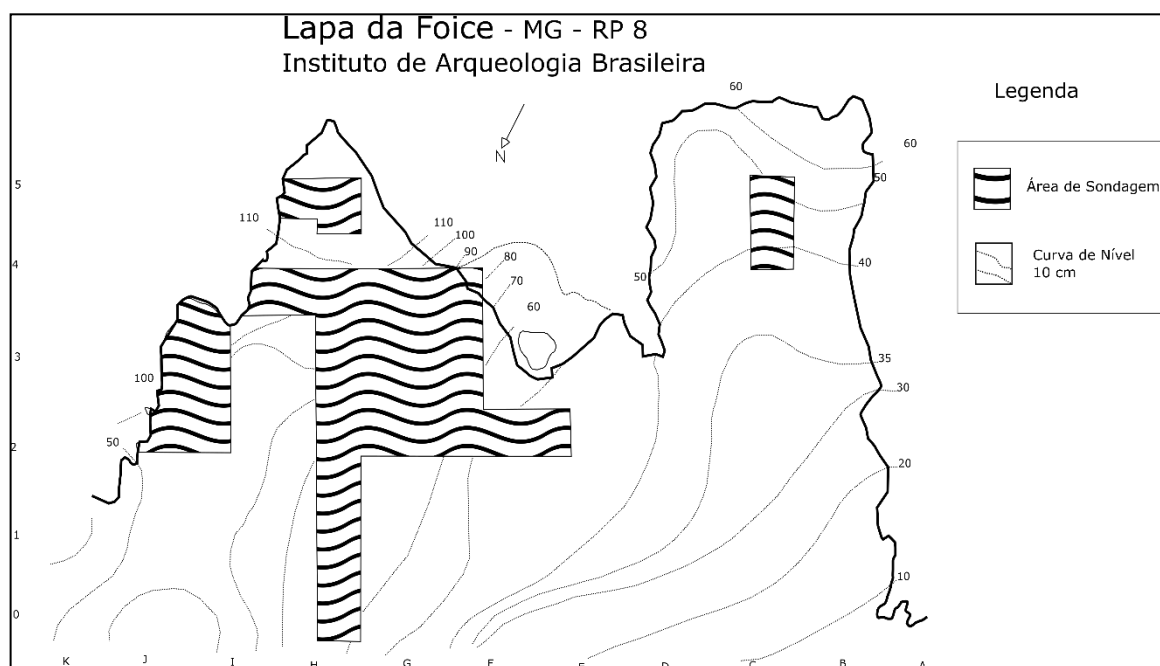


Figura 6.23: Representação da área escavada na Lapa da Foice.

Fonte: Adaptado de (RODRIGUES; CARVALHO; DIAS JUNIOR, 1982 p. 51).

Os sepultamentos enumerados encontram-se distribuídos nas seguintes camadas: camada II com o sepultamento nº 1 (uma camada de ocupação mais recente); Sepultamentos nº 2 e 3 em uma camada de ocupação mediana; os Sepultamentos de nº 4 (A e B), 6, 7 e 8 estavam entre as profundidades de 1.30m a 1.70m (porém a camada não foi especificada) e o sepultamento duplo nº 5 estava na base da camada VI (cerca de 2.20m) (RODRIGUES; CARVALHO; DIAS JÚNIOR, 1982). Observa-se na Tabela 6.3 uma síntese das informações referentes aos sepultamentos.

Tabela 6.3: Síntese das informações dos sepultamentos localizados na Lapa do Foice I.

Sep.	Posição	Profundidade	Camada Correspondente	Datação da camada (C14)	Tipo	Cova	Acompanhamento	Tratamento	Idade	Situação
1	Fletido	50 / 60	Camada II	955+-65 à 2605+-70	Primário				Infantil	Incompleto
2	Indeterminado	80 / 90			Secundário			Calcinado?	?	Incompleto
3	Indeterminado	80 / 90			Secundário	Sim	Sim	Calcinado	Infantil	Incompleto
4 (A)	Fletido	130 / 140			Primário	Sim			Adulto	Incompleto
4 (B)	Dec. Lat. Direito	140 / 150			Primário	Sim	Sim		Infantil	Bem Conservado
5 (A)	Indeterminado	180 / 190	Base Camada VI	de 4255+-80 à 7910+-105	Secundário	?		Calcinado	Infantil	Incompleto
5 (B)	Indeterminado	200 / 210	Base Camada VI	de 4255+-80 à 7910+-106	Primário	?	Sim		Jovem	Incompleto
6	Indeterminado	150 / 170			Secundário	Sim	Sim		Adulto	Incompleto
7	Indeterminado	120 / 140			Secundário	Sim	Sim	Calcinado	Adulto	Incompleto
8	Indeterminado	140 / 170			Secundário	Sim	Sim	Calcinado	Adulto	Incompleto

Fonte: Adaptado de (RODRIGUES; CARVALHO; DIAS JÚNIOR, 1982, p. 50).

Em se tratando de acompanhamentos os sepultamentos apareceram quase sempre em conjunto com material lítico (Sep. 5A, Sep. 6, Sep. 7 e Sep. 8). Ossos de animais calcinados também foram presentes, bem como a delimitação de covas com pedras (Sep. 4 A e B, Sep. 7 e Sep. 8). Cova simples com carvão no Sep. 3 e covas delimitadas por rochas nos sepultamentos 4 A e B, 7 e 8. Foi identificado ainda em campo que os sepultamentos primários (Sep. 1, 4A, 4B e 5b) estão em melhor estado de conservação e não apresentam sinais de calcinação, já os sepultamentos com indícios de secundarização (Sep. 2,3,5A, 6 e 7) apresentam um processo de calcinação de moderado a intenso. O Sepultamento 3 também possui um colar de contas de sementes perfuradas como acompanhamento. (RODRIGUES; CARVALHO; DIAS JÚNIOR, 1982)

6.4.2 Contrato

Nos municípios da região não foram encontrados sítios arqueológicos com vestígios funerários cadastrados através de trabalhos de arqueologia preventiva.

6.4.3 Fortuito

Nos municípios da região não foram encontrados sítios arqueológicos com vestígios funerários citados como achados fortuitos.

6.5 Norte

Possuidora de um clima semiárido e de uma geografia variada a região norte possui cinco municípios com a presença de remanescentes ósseos humanos (Figura 6.24). Três desses municípios encontram-se no Vale do Peruaçu, região cortada por rio homônimo e maciços calcários, em geral essas características fornecem excelentes condições de preservação para material arqueológico. Outro município com sítio funerário é Buritizeiro, esse localizado as margens do Rio São Francisco com registros de ocupação por toda sua extensão. O quinto município que possui sítio funerário é Grão Mongol, ainda na região da Bacia do Rio São Francisco faz a transição do cerrado para o semiárido.

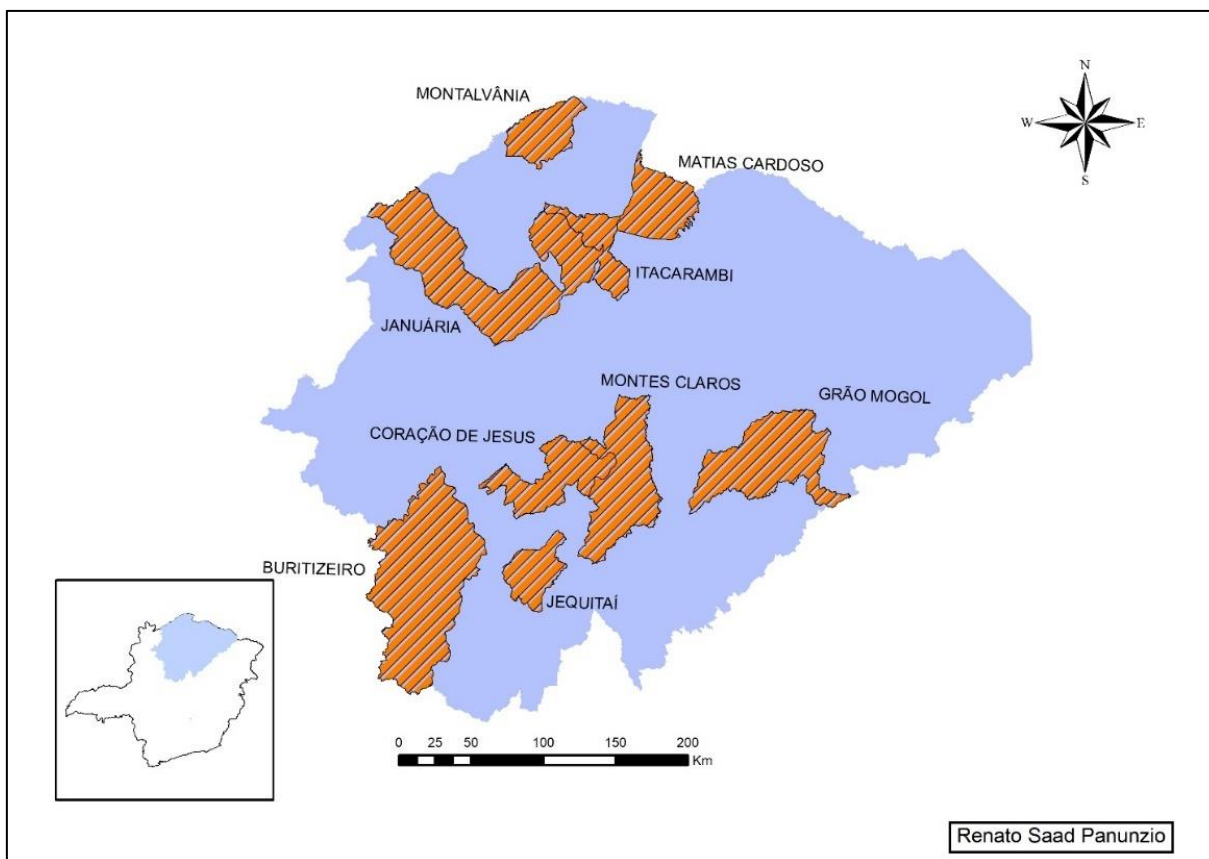


Figura 6.24: Mapa de detalhe da Região Norte (128152,3 km²), destaque para os municípios com sítios funerários.

Os sítios arqueológicos nesses municípios estão bem agrupados nas áreas de abrigo. Contudo os sítios a céu aberto estão bem representados em questão de qualidade, Sítio Caixa d'água de Buritizeiro é um excelente exemplo de sítio a céu aberto (Figura 6.25)

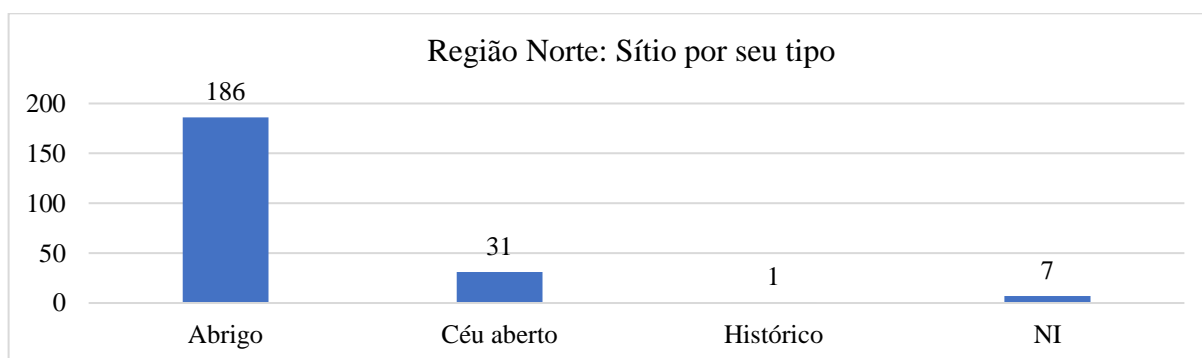


Figura 6.25: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

Cerca de 40% desses sítios foram registrados na década de 1970, fruto dos trabalhos ligados ao Museu de História Natural da UFMG (Figura 6.266)

[...] desde 1978, quando Carlos Magno Guimarães (Setor de Arqueologia do MHN-UFMG), Alan L. Bryan e Ruth Gruhn (Universidade de Alberta) foram os primeiros arqueólogos a penetrar, a pedido nosso, no vale do rio Peruaçu. Preparavam assim a longa série de prospecções, escavações e levantamentos rupestres que o Setor de Arqueologia da UFMG iria realizar anualmente entre 1981 e 1996 [...] (PROUS; RODET; OLIVEIRA, 2009).

Desde então as pesquisas renderam diversos frutos e o Volume XIX da Revista Arquivos do Museu de História Natural da UFMG traz um grande relato detalhado com trabalhos de diversas áreas (botânica, solos, análise de pinturas entre outros) sobre a região.

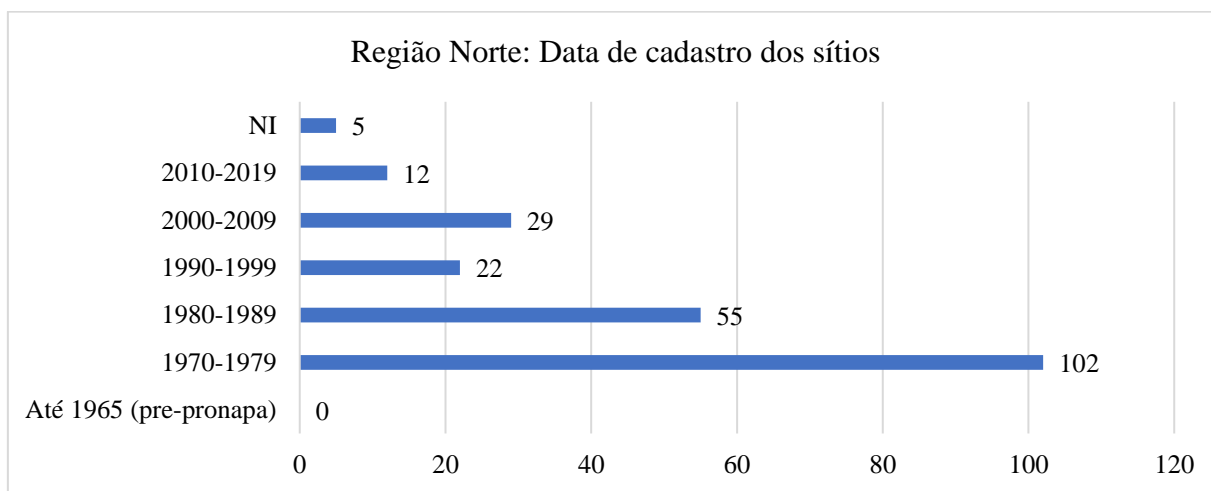


Figura 6.26: Período de cadastro dos Sítios Arqueológicos para os municípios com sítios funerários.

Reflexo das intensas pesquisas acadêmicas na região o número de sítios cadastrados devido a estudos ligados a universidades é alto, 79% dos sítios, em contra partida na década de 2000 a obrigatoriedade de se realizar estudos de licenciamento ambiental levou ao cadastro de 12% dos sítios representados na Figura 6.277fi.

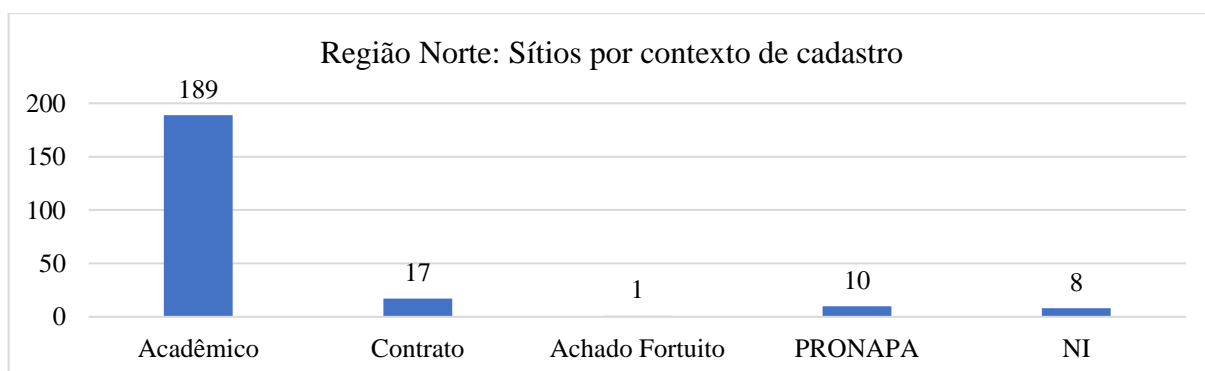


Figura 6.27: Contexto de cadastros de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

Cabe aqui a citação de um sítio denominado Lapa Pintada nos municípios de Montes Claros, que foi escavado por curiosos e populares na década de 1960. Segundo informações foram recuperados cerca de 14 indivíduos nessa incursão no sítio. Posteriormente o arqueólogo canadense Alan Bryan considerou o Sítio totalmente destruído em função da intervenção que sofrera (MARIN; BUENO, 2008).

Apesar de estarem cadastrados no CNSA como sítios com vestígios funerários os sítios arqueológicos Poço dos Bichos, Lapinha III, Sítio do Sangrador, Lapa da Mamoneira, Lagoa do Boi, Fazenda São Salvador e Cachoeira do Bananal não foram encontradas descrições dos sepultamentos ou a indicação de remanescentes ósseos humanos.

6.5.1 Acadêmico

No município de Januária, o sistema cárstico do rio Peruaçu compõe um impressionante conjunto de abrigos e grutas em alguns dos quais foram desenvolvidas pesquisas arqueológicas coordenadas por André Prous entre 1983 e 1996. Tendo escavado dez sítios apenas dois renderam remanescentes esqueléticos, Lapa do Boquete e Lapa do Malhador, totalizando onze enterramentos com datações entre 600AP e 7000AP (PROUS; SCHLOBACH, 1997).

A Lapa do Boquete foi intensivamente trabalhada durante oito anos de pesquisa (1988 – 1996) tendo uma área escavada de 150m² caso sejam somadas a área abrigada e área a frente do abrigo (RIBEIRO, 2006). O uso de corantes de coloração vermelha, amarela ou alaranjado era feito amplamente, buracos de estacas também foram encontrados durante as escavações do sítio (PROUS; JUNQUEIRA; MALTA, 1984). Os seis sepultamentos escavados estavam concentrados em uma área de 55m², e os dois momentos de ocupação estão claramente expressos nos sepultamentos que tanto são encontrados no período pré-cerâmico (7.000 - 4.400 anos BP) como no período cerâmico (2700 –520 BP anos).

Nos sepultamentos relacionados ao nível pré-cerâmico (sepultamentos I II e VI) o uso de pigmentos foi amplamente utilizado bem como a posição fletida aparece de forma recorrente. Para os sepultamentos da Lapa do Boquete a dispersão espacial dos sepultamentos no abrigo se apresenta com uma lógica diferente, onde a divisão entre frente meio e fundo não encaixa. Percebe-se uma preferência de caçadores coletores em dispor os mortos próximo as paredes e dos grupos ceramistas em dispô-los no centro do abrigo onde também há presença de “silos”

relacionados a estocagem de alimentos datados por volta de $6.000 \pm 500\text{BP}$ (PROUS; SCHLOBACH, 1997; MOURA, 1997; RESENDE; CARDOSO, 2009).

A lapa do Malhador sofreu uma intervenção menor em relação a Lapa do Boquete, apenas 15m^2 foram escavados sendo encontrados cinco sepultamentos, sua ocupação teve início em 8.500 anos BP contudo os sepultamentos só foram encontrados nos níveis relacionados aos grupos ceramistas (810 ± 40 anos BP) (PROUS; JUNQUEIRA; MALTA, 1984; PROUS; SCHLOBACH, 1997).

O posicionamento dos sepultamentos nesse abrigo se dá de forma diferente em relação a Lapa do Boquete por causa de sua espacialidade, por ser uma parede abrigada, ter mais largura que profundidade os sepultamentos encontram-se todos próximo a parede do abrigo mais ao “fundo”.

O sepultamento II, o mais recente, datado em 810 ± 40 é de uma criança encontrada sentada em situação similar ao sepultamento III, esse referente a uma mulher adulta. Ambos parecem ter sido comprimidos na cova “ligeiramente menor” que os indivíduos sepultados. Os sepultamentos IV (com um grau de conservação pequeno em relação ao sepultamento II e III) e V (presença marcante de fibras vegetais apesar da antiguidade do sepultamento) também infantis (PROUS; SCHLOBACH, 1997). Fato interessante de se observar é o grande número de sepultamentos e silos presente nos dois abrigos (Boquete e Malhador). Apesar da pouca área dos abrigos essas estruturas convivem harmoniosamente tendo pouca intrusão entre suas covas.

Outro sítio funerário emblemático na região é sítio cadastrado como Cemitério da Caixa d'Água, no município de Buritizeiro, as margens do Rio São Francisco, e que foi localizado durante obras realizadas pela prefeitura municipal, na década de 1980, para a construção de nova caixa d'água. O Cemitério da Caixa d'água foi escavado, apenas em 2005, pelos arqueólogos do MHNJB – UFMG constituindo uma raridade por se tratar de um cemitério a céu-aberto datado entre 6.100 e 5.000 anos BP (ROCHA, 2011; PROUS; RODET, 2009). O sítio possui um solo compacto e muito duro, o que dificultou o resgate dos remanescentes ósseos dos cerca de 43 sepultamentos encontrados em uma área de 32m^2 (ROCHA, 2011; PROUS; RODET, 2009).

Os sepultados estavam depositados em decúbito lateral e fletidos em sua quase totalidade, havendo 3 exceções (um sepultamento duplo em que os indivíduos estavam de costas

um para o outro e estendidos, e outro onde o indivíduo estava em decúbito ventral e estendido). Nota-se uma ausência de crianças na área do cemitério, e a pouca utilização de pigmentos tanto nas covas quanto nas esqueletos (PROUS; RODET, 2009). Os sepultamentos contavam com acompanhamentos que incluíam pontas ósseas, em geral, e em algumas covas foram encontrados diversos objetos agrupados - pontas, espátulas, machados pequenos seixos – que poderiam estar envoltos em fibras, cabaças ou couro (material que não sobreviveu ao tempo) pela proximidade em que se encontravam (PROUS; RODET, 2009).

A análise do perfil biológicos dos indivíduos encontra-se em andamento, algumas foram realizadas pelo Laboratório de Estudos Evolutivos Ecológicos do Instituto de Biologia da USP. Na ocasião tive a oportunidade participar do processo de curadoria dos fragmentos e a constatação da dificuldade que o sítio impôs aos arqueólogos. Os blocos de sedimento que chegavam ao laboratório estavam extremamente endurecidos, dificultando os procedimentos laboratoriais.

Mais informações sobre a descrição detalhada dos sepultamentos, seus acompanhamentos, a presença e a quantidade de ossos com marcas de exposição ao fogo não foram publicadas até o momento. O Relatório FAPEMIG 2007 “Arqueologia do Sítio da Caixa de Água de Buritizeiro” de 2007 que é amplamente citado nos trabalhos que versam sobre o sítio não se encontra público para consultas externas ao setor da UFMG.

6.5.2 Contrato

No município de Grão Mongol o sítio denominado Lapa da Ventania I foi escavado pelo Laboratório de Arqueologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG em 2003, o mesmo laboratório se responsabilizou pela guarda do material encontrado. Apesar de estarem referidos entre os vestígios resgatados dois sepultamentos o relatório apresentado ao IPHAN (01514.000422/2003-17) não traz fotos da escavação, ou informações sobre o posicionamento dos indivíduos ou mais informações sobre a associação entre os sepultamentos a outros vestígios coletados (carvão, ossos de peixes, coquinhos queimados, líticos)

No município de Montalvânia, o sítio Lapa de Poseidon, um abrigo amplamente conhecido pelas suas ricas gravuras rupestres, sofreu uma grande intervenção arqueológica sob coordenação do arqueólogo Everson Fogolari. A intervenção iniciou-se a partir de um equívoco

que fez com que a equipe de prospecção não reconhecesse o Sítio Lapa do Poseidon e o renomeasse como Sítio Doutor. Com a nomenclatura somente do novo sítio repassada ao CNA obteve-se a autorização para a escavação do Sítio Dr. José.

Após alguns dias de escavação os arqueólogos encontram um sepultamento, e optaram pela retirada do sepultamento em bloco, utilizando uma técnica que é chamada informalmente de “casulo de gesso”, para que esse fosse escavado em laboratório de forma mais apropriada. No entanto o proprietário da fazenda impediu que a equipe concluísse o trabalho e retirasse o casulo. Diversos tramites jurídicos⁵ ocorreram entre a conclusão do casulo, construído em julho de 2014, e a sua retirada do sítio em maio/junho de 2016. Nesse intervalo de tempo o casulo sofreu avarias e ataques responsáveis por uma “janela” por onde foi retirado uma pequena quantidade de sedimento de seu interior e o manuseio de alguns vestígios ósseos.

Após a conclusão do resgate o material esquelético foi direcionado para o Laboratórios da CAAPA/UNEB (Centro de Arqueologia e Antropologia de Paulo Afonso da Universidade do Estado da Bahia) em Paulo Afonso/BA e não há qualquer publicação sobre este sepultamento disponível a parte as constantes no relatório entregue ao IPHAN.

6.5.3 Fortuito

Chegou ao conhecimento do IPHAN por ofício lavrado em Matias Cardoso pelo Senhor João da Silva Lisboa, delegado da polícia civil, o achado de uma urna funerária na Fazenda Dois Irmão, retirada por populares e que se encontrava na delegacia municipal. Nas comunicações que se sucederam não consta o motivo ou a situação em que a descoberta foi feita, tão pouco a metodologia utilizada para o resgate. O material foi encaminhado para o MHNJB/UFMG que se prontificou a realizar a guarda do material (urna cerâmica, vestígios vegetais, ossos humanos, como consta no ofício⁶). Não houve mais documentação relatando qualquer detalhe sobre o sepultamento recuperado.

⁵ Inquérito Civil - IC n' 1 .22.005.00041 5/2014-24 atrelados ao Processo CNA/IPHAN n' 01 550.007556/201 0-71

⁶ Comunicação registrada sob código “Informação ARQUEO\ N.56 de Alenice Baeta para Dr. Sergio Abraão em 26 maio de 2000.

6.6 Oeste

A região do Alto Francisco, recebeu diversas intervenções arqueológicas entre elas algumas promovidas por Ondemar Dias Junior que em 1968 realizou trabalhos no quadro do PRONAPA e constatou a presença de vestígios arqueológicos na região em sete sítios (DIAS JÚNIOR, 1971). Neste momento, no entanto, o interesse da pesquisa arqueológica tinha um foco maior nas pinturas rupestres e na cerâmica, cabendo aos vestígios ósseos apenas simples anotações mencionando sua presença ou não, porém, sem diferenciar se eram humanos ou não. Na Figura 6.28 vemos em destaque os municípios que hoje sabemos possuírem sítios funerários. A região carstica é bem propícia para a formação de abrigos e cavidades, locais que facilitam o encontro de vestígios arqueológicos. A Figura 6.299 corrobora com essa informação. Nela estão representados os sítios localizados em abrigos que correspondem a 58% dos sítios.

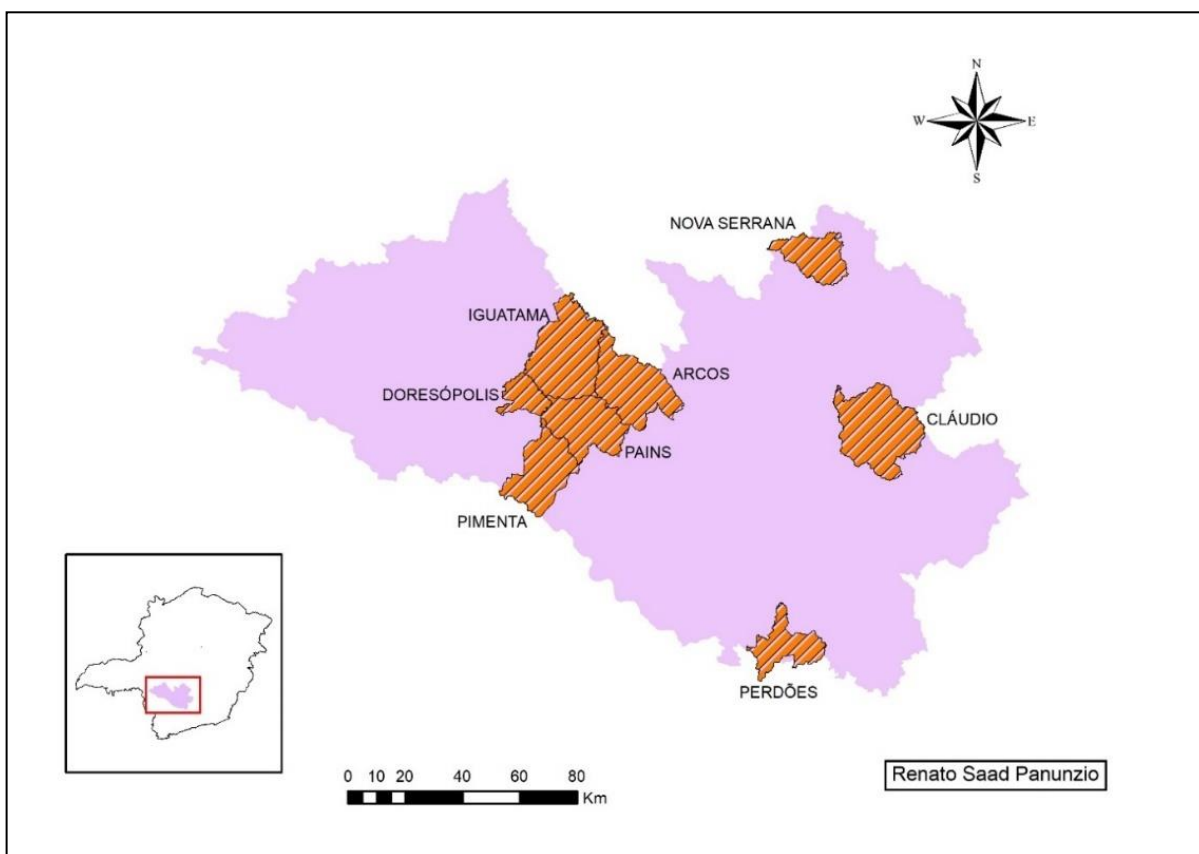


Figura 6.28: Mapa de detalhe da Região Oeste (24030,16 km²), destaque para os municípios com sítios funerários.

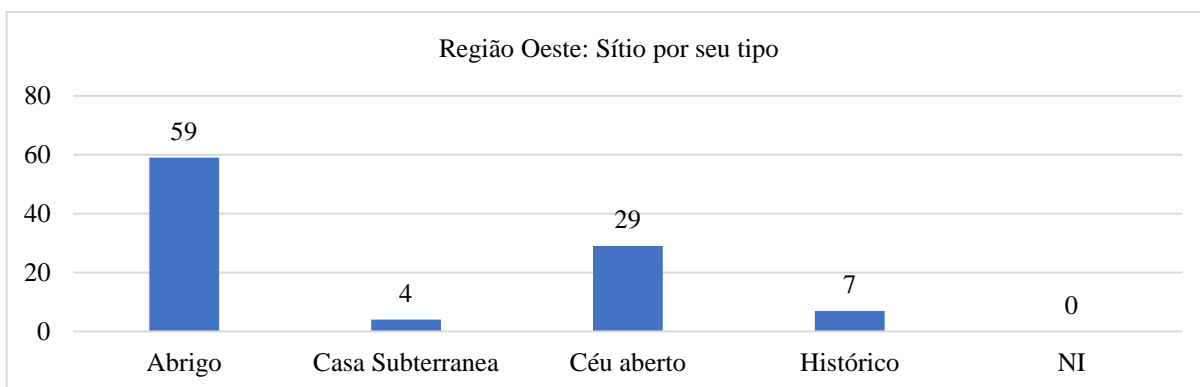


Figura 6.29: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

O histórico de pesquisas arqueológicas na região é antigo, e mesmo antes das primeiras expedições acadêmicas realizadas pelo PRONAPA sítios arqueológicos já eram conhecidos na região. O maior volume de cadastro de sítios vem justamente após a realização das expedições *pronapianas* (45% dos sítios foram cadastrados na década de 1970) como pode-se observar na Figura 6.29. Nas décadas seguintes segue um volume de cadastro muito pequeno (17% dos sítios foram cadastrados nos 30 anos seguintes) e mais recentemente na década de 2010 há novamente um crescimento nos números de sítios cadastrados (24% do total).

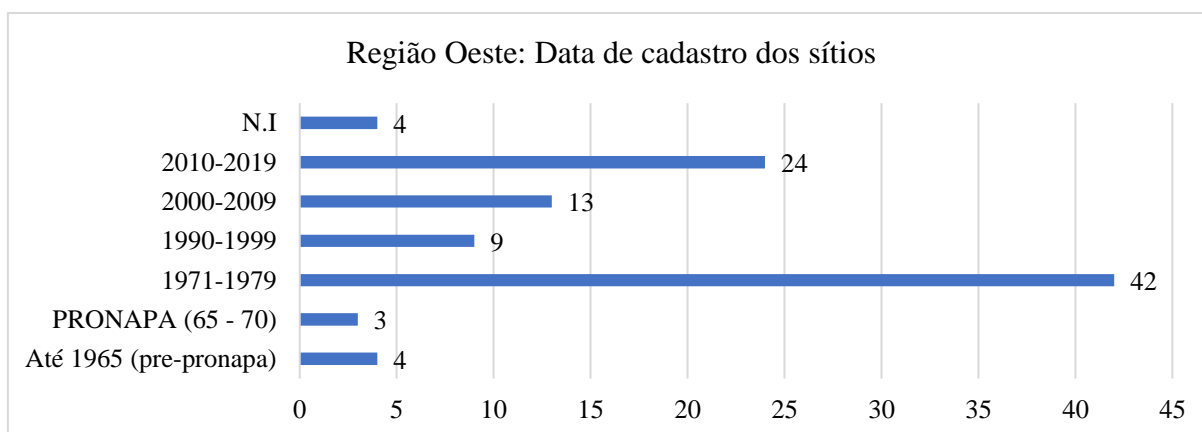


Figura 6.30: Período de cadastro dos sítios arqueológicos nos municípios com sítios funerários

A motivação dos cadastros dos sítios mantém uma relação similar com o volume de trabalhos acadêmicos, 59% dos sítios nos municípios com vestígios funerários foram cadastrados a partir de trabalhos acadêmicos e 34% a partir de trabalhos de arqueologia preventiva (Figura 6.31).

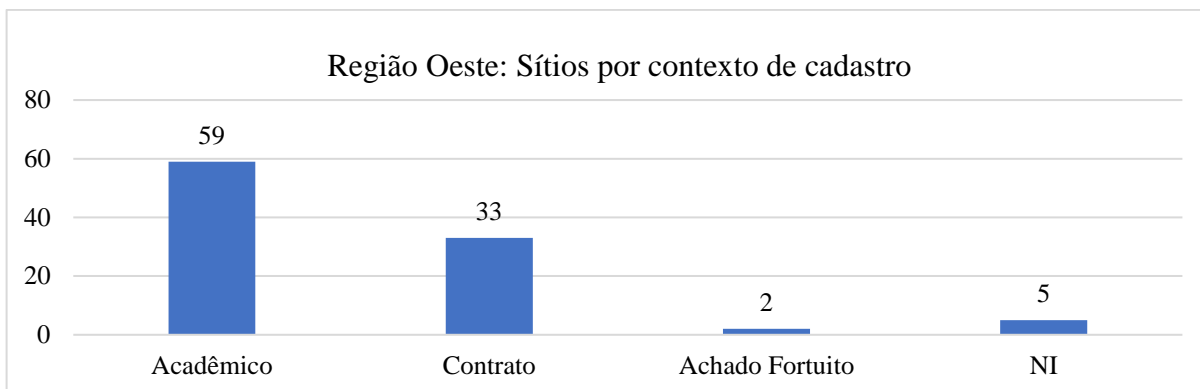


Figura 6.31: Contexto de cadastros de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

6.6.1 Acadêmico

Situado no município de Pimenta (415156/7743953) a Gruta do Marinheiro apresenta uma grande área passível de ocupação, com quatro entradas distintas interligadas por condutos. No sítio há a presença de diversos vestígios arqueológicos, cerâmicas, gravuras por picoteamento, sepultamentos e material lítico lascado próximo a pingueiras (Figura 6.32).

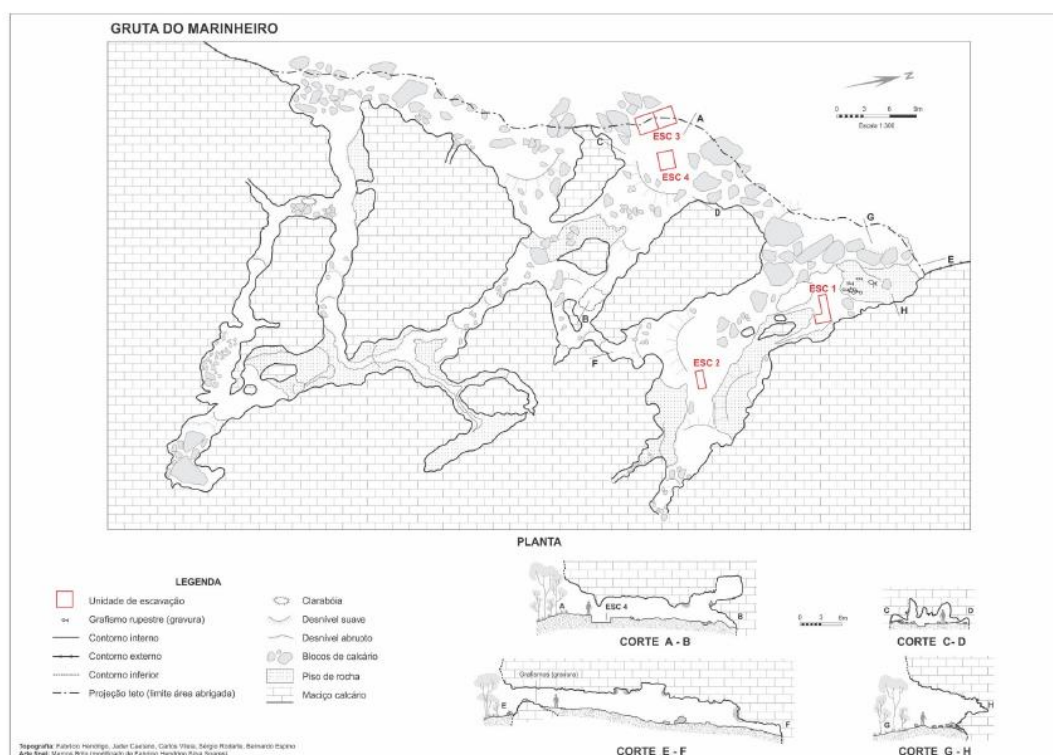


Figura 6.32: Gruta do Marinheiro.

Fonte: (KOOLE, 2014).

Segundo Koole (2014), dois “fosseis-guia” de tradições líticas foram encontrados no abrigo, uma ponta de projétil (da superfície até cerca de 70cm de profundidade) e um plano-convexo (localizado no último nível da escavação 80 – 90cm)

No setor da Esc. 4 foram encontrados dois sepultamentos secundários. Sep. I parcialmente queimado e com alguns ossos avermelhados, retirado em bloco. E o Sep. II sendo um crânio com ossos de criança abaixo de um bloco calcário.

O Abrigo do Ângelo é um sítio multicomponencial localizado na cidade de Iguatama (417314/7756084), escavado sob supervisão de Gilmar Henriques possui três sepultamentos escavados, sendo dois secundários e um primário (Figura 6.33).

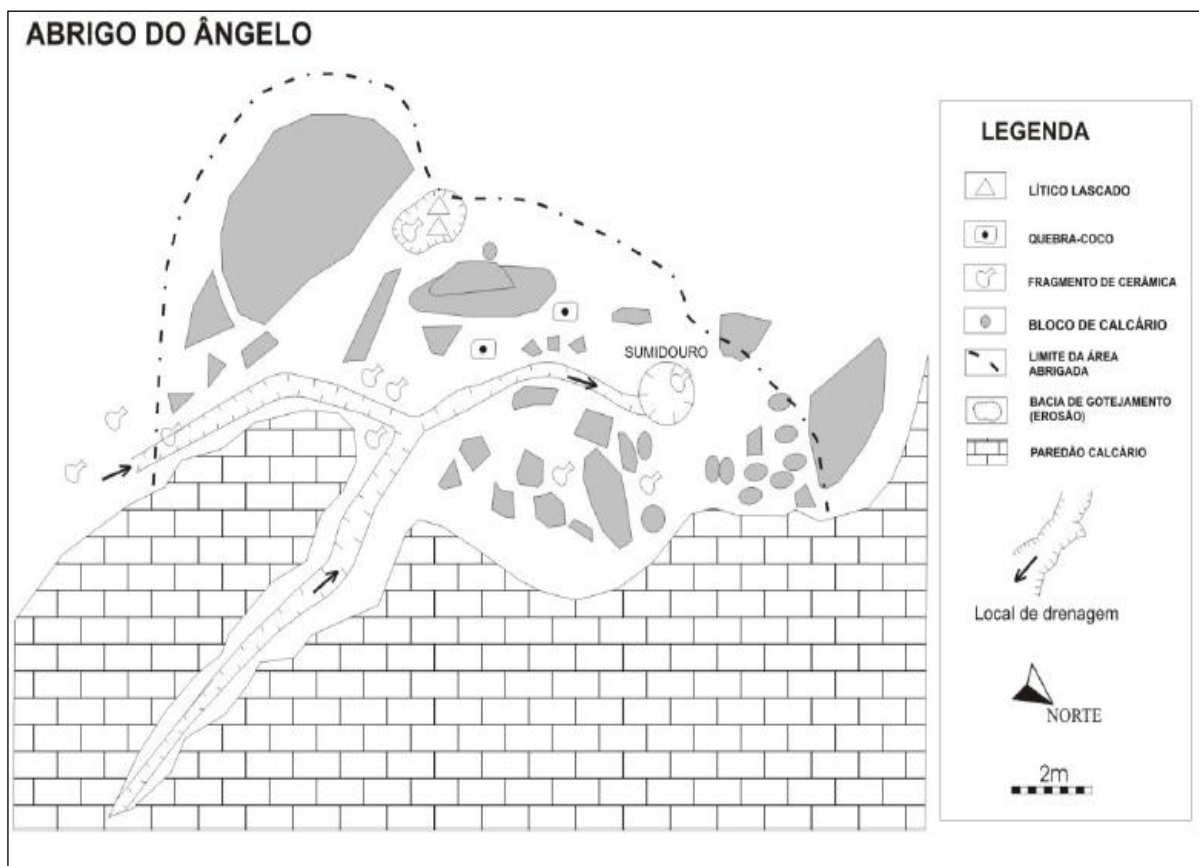


Figura 6.33: Detalhe abrigo do Ângelo. Retirado de Koole 2014.

O sepultamento primário encontrava-se em decúbito lateral direito, com o crânio um pouco acima da linha da bacia. Nesse sepultamento foi encontrado uma ponta de projétil de osso concrecionado a parte interna das costelas.

O Sítio Loca do Suim está localizado na cidade de Pains, com coordenadas UTM 0416368 E / 7752202 N (Figura 6.34). O maciço onde se encontra a cavidade é conhecido como Morro da Menina, na entrada principal da cavidade foi feita uma sondagem por ter sido encontrado material lítico na superfície e o sedimento estar seco e pulverulento (o que pode sugerir ocupação humana e restos de fogueira). Com uma primeira etapa de escavação em 2003 pelo mestrado de Koole foi identificado vestígios esqueletos humanos a 25cm da superfície acompanhados de diversas lascas, a 40cm da superfície resolveu interromper os trabalhos e retornar no ano seguinte com uma estrutura mais adequada a essa escavação (KOOLE, 2007).

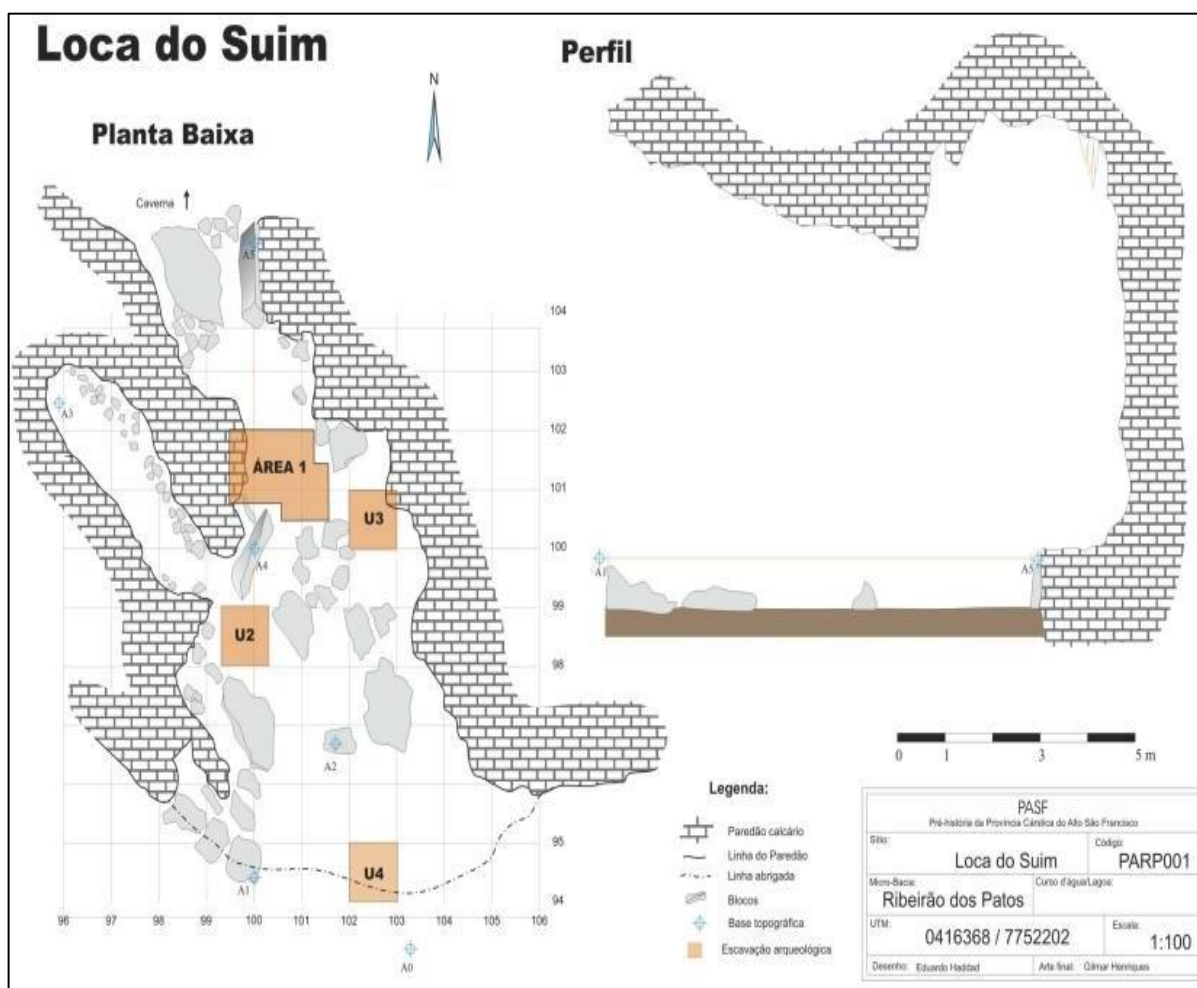


Figura 6.34: Mapa detalhe Loca do Suim, retirado de Koole, 2007 -pág. 68

Nessas condições o retorno em 2004 a província cárstica de Pains proporcionou a escavação de uma área principal, U1, e mais três unidades em locais diferentes na cavidade. Na U1 foram identificados dois sepultamentos com covas distintas e contendo mais de um indivíduo cada uma. O Abrigo Loca do Suim foi escavado por Koole (2007, 2014) no âmbito

de suas pesquisas acadêmicas. A curadoria do material proveniente desse sítio, no que tange a parte funerária, foi realizada pelo Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos no Instituto de Biologia da Universidade de São Paulo (STRAUSS et al., 2011). Os resultados desse trabalho serão apresentados mais à frente junto aos materiais da pesquisa

Durante os trabalhos de Koole (2004), foram identificados dois sepultamentos no sítio Loca do Suim. Ambos os sepultamentos estavam muito fragmentados. Devido a sua antiguidade, comentada abaixo, estas estruturas arqueológicas, foram perturbados por eventos pós-deposicionais. Parte das análises e identificações foram feitas durante o processo de curadoria e não em campo.

- Sep. – I: Durante a curadoria constatou-se que havia ossos de quatro indivíduos. Dois adultos: um homem com idade entre 16 e 20 anos, e uma mulher com cerca de 45 anos de idade; além de duas crianças: um recém-nascido e uma criança com cerca de 5 anos de idade. O esqueleto feminino, denominado Sep. - IB, foi cremado.
- Sep. – II: Constituído por restos esqueléticos de apenas um indivíduo de idade entre 20 e 24 anos, não tendo sido possível determinar seu sexo.

Duas datações radio carbônicas, feitas a partir de fragmentos de ossos de ambos os sepultamentos. O sepultamento I (Sep. I) teve sua datação radio carbônica mensurada em 7.440 ± 50 antes do presente (AP) e a datação do sepultamento II (Sep. II) foi mensurada em 7.530 ± 50 AP. Ao serem calibradas, as datações foram recuadas e ao Sep. - I foi atribuída uma idade situada entre 8.160 e 8.360 anos e ao Sep. II foi atribuída uma idade situada entre 8.200 e 8.400 anos AP (STRAUSS et al., 2011).

6.6.2 Contrato

O Sítio Abrigo Forro Negro encontra-se em uma área particular pertencente a Mineração Cazanga LTDA, e teve o resgatado arqueológico gerido pela empresa Arkeos Consultoria LTDA.

O sítio está localizado na cidade Arcos, com coordenadas UTM 434341 E / 7758795 N em cota de 711 m (Figura 6.35). O sítio é um pequeno abrigo com datação 6500 ± 1100 (foram

utilizados sedimento e cinzas para a datação), os vestígios encontrados foram remanescentes ósseos humanos e dois pequenos fragmentos líticos (LA SALVIA, 2015b) (Figura 6.366).

As escavações no Sítio foram feitas por equipes multidisciplinares de arqueólogos, Dra. Eliany Salaroly La Salvia (fase 1 a 3), Mrs. Gabriel Frechiani de Oliveira (fase 1 e 2), bioarqueóloga, Andrea Lessa do Museu Nacional do Rio de Janeiro (fase 2), historiadores, Renato Saad Panunzio (fase 1 a 3), e Rubens Pereira Silva (fase 1 e 2) estagiários em geologia - Leon Dias de Oliveira e história - Bruna Gonçalves (fase 1 e 2).



Figura 6.35: Mapa detalhe do abrigo Forro Negro, retirado de La Salvia, 2013 pag.

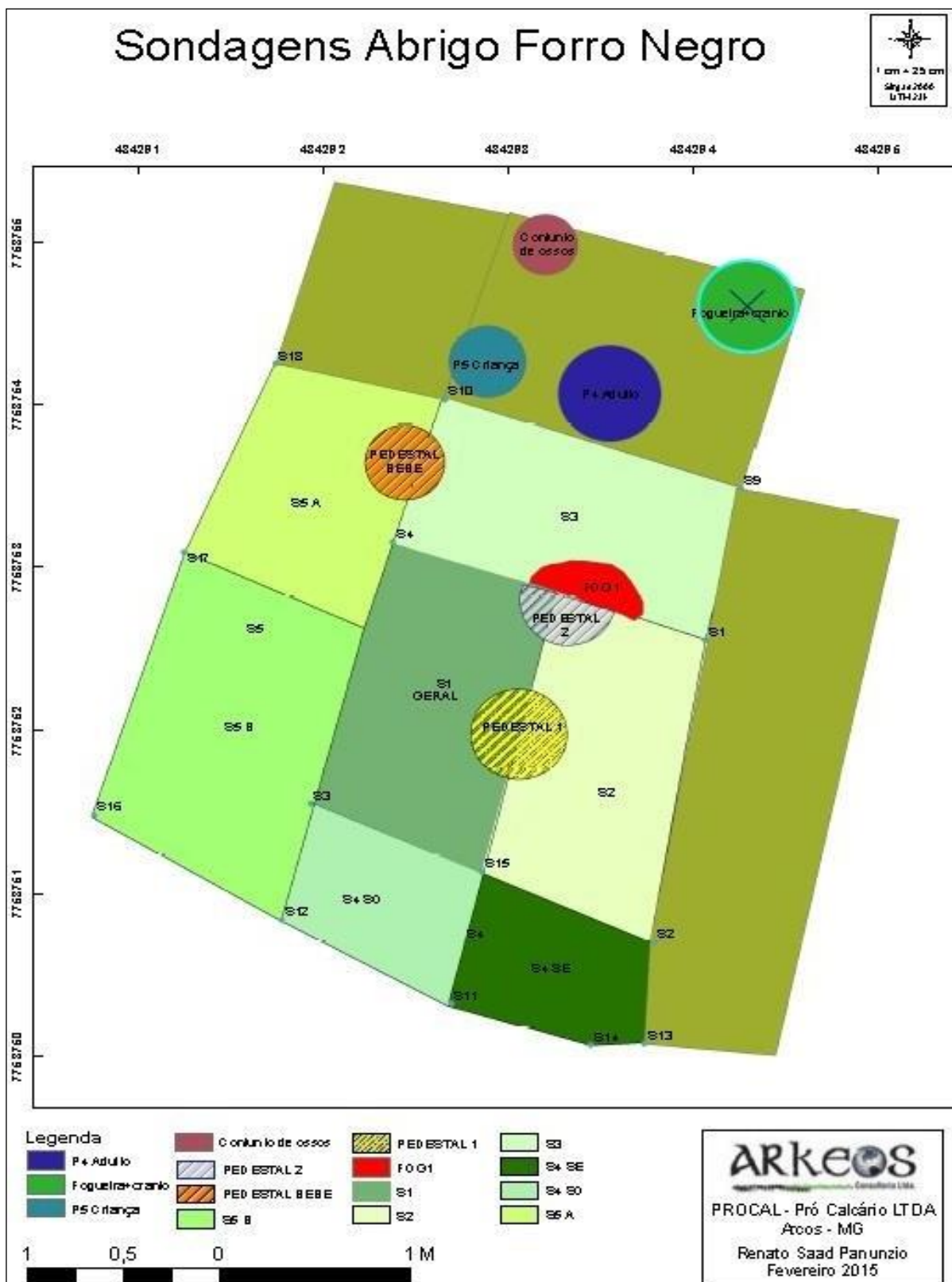


Figura 6.36: Esquema final das sondagens do Abrigo Forro Negro.

Durante a primeira fase houve a identificação do sítio e abriu-se uma quadricula de 1mx1m na qual foram encontrados ossos humanos. Nesse ponto interrompeu-se os trabalhos pois haveria a necessidade de uma nova portaria junto ao IPHAN com um prazo que permitisse um estudo mais completo e com o tempo necessário (LA SALVIA, 2013).

Na segunda fase da escavação, foram abertas 5 sondagens de 2mX1m e 2 sondagens 1mX1m onde foram retirados mais vestígios ósseos e determinada uma estrutura de fogueira. No final do período de escavação encontraram-se mais vestígios que não poderiam ser estudados em tempo hábil para a realização de um trabalho de campo adequado, proporcionando assim uma nova etapa de escavação (LA SALVIA, 2013, 2015b; LESSA, 2015, 2016).

Durante a terceira fase de escavação foram evidenciados novos sepultamentos escavados por pedestais (Pedestal 4 e Pedestal 5) e também foi identificado um conjunto de ossos avulsos (círculo rosa na Figura 6.36) (LESSA, 2016). Os relatórios informam que a etapa de escavação seguiu os protocolos propostos por Mendonça de Souza e colaboradores (SOUZA et al., 2013) e as propostas de uma abordagem de antropologia de terrenos como expressa em Dудay (2009). Abaixo, segue descrição dos sepultamentos encontrados no Sítio Forro Negro, retiradas do relatório final de trabalho na região.

Pedestal 1: Na sondagem 2 foi encontrado conjunto de ossos (Figura 6.37) de um único indivíduo adulto, masculino, apresentado grande desorganização anatômica. Uma hipótese para o estado de desorganização em que foram encontrados é a existência de uma fogueira poucos centímetros acima do início dos primeiros vestígios. Indício sustentado pela presença de marcadores térmicos em alguns ossos.

Essa fogueira superficial está em contexto recente, visto que a utilização do abrigo por caçadores recentes é de conhecimento geral. No entanto não é possível afirmar que este era um enterramento primário ou secundário antes dessa intervenção recente. Algumas quebras presentes nos ossos podem ser colocadas em ordem cronológica, principalmente por apresentarem coloração diferenciadas (mais claras mais recentes, mais escuras e impregnadas de sedimentos mais antigas)



Figura 6.37: Disposição dos vestígios encontrados no abrigo Forro Negro.

Fonte: (AUTOR, 2015).

Pedestal 2 - Ainda na sondagem 2, foi encontrado outro sepultamento. Este recebeu o nome de pedestal 2 (Figura 6.38). Nesse pedestal os ossos, aparentemente, não foram agrupados com tanto cuidado como no pedestal 1. As características desse conjunto de ossos, tamanho, coloração, robustez indicam similaridade com o conjunto do pedestal 1, podendo se tratar do mesmo indivíduo. Ambos se encontram no mesmo nível arqueológico e com início a 12cm abaixo da superfície. A exposição completa desse pedestal foi realizada em duas decapagens. Assim como o conjunto do pedestal 1 esses exemplares também apresentam marcas de ação térmica em alguns ossos. Os ossos recuperados apontam para um único indivíduo adulto do sexo masculino.



Figura 6.38: Em segundo plano pedestal 1 com marcações para desenho, próximo ao norte início da evidenciação do P2.

Fonte: (AUTOR, 2015).

Pedestal 3 - Na sondagem 5B foi encontrado um conjunto de ossos evidenciado a 11cm da superfície e com base a 18cm. Remanescentes pertencente a um único indivíduo sub adulto em posição hiperfletida com decúbito dorsal. Por estar hiperfletida o relatório sugere que estivesse amarrada ou envolta por algum tecido ou fibra, porem vestígios desses materiais não foram encontrados na escavação (Figura 6.39).



Figura 6.39: Detalhe relativo ao Pedestal 3.

Fonte: (AUTOR, 2015).

Foi estabelecido para esse indivíduo uma idade entre 12 e 18 meses a partir dos dentes decíduos (erupção total de incisivo e parcial de molares) e da medida da diáfise do úmero.

Pedestal 4 - Na sondagem 7, foi encontrado um único indivíduo provavelmente do sexo masculino (pelves não foi recuperada e o crânio estava fragmentado). Pela morfologia das costelas chega-se a uma idade aproximada de 26 anos. O tipo de sedimento, fino acinzentado, e a litologia do abrigo, calcário, ajudam a formar sobre os ossos uma camada de “cimento” que dificultou a limpeza e análise para patologias.

Pedestal 5 - Ainda na sondagem 7, foi encontrado um outro indivíduo, chamado de pedestal 5, compatível com um único indivíduo sub adulto. Como esse indivíduo não apresentava dentes decíduos, a estimativa foi feita com base nos ossos longos em melhor estado de preservação (fêmur e tibia esquerdos, no caso). Os resultados apontaram se tratar de um

neonato (Figura 6.40) Esses dois indivíduos (pedestal 4 e 5) presentes na sondagem 7 apresentavam, em alguns ossos, por baixo da patina criada pelo sedimento do abrigo, uma coloração vermelha acastanhada que até o momento não foi feito um estudo para identificação de procedência.



Figura 6.40 : Detalhe do indivíduo correspondente ao Pedestal 5.

Fonte: (AUTOR, 2015).

Conjunto avulso - Próximo à parede norte da sondagem 7 foi encontrado um conjunto de ossos avulsos contendo fragmentos de crânio, dentes, fragmentos de ossos longos e costelas, alguns deles com marcas de ação térmica. É importante ressaltar que esse conjunto de ossos avulsos se encontrava próximo a uma mancha de combustão com idade não definida. No total foram recuperados 3 úmeros direitos (- fragmentos de um inteiro, uma metade proximal e uma metade distal) com compatibilidade para adultos

Entre os ossos avulsos também foram encontrados ossos infantis, ulna e úmeros direitos (fragmentados). Tendo em vista que os outros dois sepultamentos infantis continham um representante desses ossos avulsos chega-se a um número mínimo de 3 indivíduos infantis

sepultados no abrigo. Como esses avulsos infantis não estavam integro a tomada de medida para estimativa de idade foi prejudicada. Porém eles parecem compatíveis entre si e apresentam morfologia intermediária em relação as outras duas crianças encontradas no abrigo.

O Abrigo da Divisa, sítio localizado no município de Arcos, na propriedade do Sr. Antônio Fernandes Lima, fica também próximo à fronteira com Pains e Córrego Fundo nas coordenadas 0474611 / 7676841 23K. O abrigo também possui uma zona afótica e está próximo a sumidouros (a norte do abrigo) com vegetação. Trabalho resultante também de arqueologia preventiva realizado pela empresa EMPARQ a pedido da Brasiminas Mineração (OLIVEIRA; RIBEIRO; JÁCOME, 2014).

O Sítio Abrigo da Divisa foi trabalhado pela arqueóloga Camila Jácome e equipe (OLIVEIRA; RIBEIRO; JÁCOME, 2014) resultando na escavação de seis sepultamentos. O abrigo foi dividido em duas áreas de escavação, Trincheira 1 e Trincheira 2 (Figura 6.41 e Figura 6.422). Foram realizadas decapagens artificiais de 5 em 5 centímetro com instrumentos adequados, pinças, colheres e espátulas. Os locais das trincheiras foram escolhidos de acordo com a disposição do abrigo, escolhendo a porção centro sul pela menor interferência de água e perturbação da superfície por utilização recente do abrigo.

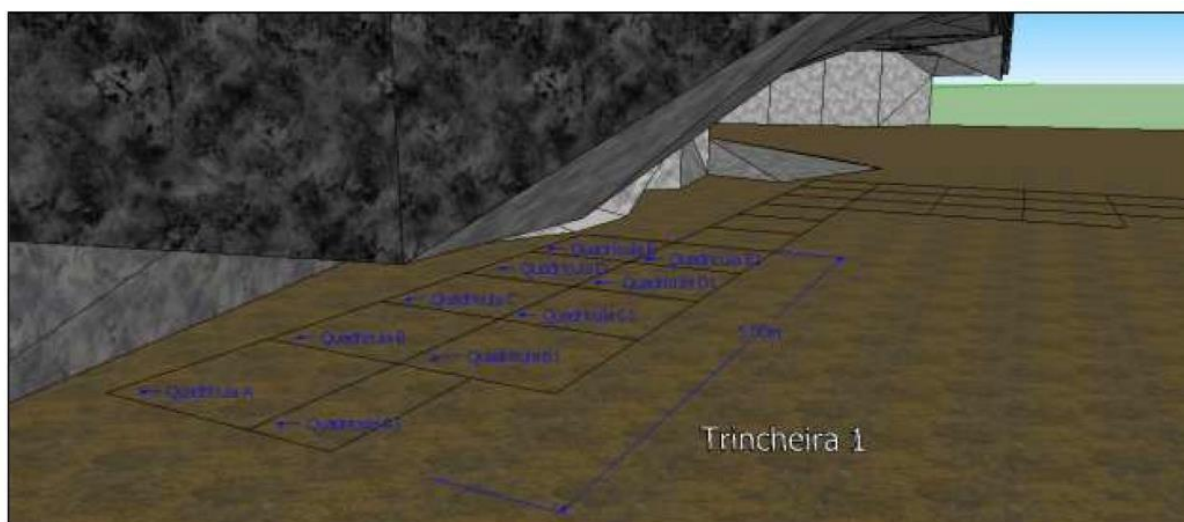


Figura 6.41: Disposição das sondagens da Trincheira 1.

Fonte: (OLIVEIRA; RIBEIRO; JÁCOME, 2014, p.72).

A Trincheira 1 contou com 10 quadriculas de 1 por 1 metro (exceto quadricula A1 com 1 X 0,5m devido a bloco) divididas em duas colunas, promovendo uma ampla escavação da

área. A Trincheira 2 contou com um número ainda maior de sondagens (17 no total) como demonstra.

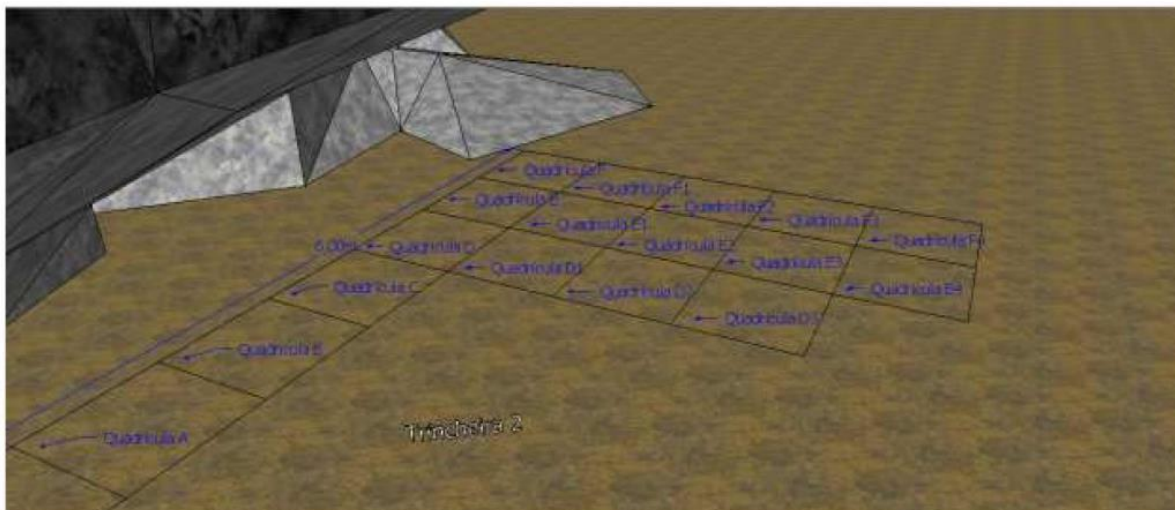


Figura 6.42: Disposição das sondagens na trincheira 2.

Fonte: (OLIVEIRA; RIBEIRO; JÁCOME, 2014).

Durante as escavações do abrigo foram exumados seis indivíduos, sem informações mais detalhadas sobre sexo e idade (apenas um é claramente dito em relatório que se trata de uma criança). Todos os indivíduos foram encontrados a uma rasa profundidade (de 5cm a 25cm). O acervo foi entregue ao Museu do Alto Carste, na cidade de Pains, para guarda. As informações abaixo foram retiradas do relatório PROGRAMA DE SALVAMENTO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DNPM n° 800.755/1971 referente ao protocolo n° 01514.005972/2013-96 anexado ao processo n° 01514.004392/2009-03 no IPHAN de Minas Gerais.

Sepultamento 1 - Profundidade entre 5cm e 15cm, definido como primário, não articulado. Na região da cova foram encontrados blocos acima e abaixo do sepultamento juntamente com indícios de fogueira. Vestígios associados de carvão, líticos, gastrópodes e bivalves. Na ficha consta que foram encontrados fragmentos do crânio com dentes, costelas e externo de uma criança. Sondagem D.

Sepultamento 2 - Profundidade entre 5cm e 15cm. Decúbito lateral direito, com a face direita do crânio para cima. Fletido, primário e articulado (Figura 6.43). Na cova foram

identificados blocos acima e abaixo dos vestígios ósseos e indícios de fogueira. Vestígios associados carvão lítico, gastrópodes, bivalves. Sondagens D1, D2, E1 E2.



Figura 6.43: Indivíduos n° 2 e n° 3 durante evidênciação.

Fonte: (OLIVEIRA; RIBEIRO; JÁCOME, 2014, p.90).

Sepultamento 3

Profundidade entre 5cm e 15cm. Decúbito dorsal, fletido. Sepultamento simples com blocos acima e abaixo dos ossos e indícios de fogueira. O indivíduo estava articulado e foram encontrados carvão, líticos, gastrópodes e bivalves associados. Sondagem T2, E1 (Figura 6.444).



Figura 6.44 Detalhe do indivíduo n° 3 durante evidenciação.

Fonte: (OLIVEIRA; RIBEIRO; JÁCOME, 2014 p.92).

Sepultamento 4 - Profundidade entre 5cm e 15cm. Na ficha desse sepultamento informa que foram recuperados somente fragmentos do crânio e que não havia mais ossos associados. Na descrição do inventário aparecem sacro/púbis, costelas, clavícula, úmero, crânio, mandíbula, e fragmentos diversos. Na descrição da ficha ainda cita que foram encontrados associados ao sepultamento fragmentos de carvão, líticos, gastrópodes e bivalves. Sondagem D2

Sepultamento 5 - Profundidade entre 20cm e 25cm. Decúbito dorsal, fletido, simples, primário e articulado. Descrição da ficha indica presença de blocos acima e abaixo do sepultamento assim como indícios de fogueira. Foram encontrados também junto ao indivíduo fragmentos de carvão, lítico, gastrópodes e bivalves. Sondagens T2, F2

Sepultamento 6 - Profundidade entre 5cm e 15cm. Decúbito lateral direito com a face direita do crânio voltada para cima. Indivíduo infantil sem idade biológica definida, estava fletido e articulado (Figura 6.45). Sepultamento primário com blocos acima e abaixo dos remanescentes ósseos e indícios de fogueira. Presença de vestígios de carvão, líticos, gastrópodes e bivalves. Sondagem T2E.



Figura 6.45 Indivíduo nº 6 em evidênciação.

Fonte: (OLIVEIRA; RIBEIRO; JÁCOME, 2014 p.93)

Há mais dois casos de achados funerários para a região, mas com pouquíssima documentação nos processos de como foram encontrados, recuperados e trabalhado em laboratório. São apresentados a seguir:

No município de Iguatama nas propriedades da Fazenda Dois Irmãos durante um trabalho realizado entre 2007 e 2014 encontraram um sítio cerâmico a céu aberto em área de plantação de milho denominado Ninhal. Os vestígios cerâmicos encontrados no sítio

encontram-se sobre guarda integram parte da exposição do MAC (Museu do Arqueológico do Carste / Pains).

A exposição do material in loco foi feita de forma acidental pelos trabalhadores da fazenda enquanto aravam o campo para plantio. Após identificarem o material foi acionada uma equipe do setor de arqueologia da UFMG que procedeu com o resgate e transporte do material sob responsabilidade da arqueóloga Camila Jácome (JÁCOME, 2007).

A urna encontrada foi escava parcialmente em campo, ao final dessa primeira escavação ficaram expostos dois ossos longo e o trabalho continuou em laboratório sob a coordenação de Rafael Bartolomucci. A urna apresenta um diâmetro de abertura superior de 50 cm por 50 cm e o maior diâmetro de 80 cm e de altura aproximada de 1,0 m.

Dessa escavação resultou um sepultamento em urna contendo um indivíduo provavelmente do sexo feminino, com idade no intervalo de 50 – 60 anos. Interessante observação da presença de diversas peças de micro lascamentos, e cerca de 3000 contas acompanhando o sepultamento. Sobre a posição do sepultamento acredita-se que o indivíduo tenha sido colocado sentado, hiperfletida com os braços no colo e os pés juntos.

Timburé - Nos documentos levantados constam poucas informações sobre o Sítio, além de estar em área abrigada sob rocha e ter em nas proximidades outros dois sítios denominados Timburé II e Timburé III. Nele foi recuperada uma urna funerária que foi levada para o MAC (Museu do Arqueológico do Carste do Alto São Francisco) (HENRIQUES, 2017).

A escavação da urna foi feita em laboratório e os relatórios apontam para um indivíduo adulto entre 25 e 30 anos cujo sexo não pode ser estimado. O mau estado de conservação do material pode estar relacionado com a sua exposição a altas temperaturas (apresentam marcas de cremação e de fraturas por calor) (HENRIQUES, 2017).

No município de Pimenta foi realizado, pela empresa Terra Firme Consultoria, um trabalho de prospecção e resgate sob o protocolo 01514.001116/2011-08. Esse trabalho resultou na localização de um abrigo denominado Sítio Arqueológico Fazenda da Cotela (mesmo nome da propriedade onde se encontra o abrigo). Nele foram encontrados vestígios cerâmicos em superfície e na sondagem 1 foram recuperados líticos, sementes, carvões, cerâmica e fragmentos de ossos humanos. Ao se deparar com o sepultamento a equipe

interrompeu os trabalhos e fecharam a sondagem por não haver tempo hábil para proceder com o resgate.

6.6.3 Fortuito

O sítio **Bambuzal** está localizado na cidade de Doresópolis na região do Alto São Francisco na propriedade do Sr. Euclides da Silva. O trabalho realizado em contexto de arqueologia preventiva solicitado pela empresa Imerys com o intuito de explorar calcário na poligonal 801.254/75.

A arqueóloga responsável Solange Bezerra Caldarelli, (Scientia Consultoria), identificou o abrigo como um possível sítio cemitério. Em sua superfície foram encontrados vestígios cerâmicos com engobo branco e um “osso longo possivelmente humano”

Infelizmente o relatório apresentado ao IPHAN de Minas Gerais não possui uma descrição mais completa e nem fotos de detalhe dos vestígios citados. Não foram encontrados outros relatórios sobre a escavação desse sítio onde *a priori* os vestígios ainda se encontram in loco.

Localizado na cidade de Iguatama na região do Alto São Francisco (430112/7759626) a Gruta denominada **Mata das Frutas** é uma caverna com área abrigada clássica de região cárstica, acesso fácil por pasto de dimensões médias (8m profundidade x 20m largura), altura média de 10m e presença de claraboia também trabalhada por Koole 2014.

O relevo do abrigo apresenta um leve declive para a parte de fora, possibilitando o carreamento de sedimento para fora do abrigo. Esse fato pode ajudar a explicar a exposição de ossos humanos (calota craniana) na superfície do salão do abrigo.

Vestígios de lascamento também foram encontrados na superfície e em áreas de pingueiras, lascas de quartzo, batedores e quebra cocos. Apesar de terem sido encontrados vários vestígios em superfície o autor não realizou sondagens no abrigo.

Existe na literatura menção a um sítio com urnas funerárias denominado **Engenho da Serra**. Algumas dessas urnas estão expostas no Núcleo Museológico da Estação Ecológica de Corumbá (apesar de estarem em exposição o núcleo encontra-se fechado por motivos de

segurança) no município de Arcos. Durante as pesquisas realizadas no sítio e com as urnas, em laboratório não foi mencionado o material esquelético. Acredito que as urnas, assim chamadas, cumpriam uma função não relacionada a sepultamento, mas sim a estoque e guarda de gêneros alimentícios. Não há também nenhum trabalho que comprove essa utilização desse material especificamente (HENRIQUES, 2017).

Na data de 28/09/1998 o IPHAN recebeu um ofício (OFGUANO 032) do grupo de Espeleologia GuanoSpeleo do Instituto de Geociências da UFMG denunciando o saque de material arqueológico da **Gruta de Maçambará** localizada na Fazenda Veado no município de Pains. Em vistoria no local a arqueóloga Alenice Baeta confirmou a depredação ao sítio arqueológico. Materiais que ainda estavam em superfície foram coletados, entre eles fragmentos cerâmicos, ossos, dentes humanos e carvões. O MHN da UFMG se prontificou a realizar a guarda do acervo coletado pela arqueóloga.

No município de Claudio foi realizado o resgate de uma urna com fragmentos de ossos humanos localizados durante obras realizadas no **cemitério municipal** pela própria prefeitura (Processo IPHAN nº 01514.000.306/2005-57). Os próprios funcionários realizaram a escavação dessa urna e em 21/07.2005 os vestígios foram entregues ao Museu Histórico e Artístico e Casa de Cultura Índia Gregório de Araújo.

Uma equipe do MHNJB da UFMG juntamente com a 13ª DR do IPHAN realizou a coleta de fragmentos cerâmicos junto aos sedimentos que ainda não tinham sido descartados. A obra foi paralisada para que fosse realizado o devido trabalho arqueológico no local. Foram definidos dois extratos arqueológicos, um a 1,20 metros de profundidade (local onde estava a urna) e outro a 30 centímetros de profundidade. Não foram encontrados junto aos arquivos do IPHAN mais informações sobre os vestígios esqueléticos recuperados nesse resgate.

Os sítios denominados Estação do Cercado e Fazenda Olhos d'Água, respectivamente nos municípios de Nova Serrana e Perdões, estão cadastrados no site do CNSA como sítios funerários, porém não foi localizado na bibliografia dados sobre os remanescentes esqueléticos encontrados neles, bem como qualquer outra informação sobre as escavações.

6.7 Sul e Sudoeste

A região Sul e Sudeste (Figura 6.46) do estado de Minas Gerais possui uma grande amplitude altimétrica variando entre 500 e 1.500 metro de elevação, com uma economia voltada diretamente para atividade agropecuárias (café e gado leiteiro) (CARNEIRO; FONTES, 2005). Cortada pela Rodovia Fernão Dias, principal ligação entre a capital paulista e a capital mineira, vem experimentando um crescente aumento de investimentos.

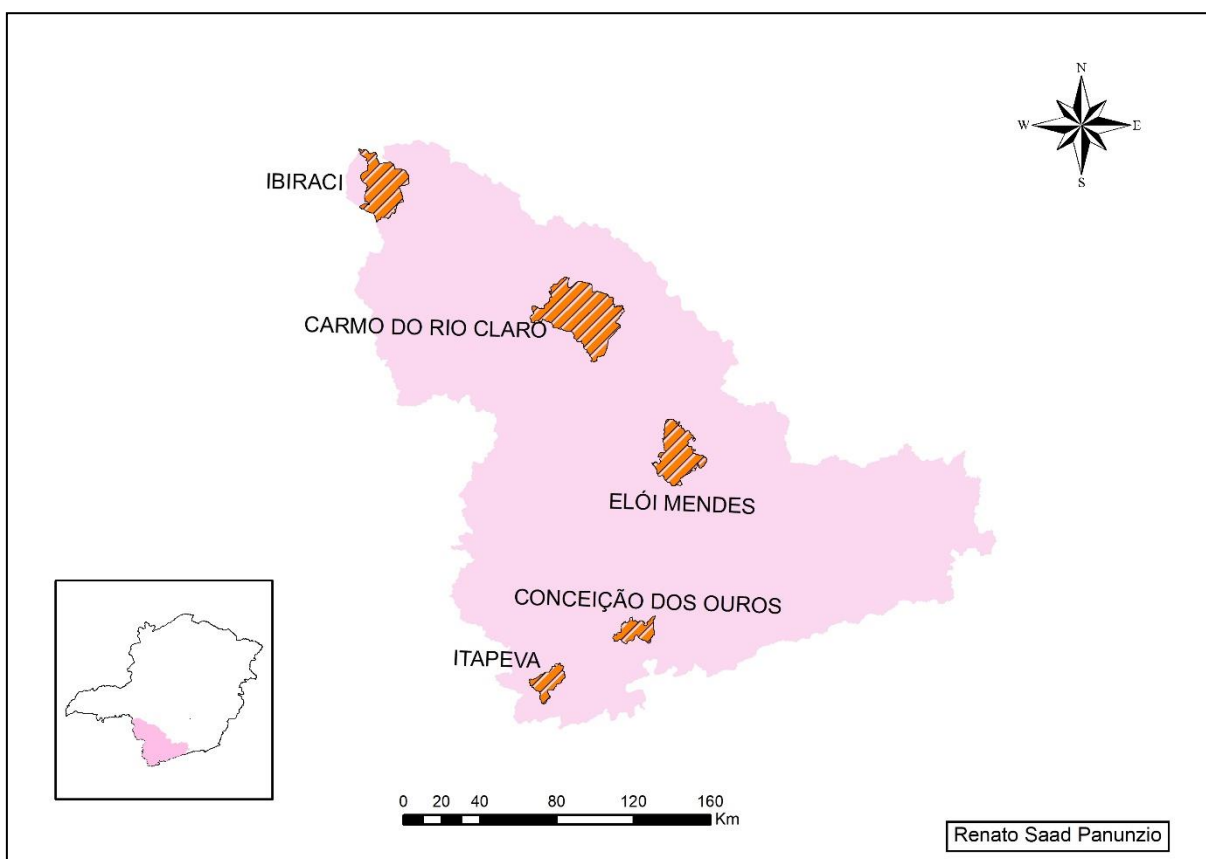


Figura 6.46: Mapa de detalhe da Região Sul / Sudeste (49503,91 km²), destaque para os municípios com sítios funerários.

Alvo de diversos estudos realizado pelo arqueólogo Ondemar Dias, Eliana Teixeira de Carvalho, Lilia Machado Cheuiche em pesquisas promovidas pelo PRONAPA com registraram dezenas de sítios arqueológicos. Na Figura 6.477 é possível observar o volume de sítios cadastrados no decorrer do tempo. Os registros analisados estão conectados aos 6 municípios que possuem sítios funerários na região.

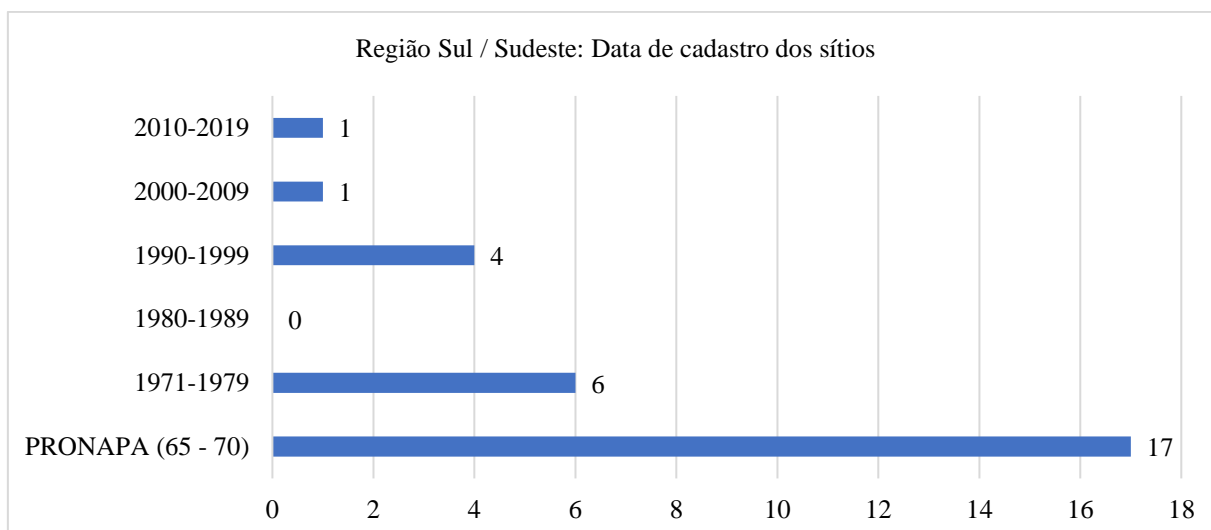


Figura 6.47: Período de cadastro dos Sítios Arqueológicos.

A disposição desses sítios é bem diferente do retrato no restante de Minas Gerais, praticamente todos encontram-se a céu aberto (Figura 6.48), situação que pode ser compreendida pela formação geológica da região (granito gnaisse em sua maioria) que não favorece a formação de uma variabilidade grande de abrigos, ou está diretamente ligada ao tipo de grupos que habitavam a região, preferindo eles a utilização de áreas abertas ao invés de cavidades e abrigos.

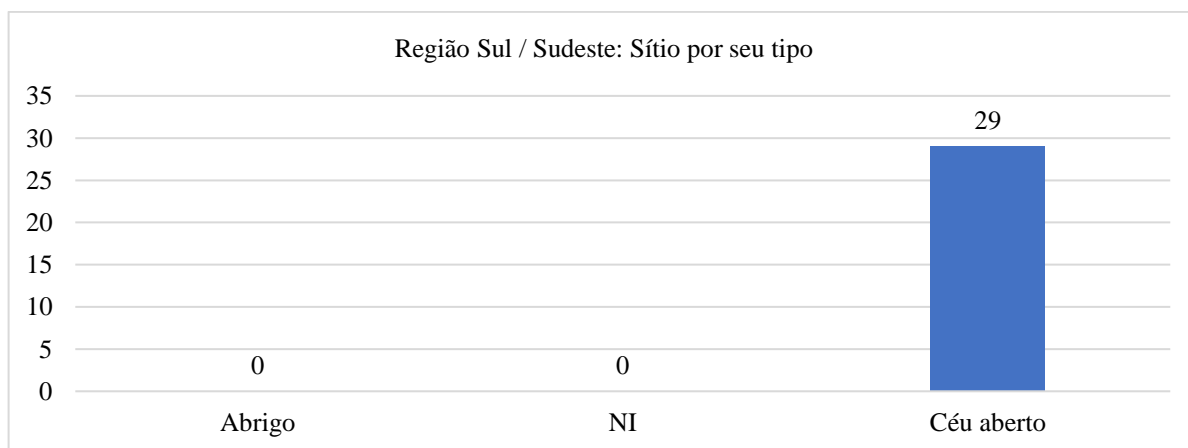


Figura 6.48: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

A maior parte dos sítios foi cadastrada através de trabalhos acadêmicos e 60% dos sítios estão nesse contexto (Figura 6.499).

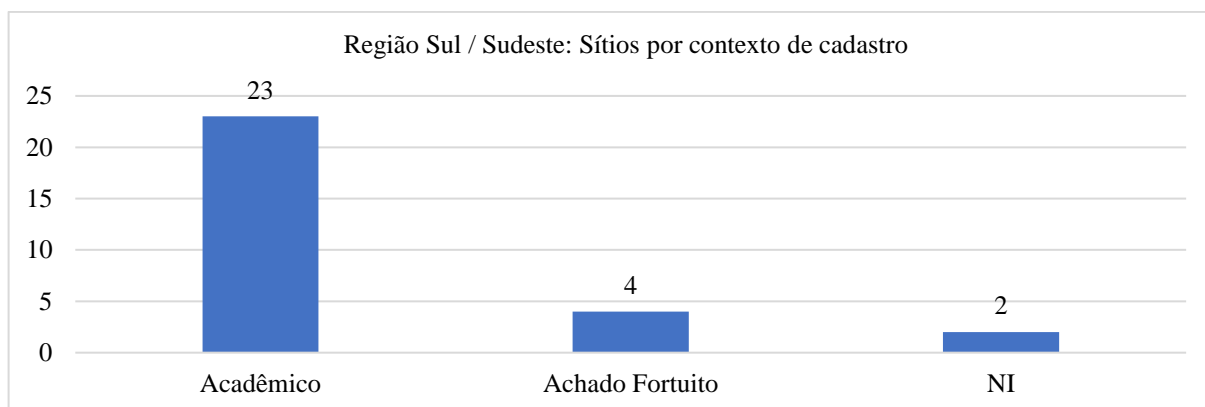


Figura 6.49: Contexto de cadastros de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

6.7.1 Acadêmico

No município de Elói Mendes há a menção do registro do Sítio dos Olhos, registrado pelo projeto PRONAPA em outubro de 1970 (CNSA MG00878). O sítio é citado em outras publicações que apresentam resultados do projeto. No cadastro o sítio é apresentado como funerários, apresentando também líticos polidos e fragmentos de cerâmica. No entanto o material coletado em superfície desse sítio a céu aberto não tem destinação confirmada, e não há referência a identificação do material esquelético.

6.7.2 Contrato

Nos municípios da região não foram encontrados sítios arqueológicos com vestígios funerários cadastrados através de trabalhos de contrato.

6.7.3 Fortuito

No município de Carmo do Rio Claro o Senhor Antônio Aduino Leite mantém o Museu Catú-Auá. A formação dessa coleção baseia-se nos achados da zona rural do município que foram coletados e agregados de início por sua mãe, Senhora Flavia Lemos.

Atualmente o museu conta com uma coleção de mais de 2000 peças entre pontas de flechas, machados líticos, cachimbos, fragmentos e vasilhas cerâmicas, urnas funerárias entre outras peças. Todo esse acervo está parcialmente catalogados por Edson Luís Lemos especialista em arqueologia pela Universidade de Santo Amaro (UNISA) (GOMES, 2009).

Apesar da menção de urnas funerárias não houve relatos sobre a presença de fragmentos de ossos humanos nos documentos analisado.

No município de Conceição dos Ouros em 1998 o IEPHA/MG (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico) realizou uma vistoria técnica solicitada pela prefeitura para averiguar vestígios encontrados durante a construção de um muro residencial (Relatório protocolado sob número 98.1490 de 06/08/98.) (Figura 6.50).

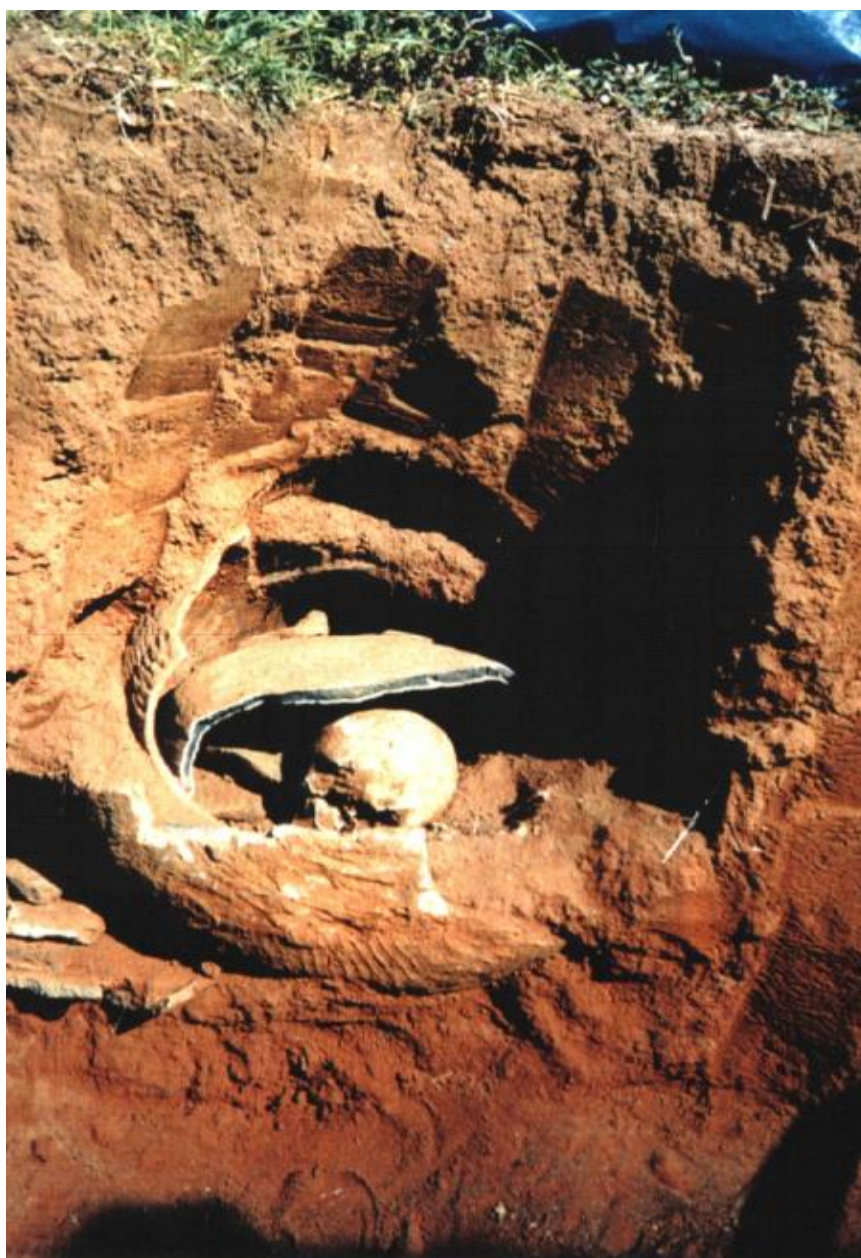


Figura 6.50: Local do encontro das Urnas funerárias.

Fonte: Relatório de Fabiano Lopes de Paula protocolado no IPHAN sob número 98.1490 em 06/08/1998.

Foi verificada a presença de duas urnas conjuntas, havendo um sepultamento em cada. As urnas estavam com sua base a 1 metro de profundidade, o vasilhame cerâmico que a recobria encontrava-se a 40 centímetros da superfície. A urna externa possui paredes com dimensões de 3,5 centímetros de espessura e diâmetro de 60 centímetros no seu maior comprimento, o crânio em seu interior estava com a face voltada para Sul. Sítio foi registrado com o nome “Do Lico”.

A urna interna possuía uma tampa deslocada de sua posição inicial, pela movimentação dos populares que encontraram o material. As paredes com espessura média de 2 centímetros, abrigavam um sepultamento secundário com o crânio solto e as demais partes anatômicas encobertas pelo sedimento. O terceiro vasilhame que recobria apresenta 60 centímetro de comprimento em seu maior eixo e 45 centímetro de comprimento em seu menor eixo, com decoração de traços curvilíneos, lineares e pontilhados de coloração preta sob engobo branco e uma faixa vermelha na borda externa (Figura 6.51).

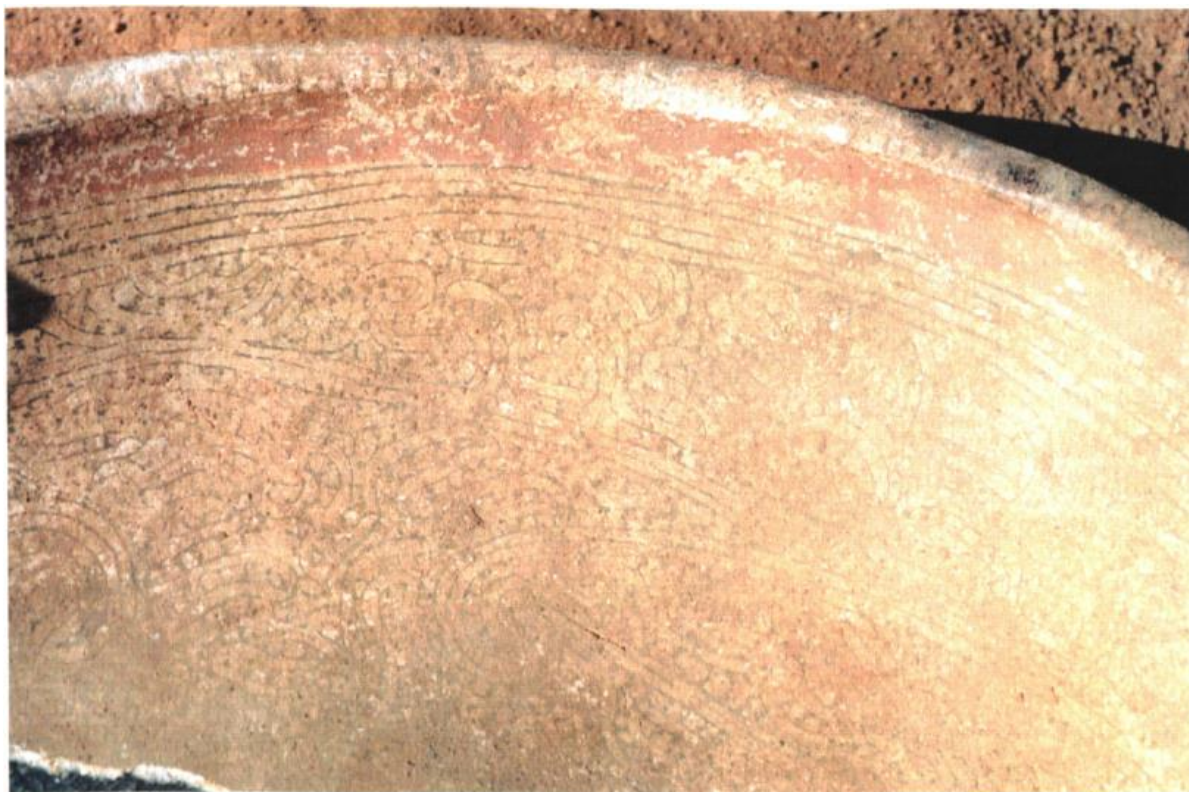


Figura 6.51: Detalhe da decoração do terceiro vasilhame.

Fonte: do Relatório de Fabiano Lopes de Paula protocolado no IPHAN sob número 98.1490 em 06/08/1998.

O material cerâmico foi encaminhado para o ateliê de restauração do IEPHA e posteriormente encaminhado para guarda pelo poder público municipal de Conceição dos

Ouros. Os vestígios ósseos foram encaminhados para o setor de arqueologia do Museu de História Natural da UFMG e posteriormente retornaram à cidade de origem.

Há referência de que dois anos antes em uma residência a 30 metros de distância também foram descobertos de forma casual vestígios arqueológicos referentes a sepultamentos, porém desse achado não foi localizada documentação com informações mais precisas.

No município de Ibiraci foram localizadas peças arqueológicas na propriedade rural do Desembargador Antônio Hélio Silva. Este enviou parte do material ao Museu de História Natural da UFMG (7 fragmentos cerâmicos, 4 ossos, 1 dente, diversos fragmentos ósseos). O conjunto total de material encontrado estava em sua propriedade e pesava em torno de 20kg. O material analisado pelo Prof. Andre Prous foi considerado de relevante importância arqueológica, apesar de descontextualizado pela forma como foi coletado.

Em ofício (Of. Semus / MHNJB/008/2002 de 29 de outubro de 2002) a Senhora Claudia Cristina Cardoso, museóloga do MHNJB/UFMG solicita ao IPHAN que faça uma vistoria na região. Após essa comunicação há um memorando interno onde é solicitado aos técnicos em arqueologia que analisem o documento e tomem providências, porém não foram encontradas mais informações sobre o sítio ou os achados arqueológicos referidos.

No município de Itapeva populares da zona rural encontraram uma urna funerária sob uma “laje” de 50 centímetros por 30 centímetro. Inicialmente achavam que o local poderia conter um “tesouro”, ao abrirem a urna e encontrarem alguns ossos interromperam a “expedição” e comunicaram as autoridades municipais (Parecer 05012 AHD/CT/IPHAN – MG de 02/04/2012). O proprietário do terreno, onde se planta milho e a terra é arada por tração animal, nunca havia encontrado outros vestígios arqueológicos em sua propriedade. O sítio cadastrado com o nome de Sítio Arqueológico Pré Colonial Cerâmica Preta tem área estimada em 1500 m² ocupando parte de outras propriedades onde, no momento da vistoria, havia pasto e pequenos fragmentos cerâmicos espalhados de forma dispersa.

O doutorado de Delforge fez a análise do material lítico recolhido no sítio e ainda a escavação de quatorze áreas de sondagem não revelaram outros vestígios funerários (DELFORGE, 2017).

Não foram localizadas informações sobre o destino dos vestígios humanos resgatados durante os trabalhos de vistoria dos técnicos do IPHAN.

6.8 Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba

Região localizada no extremo leste do estado (Figura 6.52) com relevo variado, possui chapadões, planaltos sedimentares, e serras. Margeada pelo Rio São Francisco e Paranaíba possui terrenos de alto valor econômico. A produção pastoril vem ocupando gradativamente a área de cerrado e a mecanização da agricultura tem incentivado as altas produções de grãos (soja principalmente) (CARNEIRO; FONTES, 2005).

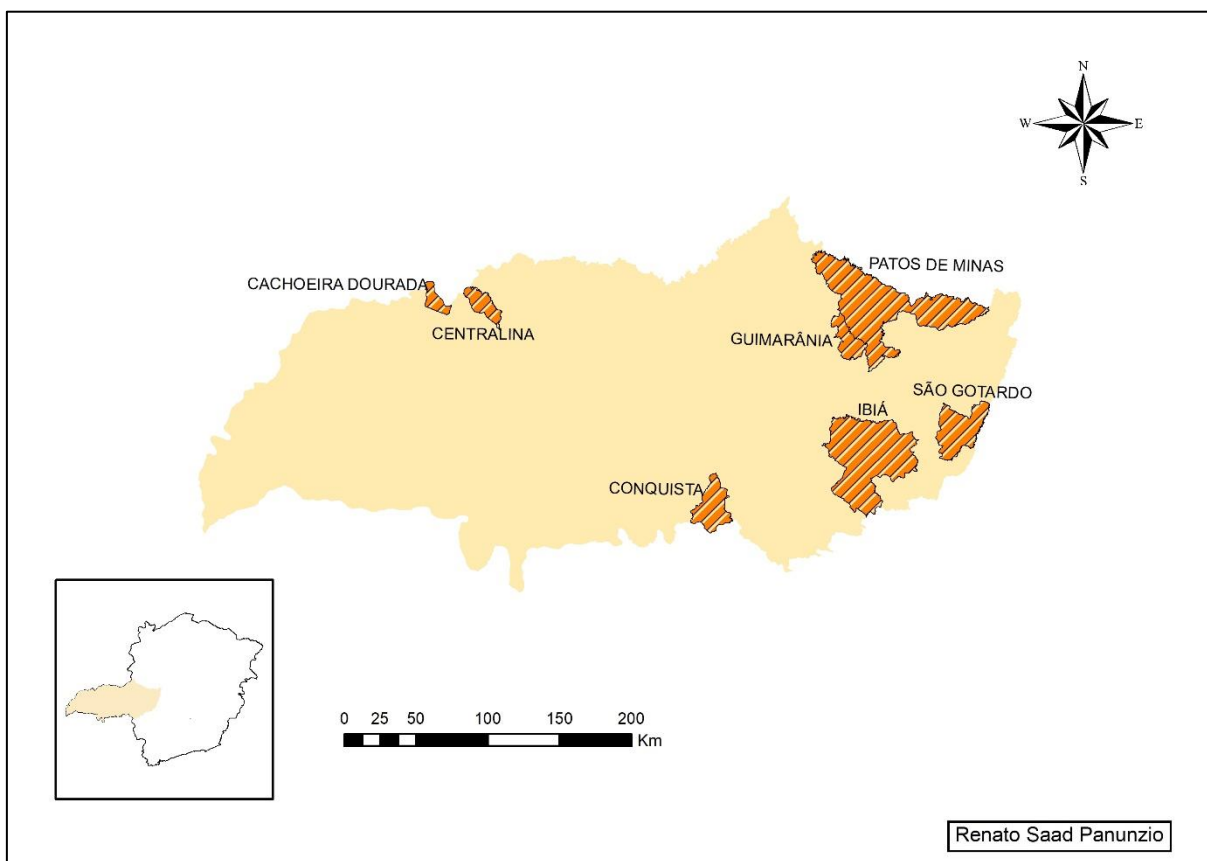


Figura 6.52: Mapa de detalhe da Região do Triângulo Mineiro e Alto do Paranaíba (90789,68 km²), destaque para os municípios com sítios funerários.

Os dados referentes a época de cadastros dos sítios, nos municípios que possuem registros arqueológicos funerários, infelizmente são incompletos 38% das fichas não possuem a informação. Dos que possuem o dado, 23% foram cadastrados na década de 80, 9% entre os

anos de 1990 e 1999, 14% na década de 2000, 16% mais recentemente na década de 2010, na Figura 6.53 é possível observar os valores em gráfico.

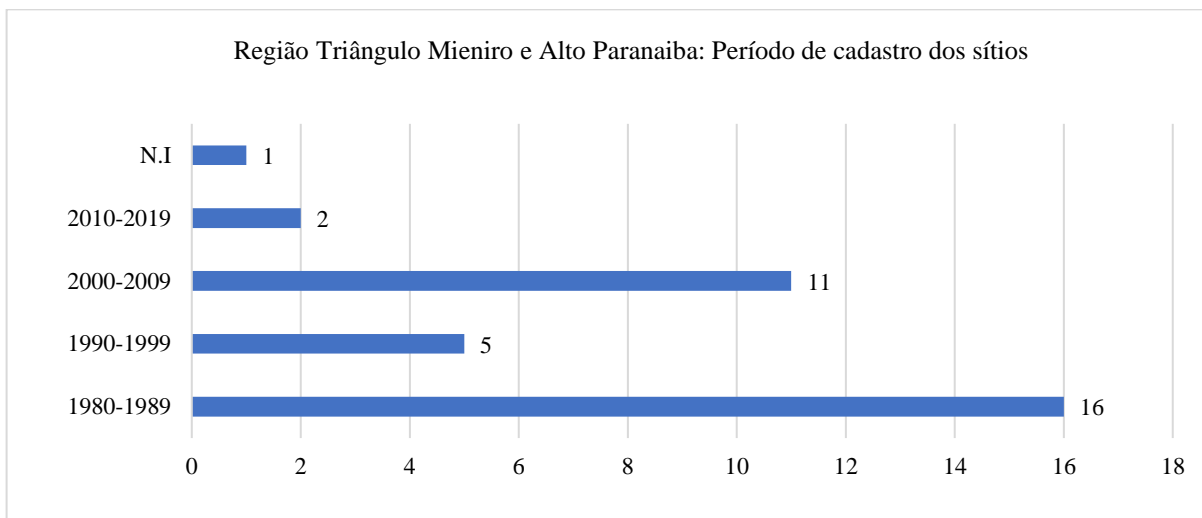


Figura 6.53: Período de cadastro dos Sítios Arqueológicos.

O contexto de cadastro dos sítios é majoritariamente pelas atividades de contrato, 63% dos sítios. A academia foi responsável pelo cadastro de 28% dos sítios do Triângulo Mineiro (Figura 6.54).

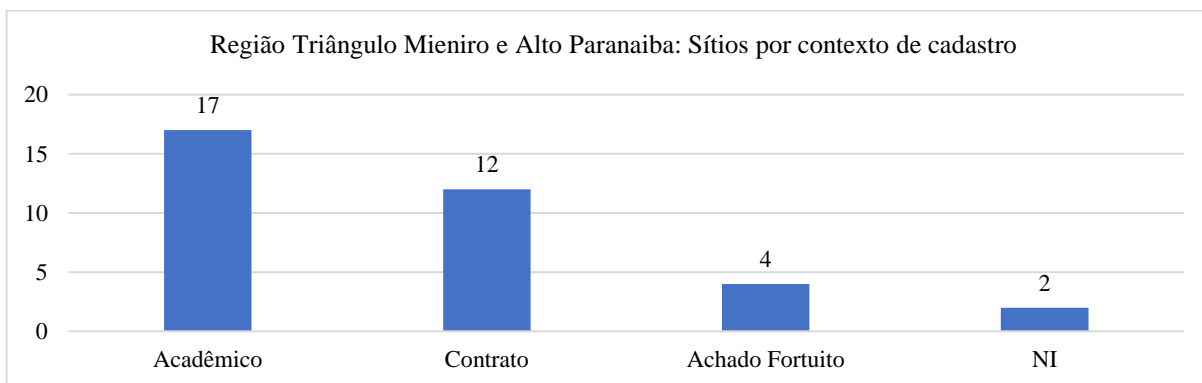


Figura 6.54: Contexto de cadastros dos sítios nos municípios com sítios funerários.

Em similaridade ao que se observa na Região Sul / Sudeste os sítios do Triângulo Mineiro são massivamente a céu aberto, 72% se enquadram nessa descrição, para os outros 28% dos sítios não foi possível observar essa informação (Figura 6.555).

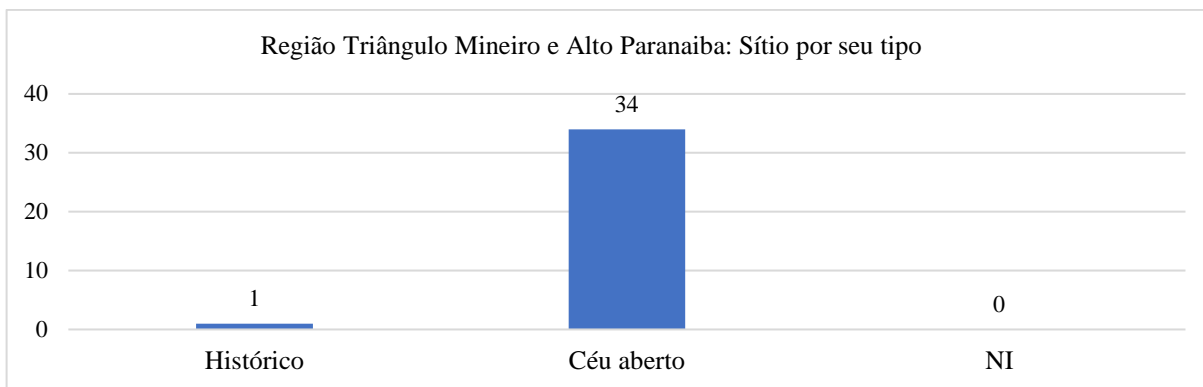


Figura 6.55: Tipo nos quais os sítios foram cadastrados nos municípios em destaque na região.

Apesar de estarem cadastrados no CNSA como sítios com vestígios funerários os sítios arqueológicos Fazenda Vargem Formosa, Fazenda São José, Fazenda Samambaia e Muchoco não foram encontradas descrições dos sepultamentos o de indicação de remanescentes ósseos humanos.

6.8.1 Acadêmico

O Projeto Arqueológico Quebra Anzol desenvolvido por Alves e associados, desde 1980, colaborou para a identificação de sítios tanto em Minas Gerais como em São Paulo (Vale do Rio Paranaíba). Na região do Triângulo Mineiro, há notícias de sepultamentos encontrados no Sítio Rezende localizado na cidade de Centralina. As datações para esse sítio, 7.300 a 630 anos AP, envolvem dois horizontes de ocupação. O horizonte mais antigo remete a ocupações de caçadores coletores (7.300 a 3.680 anos AP) e possuem cinco lentes de ocupação estabelecidas pelas estratigrafias das sondagens realizadas (MARIANO; ALVES; BUGATTILSOLAN, 2013).

No horizonte atribuído aos agricultores ceramistas (1.190 a 630AP) foi encontrado um indivíduo sepultado diretamente no chão de forma primaria

[...]também enterravam o morto diretamente na terra em decúbito lateral esquerdo com a frente craniana (testa) afundada a esquerda (possivelmente por uma pancada de borduna de pedra) de acordo com a evidência desse sepultamento no sítio Rezende[...] (ALVES, 2013).

No sítio Silva Serrote, também no âmbito do projeto Quebra Anzol, localizado na cidade mineira de Guimarães as datações por termoluminescência chegam à data de 790±120 anos

AP e por C¹⁴, com menos variação, 760± 50AP. Nesse sítio foi encontrado uma urna lisa, com tampa e sem pintura. Dentro havia um sepultamento primário de um indivíduo em posição fetal (ALVES, 1992; FIGUEIREDO, 2008).

Ainda no âmbito do Projeto Quebra Anzol no Sítio Inhazinha na cidade de Centralina foi recuperado pelo proprietário da fazenda em 1975 uma urna funerária. Segundo relatos o indivíduo estava em posição fetal no interior do vaso (ALVES, 1992)

Nos três sítios relacionados ao projeto Quebra Anzol na região do Triângulo Mineiro não foram encontrados sepultamentos relacionados às camadas de ocupação mais antigas, atreladas nesses sítios ao contexto caçador coletor (para uma síntese dos trabalhos realizados no âmbito do Projeto Quebra Anzol ver ALVES, 2013)

6.8.2 Contrato

No município de Conquista o projeto UHE de Igarapava (11.119-RE-G93-022-a) de dezembro de 1988 já descrevia a presença de dois sítios arqueológicos com presença de vestígios funerários na região, são eles Poçãozinho e Califórnia.

O Sítio Poçãozinho as margens do Rio Grande é um sítio a céu aberto sofria na época a intervenção da cultura canavieira. A constante manipulação do solo para o plantio contribuiu para perturbação das camadas arqueológicas mais superficiais. O morador local que acompanhou a equipe de arqueologia informou que foram encontrados a cerca de 20 anos diversos potes cerâmicos inteiros, alguns contendo restos esqueléticos.

O Sítio Califórnia distante do Poçãozinho por aproximadamente 2,5 quilômetros, também localizado a céu aberto em área de lavoura, foi considerado um possível cemitério vinculado a uma aldeia próxima (Sítio Santa Cecília a 500 metros de distância). Os vestígios funerários foram localizados por populares em anos anteriores a prospecção e estariam em posse dos antigos arrendatários da propriedade.

O resgate desses sítios ocorreu durante os anos de 1997 á 1999 sob responsabilidade da empresa Arkaios Consultoria, ambos os sítios estavam em local a ser inundado pela barragem da UHE. No ano de 2001 foi enviado ao IPHAN um ofício solicitando a mudança do museu responsável pela guarda do material resgatado. O ofício solicita que o Museu de Ciências

Naturais da PUC MG pudesse receber o material ao invés de ser realizado o envio para Nova Ponte, MG. A correspondência informa ainda que o material (40 caixas do tipo engradado) se encontra acondicionada no laboratório de análise da Arkaios desde o resgate.

No município de Cachoeira Dourada na propriedade do Senhor Públio Chaves o caseiro localizou na área de lavoura durante aragem do terreno uma placa de cerâmica e alguns dentes humanos (Protocolo 01514.003608/2011-20). A equipe de arqueologia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri receberam o material coletado e durante prospecção superficial não localizaram mais evidências de vestígios arqueológicos. O sítio foi cadastrado com o nome de Sítio Cachoeira 01 (7953608 / 656533 22K). Informações sobre a destinação do material não foram localizadas.

6.8.3 Fortuito

No município de Patos de Minas foi localizado no sítio denominado Contendas uma urna funerária por populares durante o preparo do terreno para plantio. Funcionários da Divisão de Patrimônio Histórico (DPH) do município, presando a segurança do material que teve sua descoberta amplamente divulgada seu achado na mídia local do município (Figura 6.56). No relato sobre a descoberta da urna os remanescentes ósseos estavam desfazendo-se ao toque, nos demais documentos não foi informado se a urna foi escavada ou a destinação dos vestígios em seu interior.



Figura 6.56: Imagem da urna sendo preparada para transporte.

Fonte: Foto de Myriam Furtado, Ofício 99031 de 08/01/1999.

Ainda no município de Patos de Minas o Sítio Pindaíbas foi cadastrado por funcionários do IPHAN após ser evidenciado de forma fortuita uma urna com restos esqueléticos humanos. Após uma forte chuva um lavrador identificou um material estranho em superfície e ao escavar evidenciou a urna. Em busca de possíveis “tesouros” em seu interior quebrou a urna e o crânio que havia dentro. Após informar os proprietários do terreno e esses ao DPH municipal, foi feita uma vistoria pelos técnicos do setor.

No local identificaram parte da urna ainda encrustada no barranco com 3 camadas concêntricas (Figura 6.57) e diversos fragmentos de ossos humanos (Figura 6.58) que foram recolhido e acondicionado em caixas pequenas e sacos de lixo e acondicionado provisoriamente no Museu da Cidade no mesmo município. Na documentação analisada não foi encontrado informações sobre a realização de escavações ou estudo no local onde foi evidenciado a urna, ou com o material coletado.



Figura 6.57: Detalhe dos fragmentos da urna.

Fonte: Ofício 45/2006 DPH de Patos de Minas.



Figura 6.58: Detalhe dos vestígios esqueléticos e fragmentos da urna.

Fonte: Ofício 45/2006 DPH de Patos de Minas.

6.9 Vale do Rio Doce

A região do Vale do Rio Doce homônima ao principal rio de sua rede hidrográfica situa-se na parte leste do Estado mineiro. Possui uma vegetação já fortemente antropizada pela cultura cafeeira, explorações naturais, criação de gado, cultivo de bem de subsistência para consumo regional (arroz, feijão, milho, cana de açúcar) (CARNEIRO; FONTES, 2005). Na Figura 6.599 é possível compreender a localização da região do Vale do Rio Doce no estado bem como o destaque dos municípios que possuem sítios funerários.

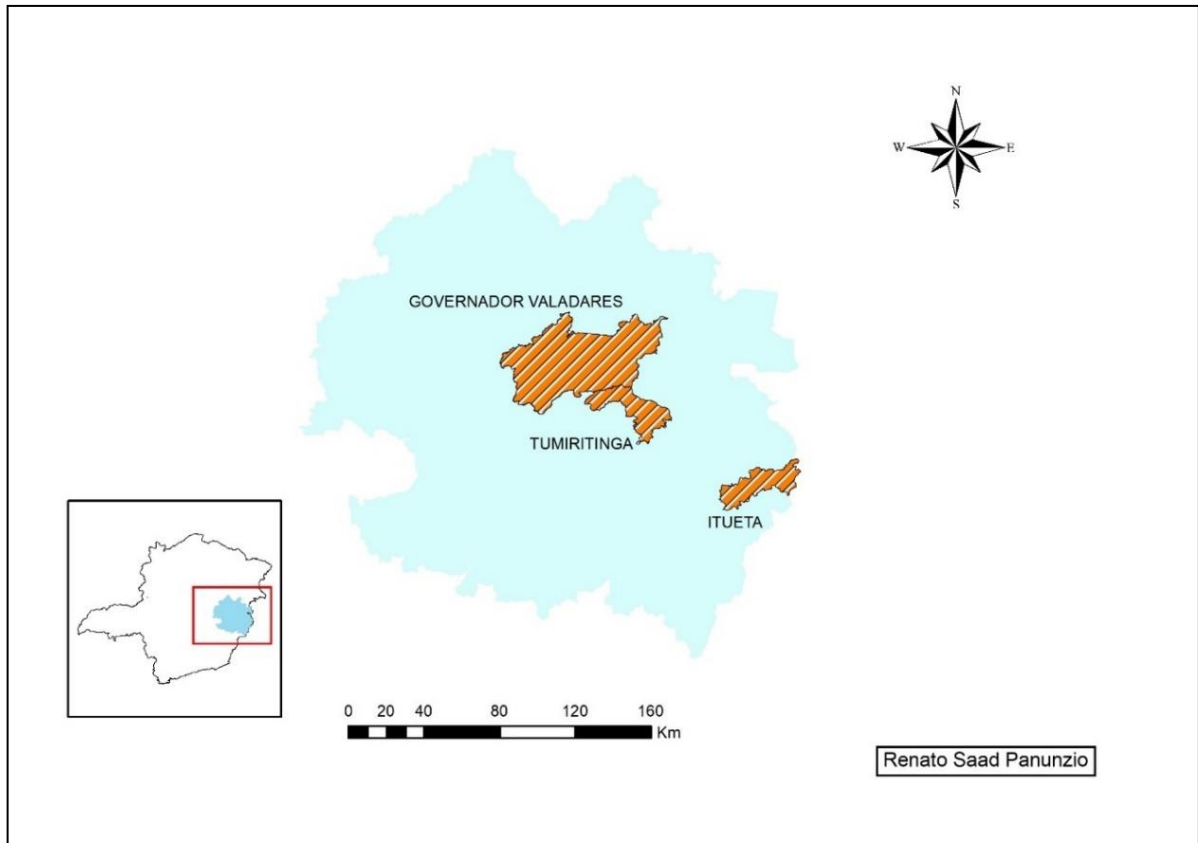


Figura 6.59: Mapa de detalhe da Região do Vale do Rio Doce (41883,73 km²), destaque para os municípios com sítios funerários.

Os sítios nessa região, que possuem informação sobre sua disposição entre céu aberto ou em local abrigado, estão praticamente todos a céu aberto 60% dos sítios. Infelizmente para os outros 40% não foi possível localizar a informação (Figura 6.60).

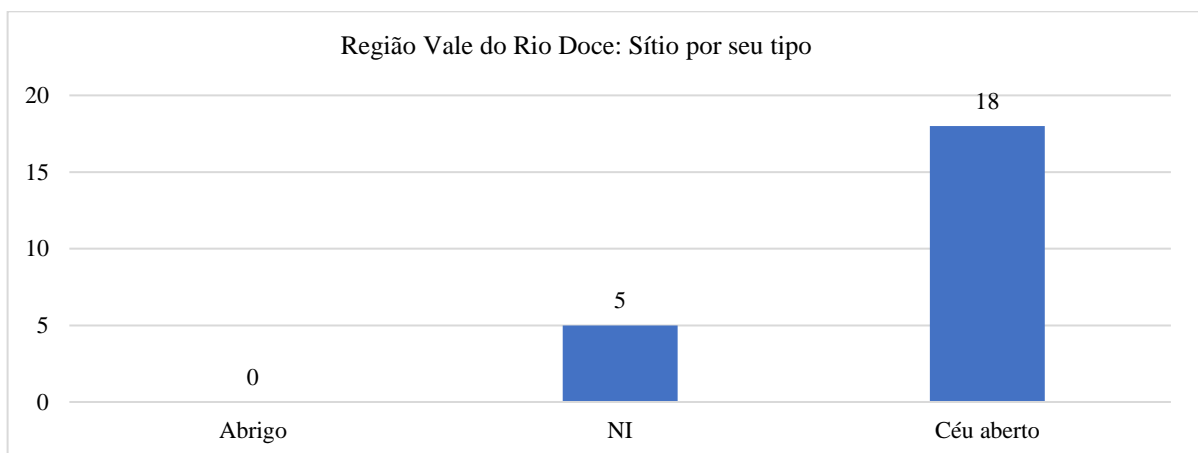


Figura 6.60: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

Apesar da ocupação, historicamente retratada, na região ser antiga o cadastro de sítios arqueológicos se deu apenas recentemente. Prova disso se da na data de registro dos sítios arqueológicos 64% dos sítios alvo dessa pesquisa foram registrados na década de 1990, 27% entre 2000 e 2009 e mais recentemente, entre 2010 e 2019, foram cadastrados apenas 9% dos sítios (Figura 6.61).

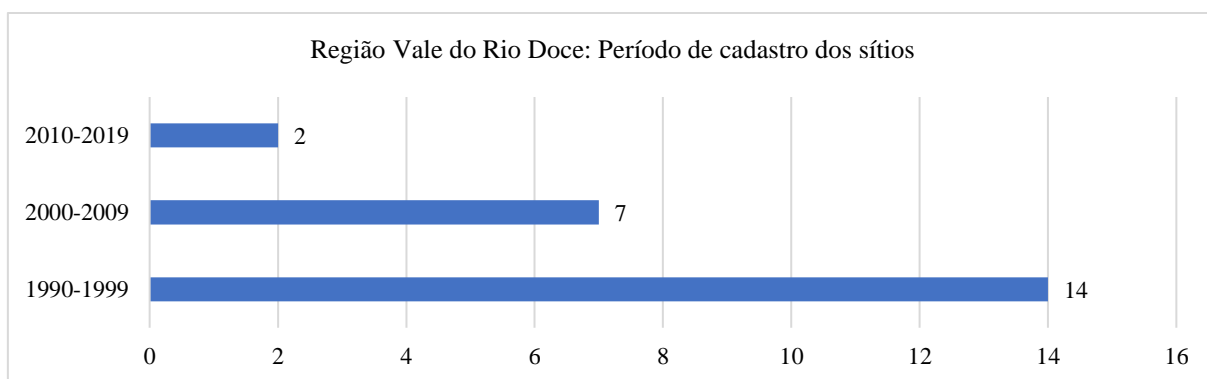


Figura 6.61: Distribuição do volume de cadastro dos sítios arqueológico no decorrer dos anos.

O desenvolvimento econômico de alguns municípios pertencentes a região, Ipatinga, Governador Valadares, Timóteo e Coronel Fabriciano, estão diretamente ligado a exploração mineral (CARNEIRO; FONTES, 2005). Como já dito anteriormente essa industrialização promove também o avanço de estudos arqueológicos voltados para o licenciamento ambiental Na Figura 6.622 é possível observar a divisão do cadastro dos sítios arqueológicos nos municípios pesquisados, 50% dos sítios foram cadastrados sob o viés de trabalhos de contrato, 9% em contexto acadêmico outros 9% por achados fortuitos, para 32% não foi encontrada a informação.

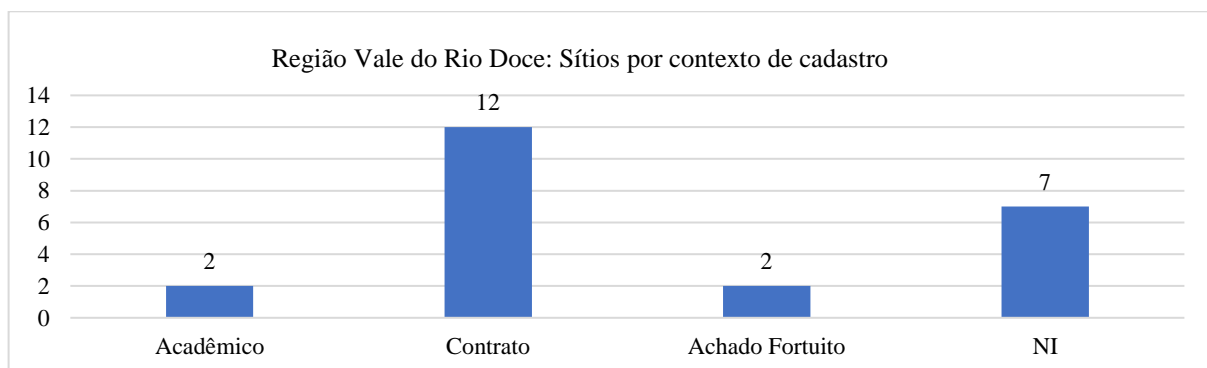


Figura 6.62: Contexto de cadastros de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

6.9.1 Acadêmico

Nos municípios da região não foram encontrados sítios arqueológicos com vestígios funerários cadastrados através de trabalhos de acadêmicos.

6.9.2 Contrato

No município de Itueta o Sítio Arqueológico Vala Seca se encontra a margem direita do Rio Doce, com uma área estima de 30.000m² seria o local onde o canteiro de obras 2 da UHE Aimorés se instalaria. A empresa SETE soluções e Tecnologia Ambiental geriu o projeto de prospecção e acompanhamento das obras (BAETA, 2005).

Durante a fase de prospecção foi encontrado pelos funcionários fragmentos cerâmicos corrugados originários de um pote, bem como ossos longos humanos fragmentados (peso total do conjunto 300g). O local do achado foi monitorado até o retorno da equipe na fase de resgate. Contudo nessa nova etapa não foram localizadas peças ao acaso e as sondagens realizadas localizando pequenos fragmentos de cerâmica (BAETA, 2005).

Foram estimados pelos técnicos da SETE que analisaram o material, que os ossos pertenceriam a um indivíduo jovem de idade entre 10 e 16 anos (não foi informado qual método ou métodos foram utilizados para essas estimativas). Os ossos foram identificados como sendo partes de rádio, tíbia, úmero, manúbrio, clavícula e possível fragmento de crânio além de um conjunto não identificado (BAETA, 2005).

De acordo com PILÓ, 2008 os fragmentos da urna encontrada na fase de prospecção foram consolidados em laboratório e encontram-se em exposição no Núcleo Museológico de Aimorés.

Sito Canoinha também no município de Itueta foi registrado no CNSA em função do Projeto UHE Aimorés, no entanto nos relatórios não foram encontradas informações sobre os vestígios arqueológicos, como se deu sua descoberta ou tão pouco sobre as intervenções realizadas em sua área. Sua ficha de registro apenas cita que o sítio possui vestígios líticos lascados e polidos, cerâmicos e funerários (2 enterramentos).

6.9.3 Fortuito

Há a menção no trabalho de PILÓ, 2008 do Sítio Arqueológicos Hermes Piepper (hoje na área do lago da UHE Aimorés). Esse sítio estava localizado no antigo centro urbano do município de Itueta, foi localizado por um morador ao cavar um pequeno buraco para plantar uma árvore em seu quintal (Figura 6.63). Não há menções sobre os remanescentes humanos e Núcleo Museológico de Itueta (PILÓ, 2008).



Figura 6.63: Foto da urna funerária encontrada no Sítio Hermes Piepper.

Fonte: Piló 2008 p. 86.

No município de Governador Valadares foi localizado por populares uma urna funerária em um barranco de estrada na zona rural do município. O achado fortuito foi comunicado por uma moradora das proximidades do achado. Técnico do IPHAN foi ao local com autorização para fazer o resgate do material. No local constatou-se que após a exposição a urna foi novamente soterrada pelo maquinário da prefeitura durante o concerto da estrada. Alguns fragmentos que haviam sido recolhidos pelos moradores foram entregues aos técnicos do IPHAN (Figura 6.64). Na ocasião registrou-se o local com Sítio Arqueológico Fazenda São

Domingos. Foi feita uma pequena sondagem com o intuito de tentar localizar a urna porém sem sucesso. Os moradores afirmaram que essa não havia sido a primeira urna na região e que na década de 70 outras duas urnas foram encontradas a poucos metros dali, estando atualmente expostas no Museu da Cidade de Governador Valadares. Não foram mencionados os remanescentes ósseos das urnas encontradas nos anos 70 (RODRIGUES; BARCELOS, 2015).



Figura 6.64: Fragmentos encontrados na estrada e recolhido por populares.

Fonte: Imagem retirada do Relatório protocolado sob número 015.14.002497/2015-68 p.3.

No município de Tumiritinga diversas urnas foram evidenciadas na zona urbana da cidade. A urna que motivou a documentação que foi analisada em pesquisa nos arquivos do IPHAN foi encontrada em 2006 por funcionários da prefeitura durante as obras de arruamento e colocação de guia da Rua Cinco, infelizmente foi quebrada (DELFORGE, 2007). Ao prosseguirem com mais cuidado a obra em virtude do primeiro achado mantiveram intacta a segunda urna encontrada logo depois no mesmo alinhamento. O Sr. Elias, funcionário da prefeitura responsável pela obra informou ainda que em anos anteriores outras três urnas foram encontradas durante obras, porém desconhecia seu paradeiro (DELFORGE, 2007).

No ano de 2002 um morador da Rua 6 encontrou durante as obras de fundação de sua casa uma urna com material esquelético associado. Após tira-la para dar prosseguimento à construção doou o material a UNIVALE (vestígios permanecem na UNIVALE em sacos

plásticos e potes plástico e caixote fechado (DELFORGE, 2007). Fragmentos referentes a outras duas urnas foram localizadas durante obras na Rua Quatro em setembro de 2006, em outubro um morador da Rua Cinco encontrou novo vasilhame em seu quintal enquanto cuidava do terreno, em função das atividades de educação patrimonial realizadas ele cobriu novamente o objeto e comunicou a prefeitura. Todo o material resgatado pela prefeitura foi organizado e embalado pelos técnicos do IPHAN durante visita ao município (DELFORGE, 2007).

6.10 Zona da Mata

Na parte sudeste do estado mineiro a região conhecida por seu relevo variando das altas serras, o característico do “mar de morros” aos vales planos. Alvo de forte exploração agrícola nos séculos XVIII e XIX contribuíram para um empobrecimento do solo na região (CARNEIRO; FONTES, 2005). Na Figura 6.65 é possível observar a localização da região com destaque para os municípios que possuem referência a sítios arqueológicos funerários.

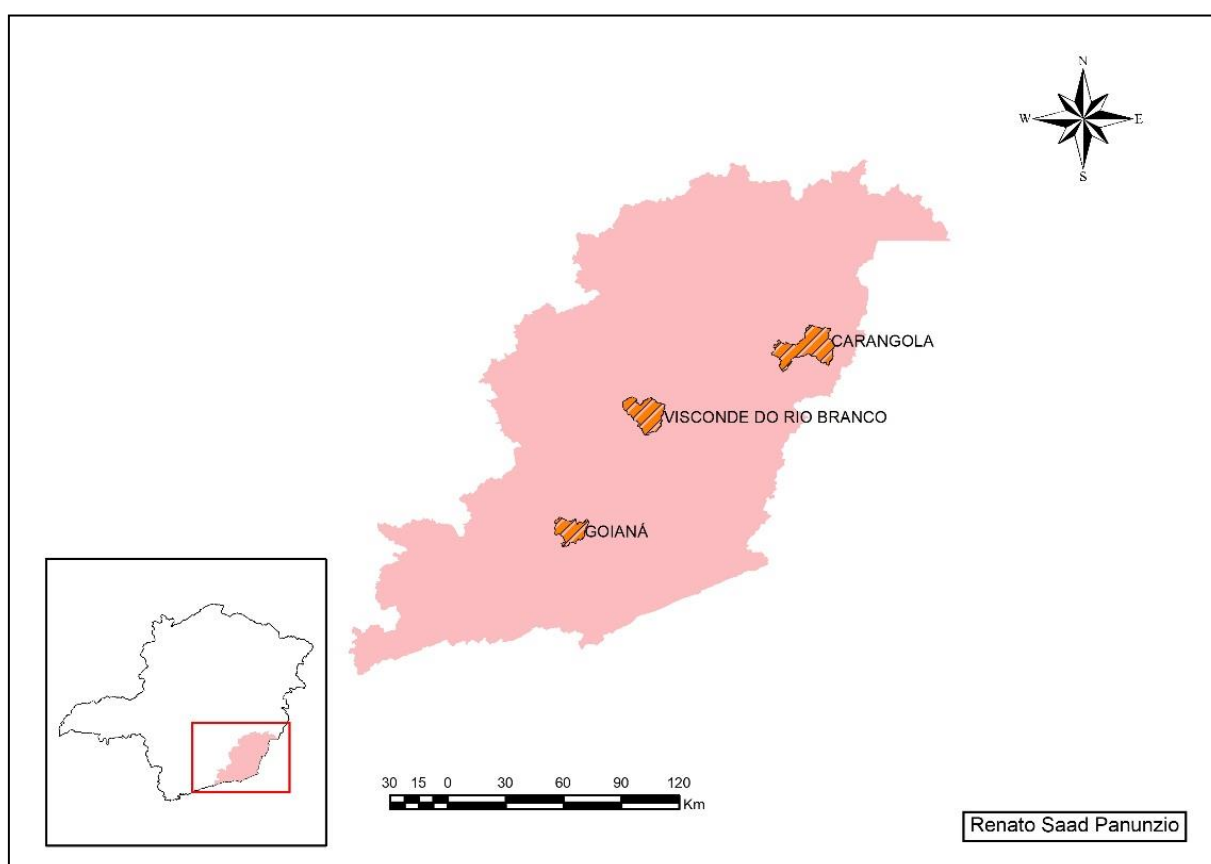


Figura 6.65: Mapa de detalhe da Região da Zona da Mata (35771,34km²), destaque para os municípios com sítios funerários.

Os sítios dos municípios que apresentam vestígios funerário não somam uma grande quantidade, e se distribuem de forma homogênea entre abrigo e céu aberto.(Figura 6.66) De forma homogênea também se deu o registro desses sítios durante os anos, não é possível visualizar uma pico de registro em nenhuma faixa temporal analisada (Figura 6.67).

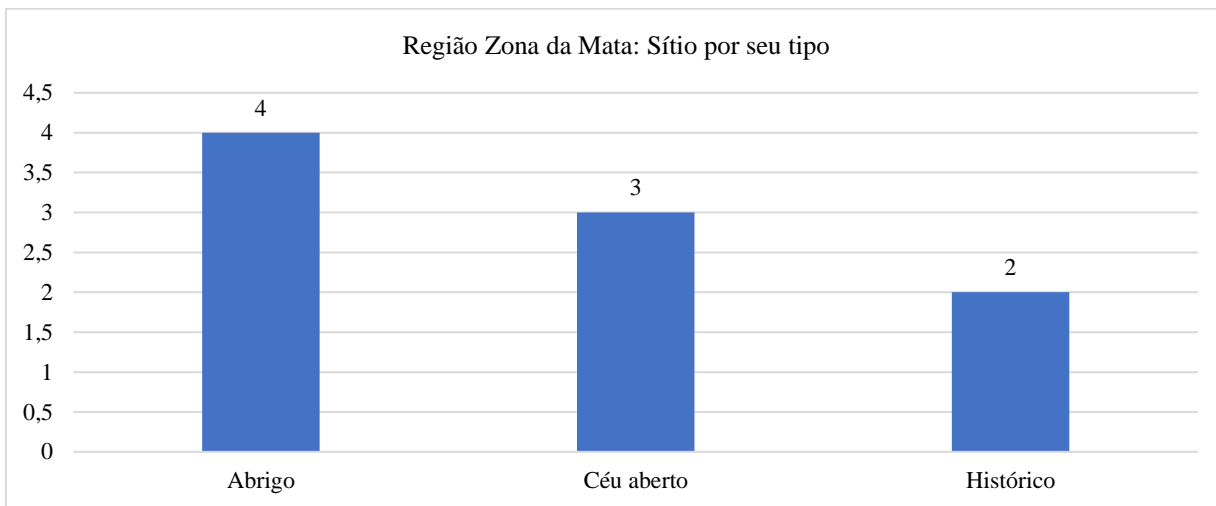


Figura 6.66: Distribuição dos tipos de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

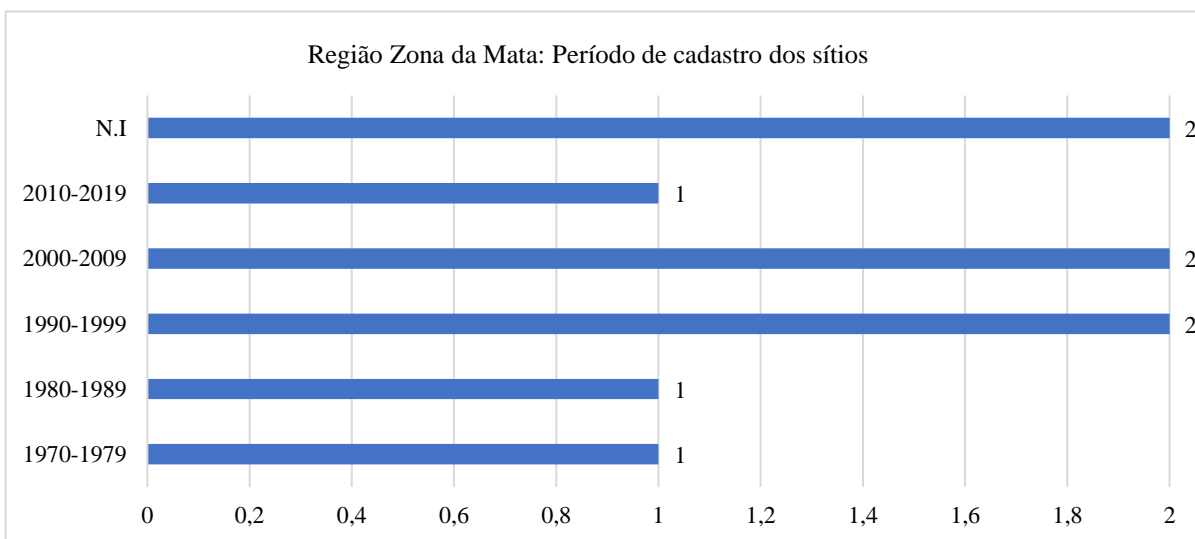


Figura 6.67: Distribuição do registro dos sítios arqueológicos nos municípios que possuem sítios funerários.

Não foram registrados sítios cadastrados por achados fortuitos, 56% deles foram registrados através de trabalhos acadêmicos, 33% por trabalhos de contrato e apenas 11% não foram encontradas informações (Figura 6.68).

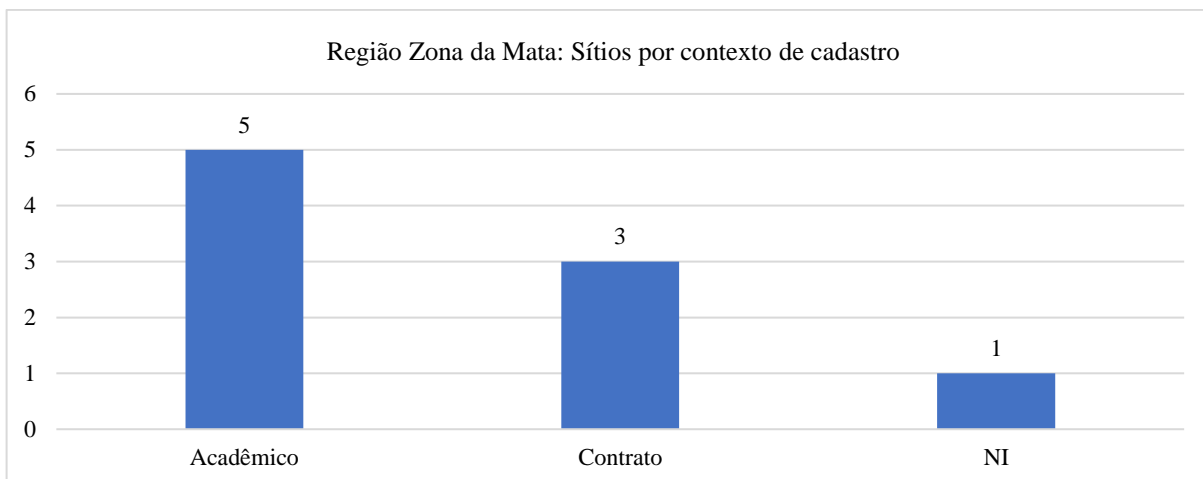
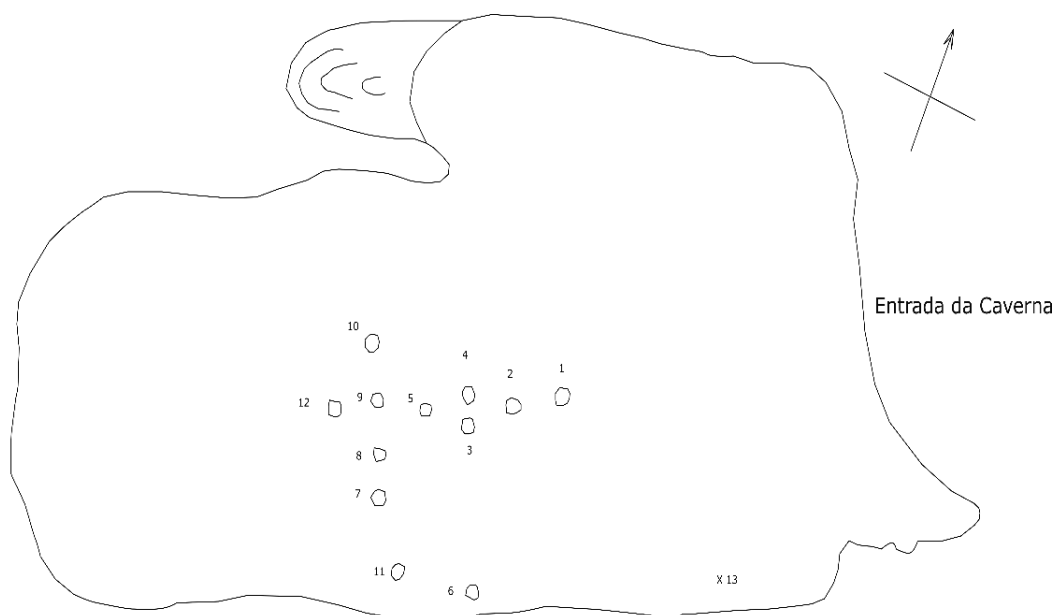


Figura 6.68: Contexto de cadastros de sítios nos municípios com Sítios Funerários.

6.10.1 Acadêmico

Uma das descobertas mais antigas e pouco conhecido está relacionado a Caverna da Babilônia no município de Goianá (Figura 6.69). As peças arqueológicas deram entrada no Museu Nacional do Rio de Janeiro no ano de 1875, sendo doadas ao imperador D. Pedro II pela Baronesa D. Maria José de Sant`Anna proprietária das terras (DA CONCEIÇÃO BELTRÃO; LIMA, 1986). Ainda segundo Colombo e Correa (2014) parte do acervo doado pela Baronesa em registro de saída para doação ao exterior “para compor coleções de importantes cientistas internacionais” (CORRÊA; COLOMBO, 2014).

Os vestígios doados ao Museu Nacional foram identificados por volta de 1871 após Manuel Basílio de Furtado, naturalista brasileiro, visitar o Sítio e localizar remanescentes humanos *in situ*, inferindo se tratar de um cemitério indígena. Trabalhos modernos foram realizados na intenção de localizar a gruta que originou esse material para uma melhor contextualização do acervo. Em publicação de Beltrão e Lima em 1996 foi exposto os dados da escavação que revisitou o sítio Caverna da Babilônia I e II (atualmente Gruta dos Índios I e II). Durante o processo de escavação foi constatado que os abrigos estavam estéreis em se tratando de vestígios arqueológicos (DA CONCEIÇÃO BELTRÃO; LIMA, 1986 -13).



Planta Baixa da Caverna da Babilônia.

- | | |
|---|--|
| 1- Corpo da criança dentro da cesta | 6 - Remanescentes de criança envoltos em tecido |
| 2- Corpo mumificado de mulher e criança | 7,8,9,10 Quatro potes contendo esqueletos |
| 3- Esqueleto dentro de cesta | 11- Corpo mumificado de mãe e criança queimados em um mesmo tecido |
| 4- Esqueleto dentro de cesta | 12 - Corpo de criança pequena envolto em fibras vegetais |
| 5- Remanescentes de enterramento infantil em vaso | 13 localização de pontas de flecha |

Figura 6.69: Esquema da planta baixa da Caverna da Babilônia.

Fonte: Adaptado de Hart 1875, pág. 206.

Os remanescentes humanos da Caverna da Babilônia que estavam depositados no Museu Nacional, e infelizmente se perderam no incêndio em 2018, pertencem a três indivíduos sendo uma mulher de aproximadamente 25 anos, acompanhada por dois fardos vegetais. Cada fardo contém um indivíduo infantil, o fardo menor contém um recém-nascido e está alocada próxima a cabeça do indivíduo adulto, o maior contém uma criança de aproximadamente 12 meses. Os exames radiológicos não comprovaram fraturas ante - mortem nas crianças e no adulto jovem, revelaram ainda a presença de adornos na criança menor (um colar). Exames patológicos feitos nos remanescentes não acusaram nenhuma anormalidade anatomopatológica (CORRÊA; COLOMBO, 2014; DA CONCEIÇÃO BELTRÃO; LIMA, 1986).

O Projeto Puri-Coroado iniciado em 19992 sob coordenação do Professor Vladimir Luft, na época ligado à Universidade Estácio de Sá o Rio de Janeiro, desenvolveu atividades

nos municípios da Zona da Mata. Entre os sítios cadastrados nesse projeto encontramos dois com vestígios funerários Sítio Galhada e a Toca dos Anões. Ambos foram escavados no contexto do projeto e seus vestígios contribuíram para a produção de diversos trabalhos acadêmicos.

O Sítio Galhada, no município de Visconde do Rio Branco, trata-se de um abrigo sob rocha com fragmentos superficiais, entre eles cerâmicas e pequenos ossos. Com uma fina camada arqueológica (8 a 12 centímetros) e sedimento extremamente fino, seco e pulverulento o abrigo de penas dimensões teve toda sua área útil escavada (LUFT, 2000).. Com cerca de 40cm escavados já se encontrava a rocha matriz do abrigo, com a baixa luminosidade no local, o sedimento foi todo peneirado com peneiras de 4mm para controlar a perda de vestígios arqueológicos (LUFT, 2000).

Os fragmentos ossos recuperados desse abrigo remetem a um indivíduo bem jovem estavam bem fragmentos, apesar de apresentarem um estado de conservação classificado como bom. Em análise para definir a idade a fusão das epífises e análise odontológica propõem que o indivíduo seja uma criança entre 5 e 10 anos. Parte dos ossos longos apresentavam marcas, que segundo o autor poderiam sugerir tentativa de descarne e uma manipulação do indivíduo para um enterramento secundário (LUFT, 2000). Foram ainda recuperados um total de 29 dentes, desses 15 pertencentes a dentição permanente estava inclusa. Dos decíduos apenas 3 apresentavam algum tipo de alterações, principalmente desgastes.

O Sítio Toca dos Anões, também em Visconde do Rio Branco possui uma área útil de 12m², com acesso dificultado pela mata e inúmeros blocos rolados possui uma entrada com 80 centímetros de altura, em seu interior a altura não passa de 1,20 metros. Com vestígios na parte interna da pequena cavidade e em sua entrada a escavação seguiu com a divisão do local em setores. O maior volume de vestígios foi encontrado nos setores 2 (parte externa) e 4 (parte interna). Na parte interna a escavação alcançou a rocha base com 10cm de profundidade. No setor 2 não foi necessário realizar a intervenções, os vestígios encontravam-se todos apoiados diretamente sob a rocha matriz (LUFT, 2000).

Os vestígios esqueléticos encontrados no sítio também apresentavam um grau de fragmentação alto. Marcas de cortes similares aos presentes no indivíduo do Sítio Galhada também foram identificadas nos remanescentes desse sítio. Em uma tentativa de chegar ao um

número mínimo de indivíduos identificou-se 3 adultos (identificados pela repetição do petroso direito) e 1 criança (com três molares não erupcionados) (LUFT, 2000).

Nas escavações dos dois sítios não foram evidenciadas estruturas que permitissem interpretar que nos locais houvesse uma ocupação contínua, foram então considerados sítios exclusivamente funerários

6.10.2 Contrato

Nos municípios da região não foram encontrados sítios arqueológicos com vestígios funerários cadastrados através de trabalhos de acadêmicos.

6.10.3 4.10.3 Fortuito

A prefeitura municipal de Carangola tendo conhecimento do potencial arqueológico do município devido ao histórico de pesquisas na região e ao achados acontecidos no município tentou por diversas vezes firmar convenio com universidade para estabelecer pesquisas no local, tentativas foram feitas com o Professor Andre Prous e Alenice Baeta, ligados a UFMG em 1993 quando visitaram a região a pedidos da prefeitura. Posteriormente, em 1997, Tania Andrade de Lima pesquisadora do Museu Nacional, no Rio de Janeiro também ressaltou a importância arqueológica da região, porém, assim com o grupo anterior, não deu prosseguimento a trabalhos no município (ROCHA, 2017). Somente em 2005 a equipe do MAEA (Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da Universidade Federal de Juiz de Fora) que conduzia desde 2000 o “Projeto de Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata mineira”, firmou parceria com a prefeitura municipal para futuras escavações e levantamentos arqueológicos.

A Toca dos Puri, sítio com vestígios funerários no município de Carangola, infelizmente sofreu intervenções arqueológicas muito antes da passagem das equipes arqueológicas mencionadas anteriormente. Deusdedit Cata-Preta, pesquisador local, conduziu trabalhos de escavação e coleta de vestígios na Toca dos Puri já no ano de 1927 (MAGESTE, 2017; ROCHA, 2017). Foram encontrados 3 sepultamentos parcialmente mumificados no abrigo e envoltos em cestaria de bambu, parte dos vestígios foram protegidos devido ao deslocamento do teto do abrigo que soterrou o material (MAGESTE, 2017). Os remanescentes resgatados

estão acondicionados no Museu Municipal em Carangola, e no abrigo ainda há material esquelético a ser resgatado (LOURES OLIVEIRA, 2008).

6.11 As peças inexistentes: Vale do Mucuri e Campo das Vertentes

Em duas mesorregiões do estado de Minas Gerais não foram localizadas menções a sítios funerários são elas: o Vale do Mucuri e Campo das Vertentes, e estão representadas na Figura 6.70.

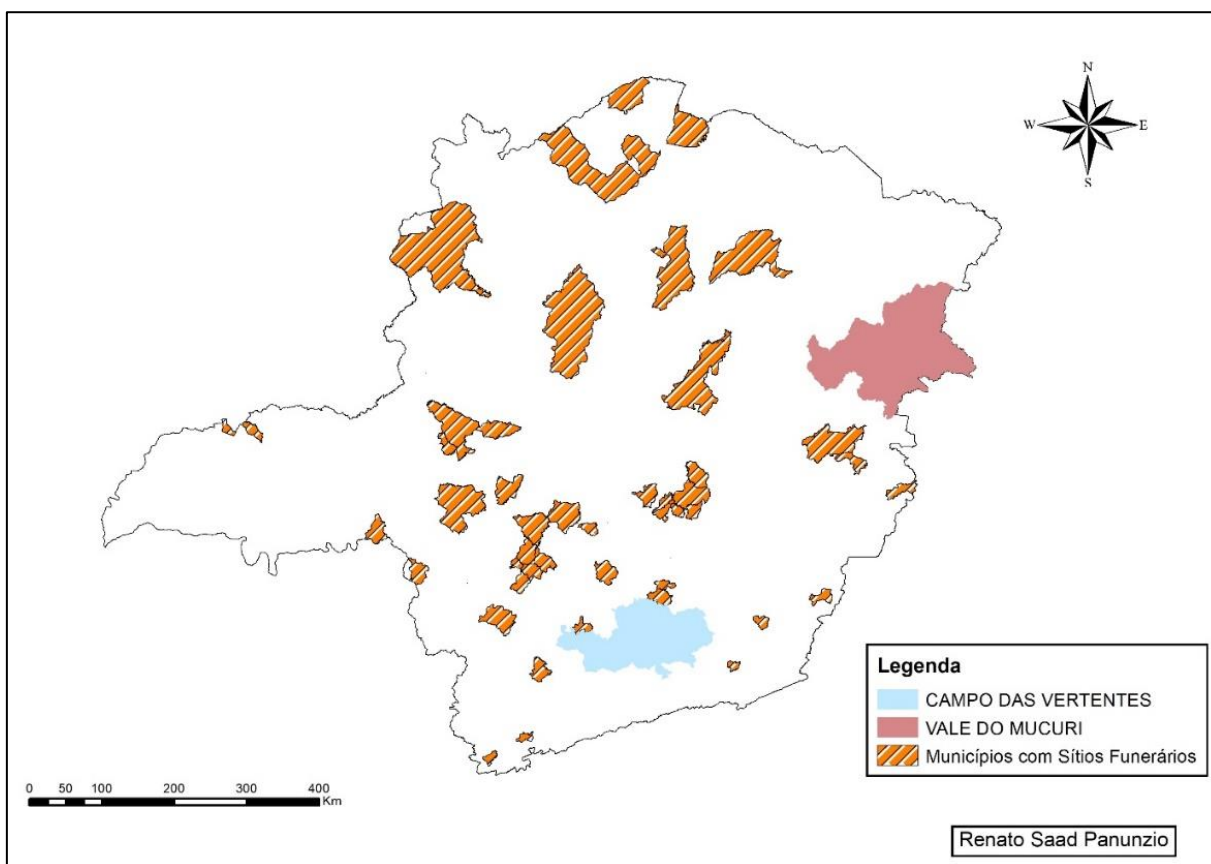


Figura 6.70: Destaque para as Regiões do Vale do Mucuri e Campo das Vertentes, onde não há sítios arqueológicos funerários. Em alaranjado municípios com sítios funerários no Estado.

O recorte utilizado nesse trabalho é de trazer a luz uma comparação entre a situação dos sítios funerários e dos não funerários no estado de Minas Gerais. Como nessas duas regiões não foram localizados, na bibliografia e também no IPHAN dados sobre sepultamentos ou sítios funerários, ou com menção a vestígios esqueléticos elas não entraram no escopo da coleta sistemática de dados para outros tipos de sítios.

Vale ressaltar que esse posicionamento não implica em uma afirmação de que não há sítios funerários nas regiões do Vale do Mucuri e Campo das Vertentes. O que estamos apontando é que trabalhos arqueológicos ainda não conseguiram localizar exemplos deste tipo de sítios nessas regiões.

Entre os demais tipos de sítio na região temos em Campo das vertentes 25 sítios distribuídos em 8 municípios dos 36 municípios da região (cerâmico 12, Lito-cerâmico 10, histórico 3).

No Vale do Mucuri há 6 sítios arqueológicos cadastrados sendo 5 lito cerâmicos e um somente lítico distribuídos em 2 municípios (Franciscópolis e Carlos Chagas) entre os 23 municípios totais da região

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa foram identificados o total de setecentos e oitenta e cinco (785) sítios arqueológicos (independentemente de terem registros funerários ou não) registrados no conjunto de quarenta e dois municípios (42) que possuem registro de contextos funerários.

Antes de passar às questões de conteúdo é necessário estabelecer um princípio sobre uma questão de forma. Numa formatação tradicional de dissertação, não é usual a apresentação de gráficos pelo meio da discussão/considerações finais, no entanto o volume de dados apresentado no capítulo anterior para as regiões é grande demais e acreditamos que facilite a compreensão condensa-los e apresenta-los ao mesmo tempo em que se desenrola a discussão, quando isso se fizer necessário.

Se a chegada de Peter Lund for usada como marco fundador, pode-se dizer que a Arqueologia Brasileira é bicentenária em Minas Gerais, sendo marcada desde seu início pelas pesquisas com remanescentes humanos. Os esqueletos de Lagoa Santa foram os primeiros fósseis humanos de tal antiguidade e associados a animais extintos encontrados no mundo e chamaram a atenção nacional e internacional para a região.

Tendo feito no século XIX sua estreia no palco das discussões sobre a antiguidade do povoamento da América e sobre a origem das populações americanas Lagoa Santa nunca deixou a cena, e hoje a face mais conhecida dos primeiros povoadores do Brasil é a de “Luzia”, uma “Lagoassantense”.

A partir dos anos de 1990 datações radio carbônicas antigas obtidas diretamente sobre remanescentes humanos permitiu a entrada no “clube dos antigos mineiro” de indivíduos escavados fora do Carste de Lagoa Santa, em sítios de outras regiões do estado: Santana do Riacho (Abrigo Grande); Carste do Peruaçu (Lapa do Boquete, Lapa do Malhador). Também a partir dessa década o interesse renovado pelas questões relativas ao povoamento da América incentivaram a retomada de pesquisas sistemáticas em Lagoa Santa com o intuito também de conformar algumas novas séries esqueléticas para a região, dessa vez bem contextualizadas em seus aspectos estratigráficos, tafonômicos e funerários.

A revisão da literatura demonstra que sem dúvida há uma proeminência dos remanescentes humanos e sítios da região de Lagoa Santa, juntamente com aqueles de áreas

mais ao norte, mas que se inserem no quadro das discussões sobre o povoamento americano, sobre os esqueletos e sítios de outras regiões de Minas Gerais. Isso ocorre tanto em termos de número de esqueletos recuperados, mas não necessariamente de sítios funerários identificados, como em termos da profundidade com que são estudados e amplitude de divulgação das descobertas, o que parece encontrar reflexo nos números dos sítios cadastrados em cada mesorregião do estado, sempre se considerando a amostragem que inclui apenas municípios com registros funerários documentados (Figura 7.1).

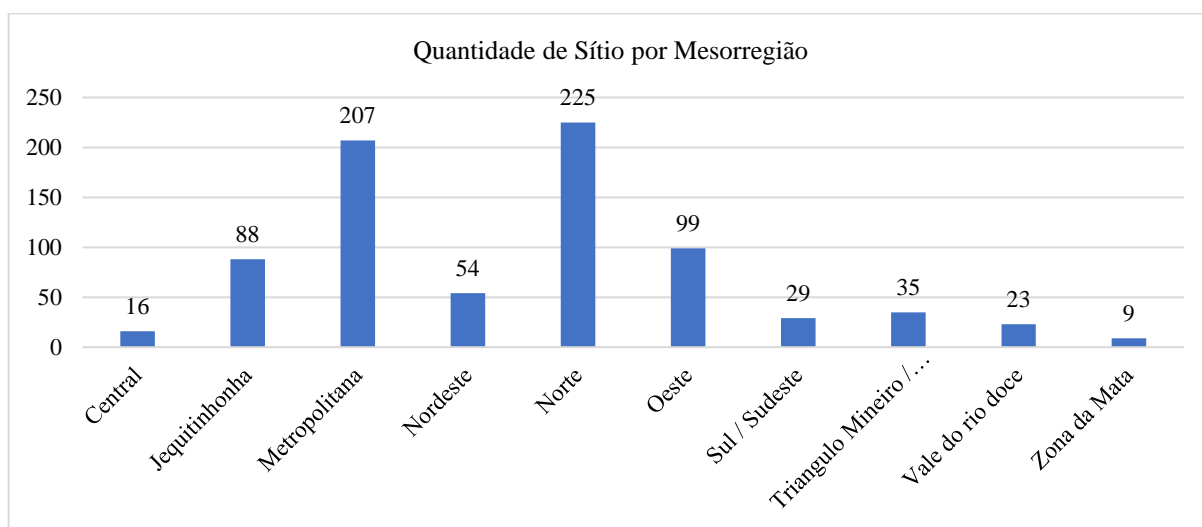


Figura 7.1: Gráfico mostrando o número total de sítios em municípios com registro funerário nas mesorregiões de Minas Gerais.

As regiões Metropolitana e Norte são ricas em abrigos calcáreos que potencializam o achado de remanescentes humanos (pois favorecem a preservação) e apresentam-se como telas para uma arte rupestre bastante exuberante, principalmente aquela do norte de Minas.

Assim, a articulação entre as características dos sítios, com boas condições para conservação dos remanescentes humanos e boas condições para estudos de arte rupestre, e elementos do ambiente histórico de desenvolvimento da própria disciplina arqueológica no Brasil; como a continuidade do foco no tema da ocupação americana e a casualidade do centro de institucionalização da arqueologia em Minas (o Setor de Arqueologia da UFMG) ter se constituído sob influência francesa fortemente marcada pelos estudos de arte rupestre, parece ter sido responsável pela concentração de pesquisas acadêmicas e achados de sítios nessas áreas (Figura 7.2). Da mesma forma, a preponderância de sítios abrigados cadastrados sobre outros

tipos de sítios e a proeminência de cadastros oriundos de estudos acadêmicos sobre outros estudos nessas regiões coaduna-se com o quadro acima delineado (Figura 7.3).

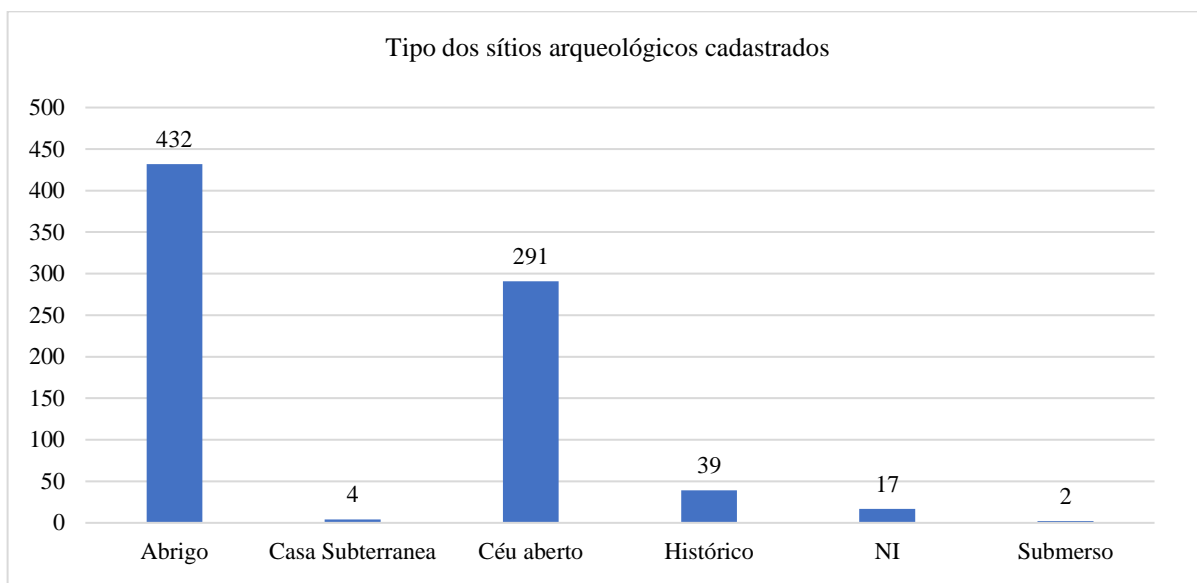


Figura 7.2: Sítios arqueológicos cadastrados em municípios com registro funerário segundo tipo.

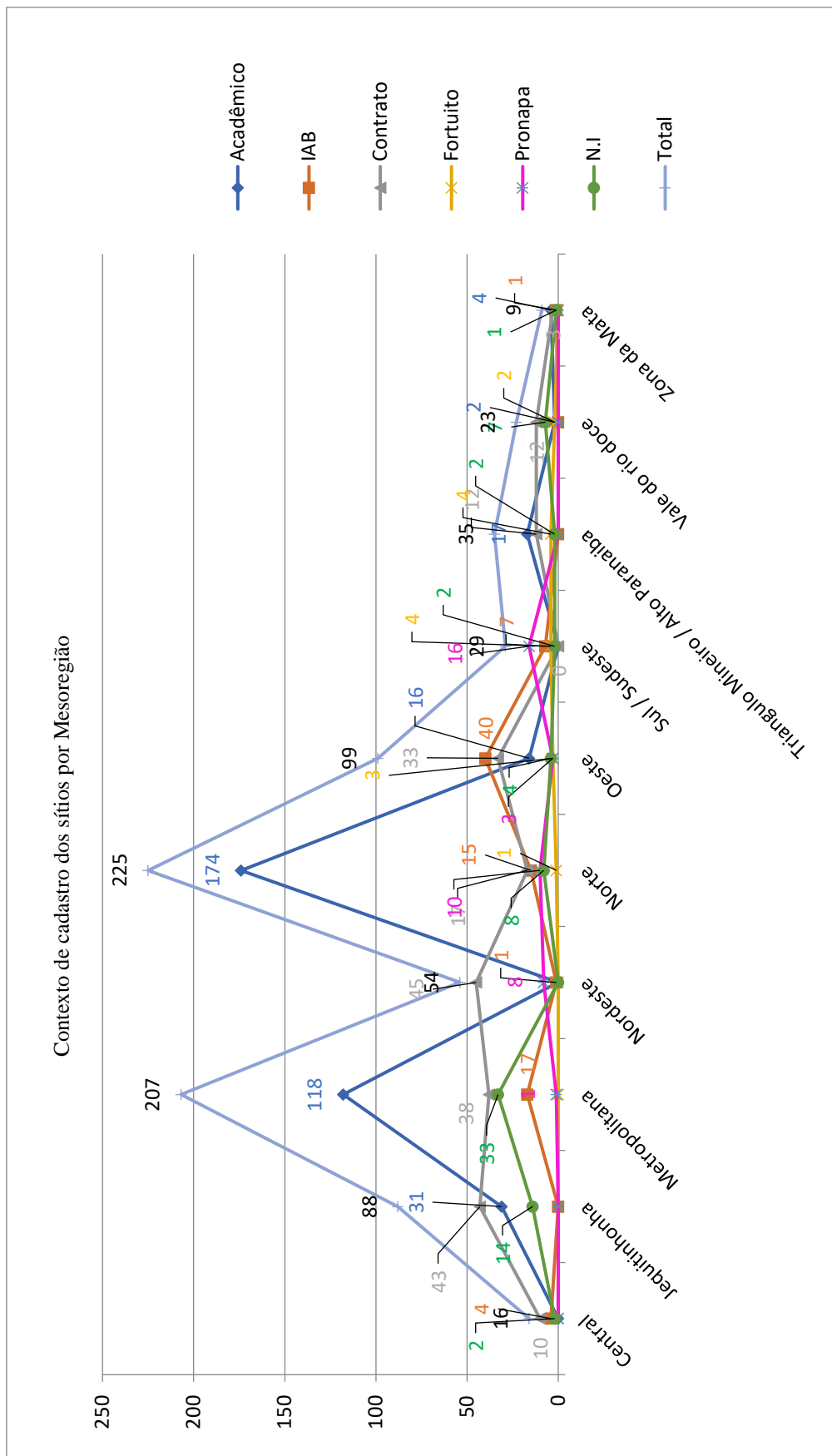


Figura 7.3: Gráfico com a divisão dos contextos nos quais os sítios arqueológicos foram registrados.

Por outro lado, o claro domínio das regiões de metropolitana e norte quando se trata do número total de sítios em municípios com registro funerário não expressa também uma quantidade proporcional maior de sítios funerários identificados nestas regiões (Figura 7.4).

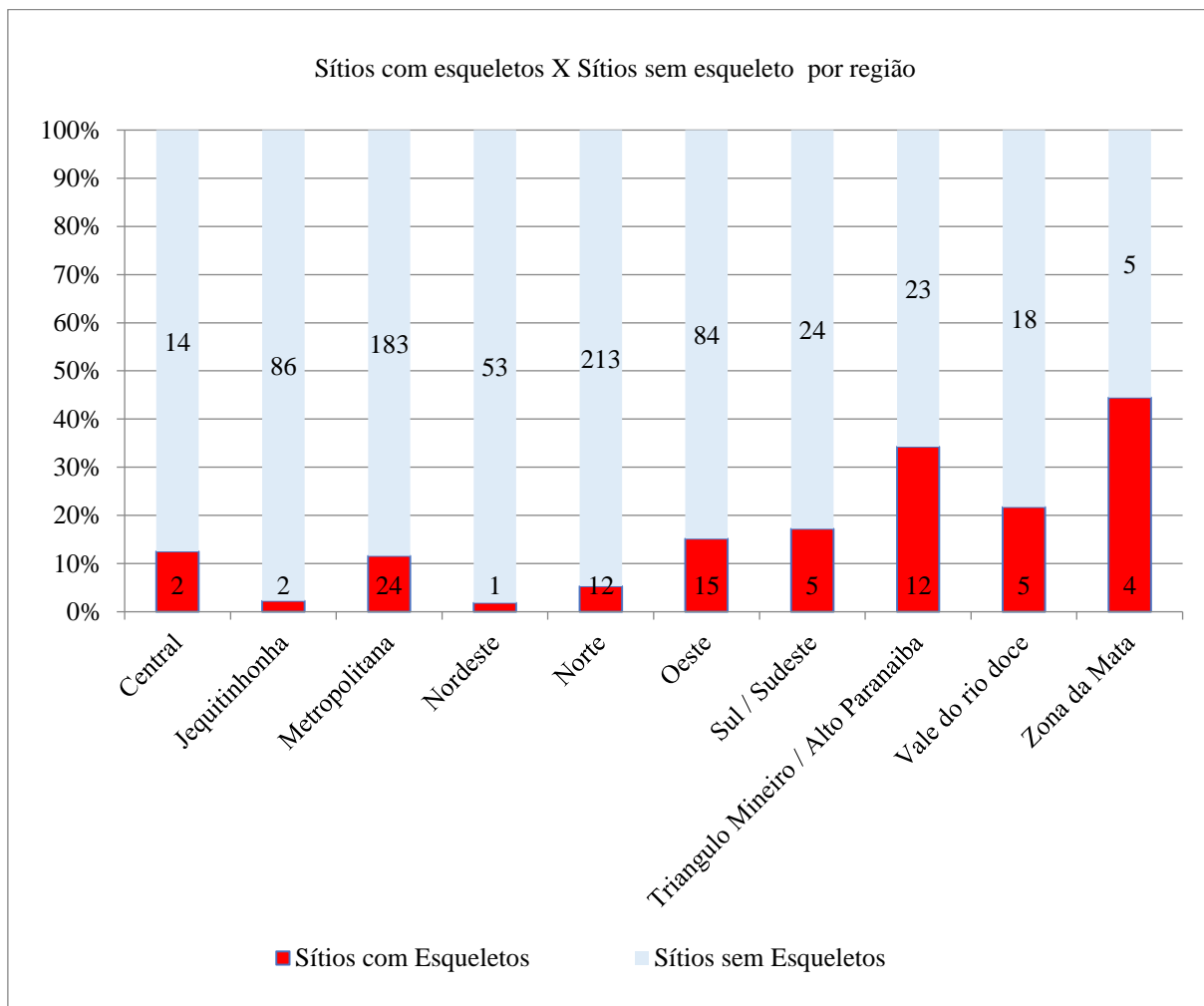


Figura 7.4: Relação de sítios funerários para os demais em cada região.

Esse quadro aparentemente incoerente sugere o interesse pelos contextos antigos de ocupação e pelas representações rupestres em si mesmos e independentemente da presença, ou da busca direcionada, de (por) esqueletos humanos, ainda que estes tenham sido o motor inicial do investimento em pesquisa nestas regiões. De fato, as regiões do Triângulo Mineiro/Alto São Francisco e da Zona da Mata, pesquisadas a muito menos tempo, proporcionalmente apresentam uma frequência mais alta de sítios com registro funerário.

Esse quadro é confirmado quando se considera apenas os sítios cadastrados nos quais foram identificados contextos funerários, neste caso o que emerge é a predominância de sítios

com registro funerário encontrados à céu-aberto e não em abrigos. Efetivamente dos 83 sítios arqueológicos com registro funerário identificados durante esse trabalho registramos que 51% estão em locais abertos, 39% deles estão em abrigos, 7% são cemitérios históricos e para 3% não conseguimos localizar a informação (Figura 7.5). Essa distribuição não se sobrepõem às aquelas observada quando os sítios arqueológicos são considerados em sua totalidade (Figura 7.4, acima).

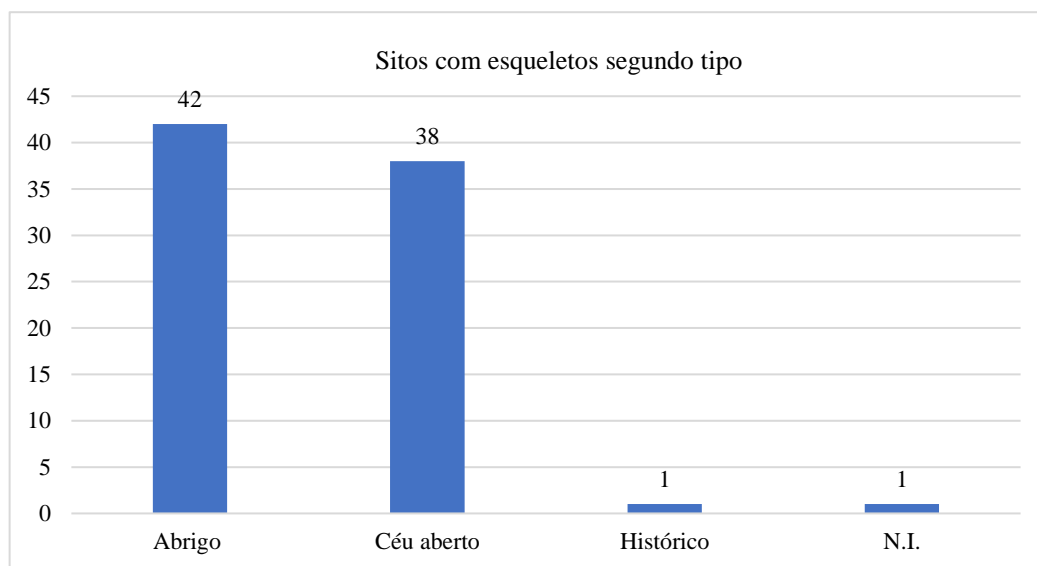


Figura 7.5: Número de sítios que possuem esqueletos de acordo com seu tipo.

Quando se considera os dados apresentados no capítulo anterior para as diversas regiões, no tocante aos remanescentes esqueléticos humanos fica claro que há bem mais no horizonte da arqueologia mineira que apenas aqueles indivíduos outrora identificados como “O Homem de Lagoa Santa”, ou mesmo do que o “clube dos antigos”, mas também parece claro que esse “algo a mais” está disperso e tem sido pouco valorizado nas pesquisas sejam elas preventivas ou acadêmicas.

Dos setecentos e oitenta e cinco sítios levantados nos 42 municípios com registro de pelo menos um contexto funerário, apenas oitenta e três sítios (10,58%) apresentam menção a presença de sepultamentos humanos, a maior parte deles cadastrado em contextos de pesquisa acadêmica. (Figura 7.6)⁷. Por outro lado, quando se considera a linha de tempo dos cadastros

⁷ IAB – Instituto de Arqueologia Brasileira – Realiza tanto trabalhos acadêmicos como de contrato PRONAPA – Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica,
N.I – Não Informado - não foi possível identificar o contexto no qual o sítio foi cadastrado.
Outros – Pesquisas relacionadas a mestrados, doutorados ou projetos acadêmicos.

de sítios com remanescentes humanos referidos (Figura 7.7), percebe-se na primeira década dos anos 2000 um grande aumento nos volumes de cadastro de sítios oriundos de trabalhos de arqueologia preventiva (Figura 7.8), o que pode estar também relacionado a Portaria IPHAN/MinC 230, de 17.12.2002, que se define o escopo das pesquisas a serem realizadas durante as diferentes fases de licenciamento de obra (Licença Prévia “LP”, Licença de Instalação “LI” e Licença de Operação “LO”).

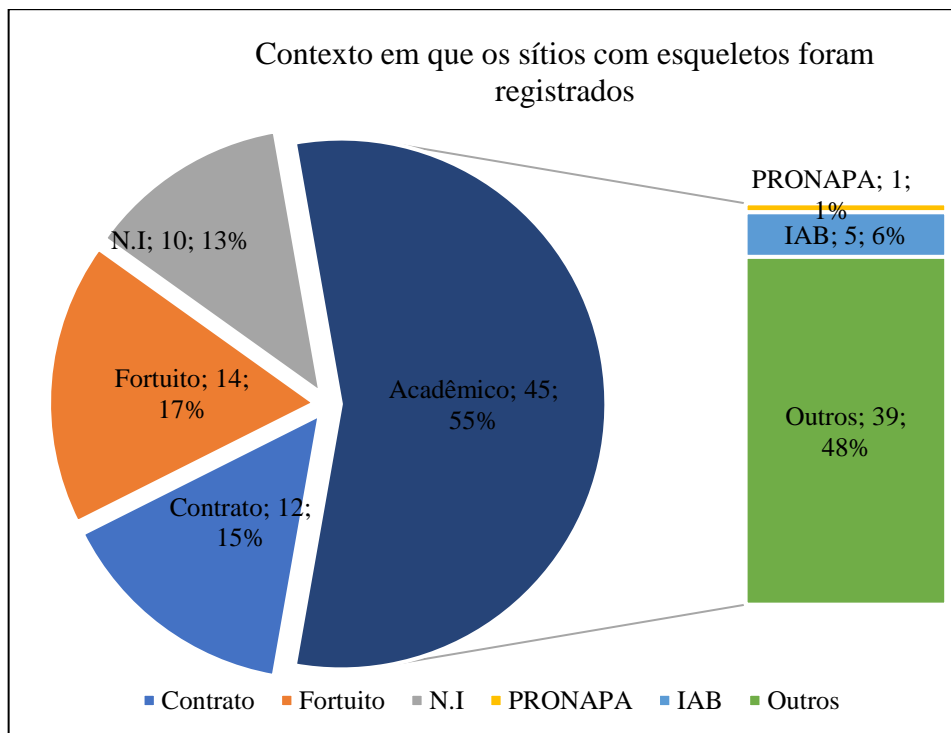


Figura 7.6: Contexto de pesquisa em que os sítios arqueológicos com registro funerário vêm sendo cadastrados.

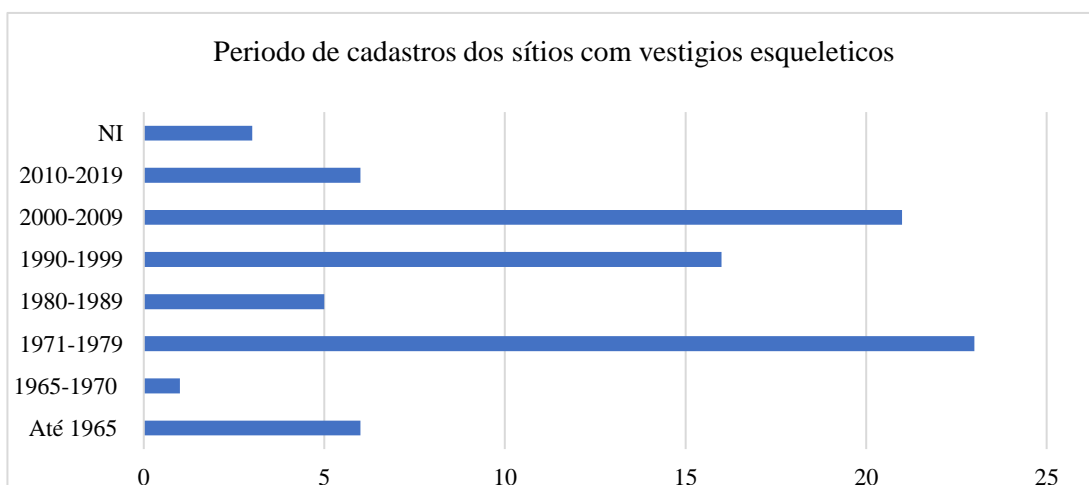


Figura 7.7: Cadastrados Recortes temporais de cadastros dos sítios arqueológicos

Essas novas diretrizes governamentais podem explicar o grande crescimento do número de sítios cadastrado no âmbito das pesquisas arqueológicas de contrato (Figura 7.8). A queda concomitante do número de sítios cadastrados pelas pesquisas acadêmicas reflete também questões orçamentárias destinadas a pesquisa e o direcionamento de pessoas para o mercado de trabalho.

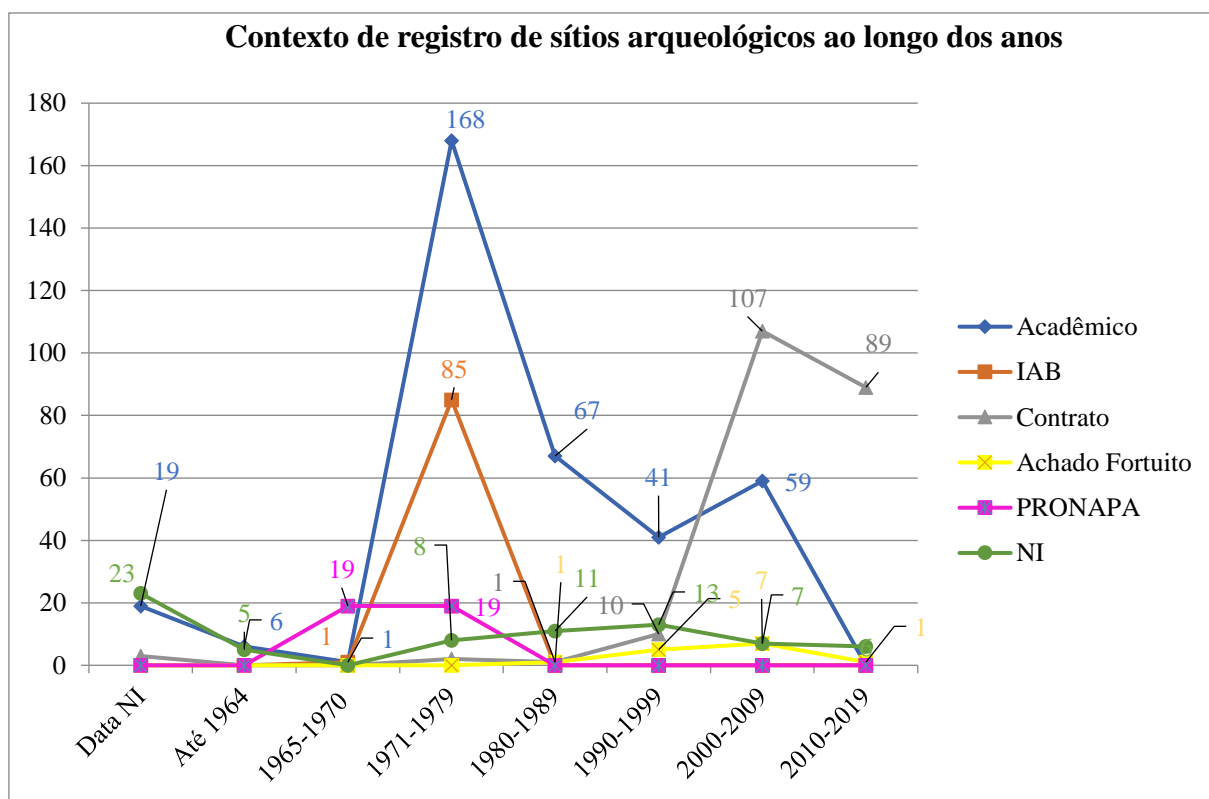


Figura 7.8: Contexto de cadastro dos sítios ao longo dos anos

Ao se considerar qualitativamente as informações levantadas sobre os contextos funerários de Minas Gerais torna-se evidente que:

(1) – A existência de muitas séries esqueléticas e/ou de séries esqueléticas numerosas para determinado sítio ou região não significa dizer que existem contextos funerários bem conhecidos associados a estas séries;

(2) – Há uma clara distinção em termos da quantidade de estudos realizados e disponibilidade de dados e informações sobre remanescentes humanos/contextos funerários quando se considera os contextos de pesquisa acadêmico e preventivo, com vantagem para o

primeiro que produz séries maiores e mais bem contextualizadas, estudos mais numerosos e aprofundados sobre estas séries e publicações mais acessíveis;

(3) – Apesar dos achados de contextos funerários a céu-aberto, numerosamente associados a grupos ceramistas (Figura 7.9) predominarem estes são pouco estudados e há uma clara preponderância dos estudos sobre séries esqueléticas associadas às ocupações pré-ceramistas.

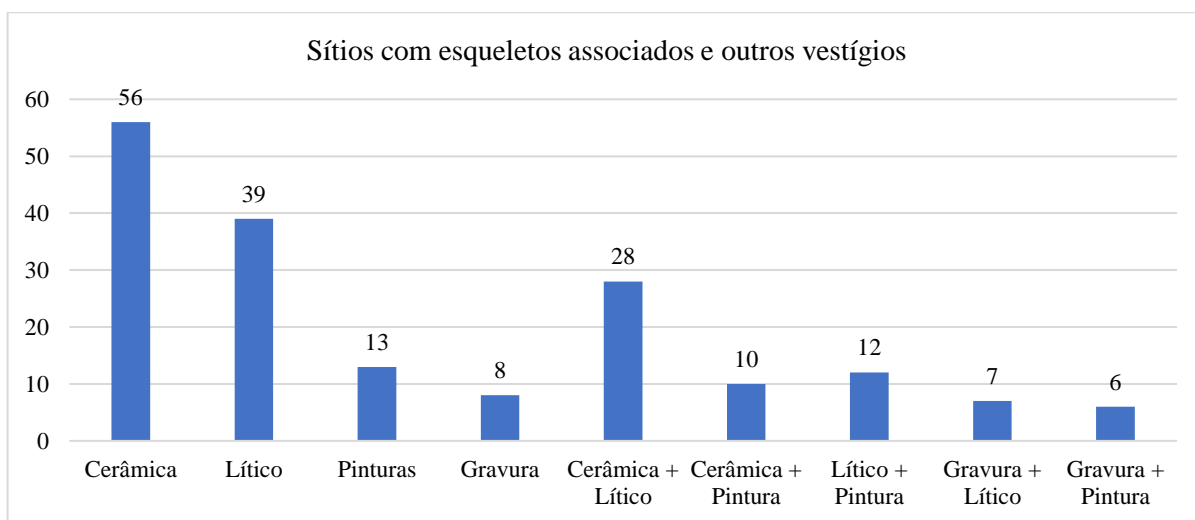


Figura 7.9: Outros vestígios também encontrados em sítios com remanescentes ósseos humanos.

A quantidade (e a qualidade) de esqueletos humanos recuperada para Minas Gerais é expressiva quando se considera o panorama brasileiro e as séries esqueléticas mineiras apenas não excedem em número aquelas oriundas de sambaqui. No entanto, isso não se reflete em estudos aprofundados de arqueologia funerária que ainda são tímidos para a região, em contraste com os estudos centrados em questões de evolução e com abordagens mais Bioantropológicas que Bioarqueológicas.

Efetivamente contam-se nos dedos, de uma mão, as pesquisas que se dedicaram a estudar especificamente aspectos do comportamento funerário dos grupos mineiros, com destaque para as pesquisas de Glaucia Malerba Sene para a Gruta do Gentio e de André Strauss para a Lapa do Santo as únicas que realizaram uma abordagem mais profunda e mais ampla dos contextos que estudaram. Além destas, respectivamente uma tese de doutorado e uma dissertação de mestrado, existem artigos publicados especificamente versando sobre aspectos funerários para Santana do Riacho, Lapa do Boquete e do Malhador e Caverna da Babilônia.

Conta-se ainda a tese de doutorado de Marcia Angelina Alves que refere os contextos funerários do triângulo mineiro com os quais deparou-se em sua pesquisa.

A questão da maior amplitude de pesquisa e divulgação relacionadas às pesquisas acadêmicas parece encontrar reflexo quando se considera a própria origem documental dos dados utilizados nesta dissertação. Foi possível encontrar dados referentes a sítios com esqueletos majoritariamente no levantamento bibliográfico e nestes casos sempre associados à pesquisas acadêmicas de longa duração, para as quais também sobressai a importância da documentação mais antiga, não digitalizada, arquivada no IPHAN.

Quando se considera que claramente as pesquisas de arqueologia preventiva ganharam proeminência a partir dos anos 2000 e mantiveram uma tendência ascendente com muitos sítios, inclusive com remanescentes funerários, sendo escavados nesse contexto é preocupante a falta de boas arqueografias publicadas sobre estes achados assim como a falta de publicações referentes às análises destes materiais. De fato o único grande trabalho sobre arqueologia funerária do período pós 2000 foi conduzido no escopo de uma pesquisa acadêmica, a qual por sinal ainda encontra-se em curso e sob a coordenação de André Strauss continua a investigar os conjuntos funerários da Lapa do Santo, novaente na região de Lagoa Santa.

Finalmente, no que diz respeito à invisibilidade dos contextos funerários vinculados a grupos ceramistas, o único trabalho de fôlego já realizado foi o de Glaucia Malerba Sene na Gruta do Gentio num contexto ceramista bastante antigo. Concomitantemente a esta falta de trabalhos publicados, esta dissertação evidenciou uma grande quantidade de sítios com contexto funerário referido em sítio a céu aberto e frequentemente associados à presença de urnas funerárias, que muitas vezes foram registrados a partir de encontros fortuitos mas também em pesquisas de arqueologia preventiva.

Há um cenário estabelecido em que as pesquisas preventivas, que não incluem em suas equipes bioarqueólogos ou ao menos com algum treinamento em Bioarqueologia, registram muito a ocorrência mas recuperam pouco séries esqueléticas mais numerosas as quais demandam tempo e dinheiro para serem propriamente escavadas, curadas e pesquisadas. Essa limitação emerge também das muitas referências encontradas nos documentos avaliados nesta dissertação à escavações encerradas quando houve o encontro de remanescentes humanos que não foram coletados.

Integrando esse mesmo cenário as pesquisas acadêmicas em Minas Gerais continuam em certa medida hipnotizadas pelas questões da ocupação inicial da América o que direciona a escolha dos locais de escavação para grutas e abrigos que historicamente tem fornecido séries esqueléticas afeitas à responder estas questões mas deixam de lado outros contextos funerários.

Assim o que emerge desta dissertação é que existem contextos funerários diversos e ricos em Minas Gerais, mas que eles permanecem basicamente desconhecidos e que isso está possivelmente relacionado ao contexto histórico do desenvolvimento da pesquisa arqueológica em Minas Gerais, que em seu aspecto acadêmico debruça-se há duzentos anos preferencialmente sobre a questão da ocupação antiga do território, em seu aspecto preventivo trabalha em um ritmo que faz com que evite ter que lidar com esses contextos, e em seu aspecto de gestão associado ao IPHAN tem dificuldade em promover a comunicação dos achados, sobretudo aqueles feitos no contexto preventivo.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, M. DE B. **A Exposição Antropológica Brasileira de 1882: Práticas de colecionismo e circulação de indígenas no Museu Nacional.** Anais do 41 Encontro Anual da ANPOCS. **Anais...**Caxambú: 2017

ALVES, M. A. As estruturas arqueológicas do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro-Minas Gerais. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 2, p. 27–47, 1992.

ALVES, M. A. A arqueologia no extremo oeste de Minas Gerais. **Revista Espinhaço| UFVJM**, p. 96–117, 2013.

ARAUJO, A. G. M. et al. Lapa das boleiras rockshelter: stratigraphy and formation processes at a paleoamerican site in Central Brazil. **Journal of Archaeological Science**, v. 35, n. 12, p. 3186–3202, dez. 2008.

ARAUJO, A. G. M.; NEVES, W. A.; KIPNIS, R. Lagoa Santa Revisited: An Overview of the Chronology, Subsistence, and Material Culture of Paleoindian Sites in Eastern Central Brazil. **Latin American Antiquity**, v. 23, n. 4, p. 533–550, dez. 2012.

AULER, A. S.; PILÓ, L. B. As descobertas de Lund. In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. (Eds.). **Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas.** Coleção História e Arqueologia em movimento. São Paulo: Annablume, 2016. v. IVp. 37–52.

BAETA, A. **Programa de Resgate Arqueológico nas áreas de abrangência da UHE Aimorés – CEMIG/CVRD - Consórcio Aimorés.** Belo Horizonte: SETE Soluções e tecnologia Ambiental LTDA, 2005.

BARRETO, C. A CONSTRUÇÃO DE UM PASSADO PRÉ-COLONIAL: UMA BREVE HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA NO BRASIL. **Revista USP**, n. 44, p. 32–51, 2000.

BARRETTO-TESORO, G. Burial Goods in the Philippines: An Attempt to Quantify Prestige Values. *Southeast Asian Studies*. v. 41, n. 3, p. 17, 2003.

BINFORD, L. R. Mortuary practices: their study and their potential. *Memoirs of the Society for American Archaeology*. n. 25, p. 6–29, 1971.

BUENO, L.; DIAS, A. S.; STEELE, J. The Late Pleistocene/Early Holocene archaeological record in Brazil: A geo-referenced database. **Quaternary International**, A Late Pleistocene/early Holocene archaeological 14C database for Central and South America: palaeoenvironmental contexts and demographic interpretations. v. 301, p. 74–93, 8 jul. 2013.

BUIKSTRA, J. E.; BECK, L. A. **Bioarchaeology: The Contextual Analysis of Human Remains.** 1. ed. London and New York: Routledge, 2009.

CALDARELLI, S. B. **Avaliação Arqueológica de uma área de exploração de calcário no município de Doresópolis, MG.** São Paulo: Scienza consultoria Científica, 2002.

CALDARELLI, S. B.; SANTOS, M. DO C. M. DOS. Arqueologia de contrato no Brasil. **Revista USP**, v. 0, n. 44, p. 52, 28 fev. 2000.

CARNEIRO, P.; FONTES, M. ASPECTOS GEOGRÁFICOS E AGRÍCOLAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS. p. 88, jan. 2005.

CARVALHO, A. B. DE. **Relatório de levantamento arqueológico na área da mineração Cal Floresta Industria e Comércio Ltda.** Belo Horizonte: Spelayon Consultoria -ME, 2009.

CASTRO, M. W. DE M. **Relatório de diagnóstico interventivo.** Belo Horizonte: Geoline Engenharia LTDA, 2012.

CÉSAR, J. V. **Catequese e conversão dos índios do Brasil.** Brasília: Anthropos do Brasil, 1975.

CHIM, E. N. **Zooarqueologia da Lapa Grande de Taquaraçu.** Mestrado em Arqueologia— São Paulo: Universidade de São Paulo, 11 jan. 2019.

CORRÊA, Â. A.; COLOMBO, A. V. “Cavernas da Babilônia” narrativas e intervenções: vestígios funerários pré-coloniais na Microrregião de Juiz de Fora. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 11, n. 21, 2014.

COSTA, F.; KOOLE, E. K. M. **Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial do Sítio Gruta do Paio de Milho inserido no DNPM 831014/80 de propriedade da empresa ICAL - Pains MG.** Belo Horizonte: Terra Firme Arqueologia, 2013.

COSTA, F. W. DA S. Academia de Ciências de Minas Gerais - Os herdeiros de Lund. In: NEVES, W. A.; HUBBE, M.; DA-GLORIA, PEDRO (Eds.). . **Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas.** Coleção História e Arqueologia em movimento. São Paulo: Annablume, 2016. v. IVp. 97–110.

DA CONCEIÇÃO BELTRÃO, M.; LIMA, T. A. Mumificações naturais na pré-história brasileira. **Revista de Arqueologia**, v. 3, n. 1, p. 3–39, 1986.

DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A. Os remanescentes ósseos humanos. In: ARAUJO, A. G. M.; NEVES, W. A. (Eds.). . **Lapa das Boleiras: Um sítio paleoíndio do Carste de Lagoa Santa, MG, Brasil.** 1. ed. [s.l.] Annablume, 2009.

DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. **História das Pesquisas em Lagoa Santa: Museus, Crânios e Antropologia Biológica no Brasil.** . In: 29ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. Natal, RN: ago. 2014

DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas. Coleção História e Arqueologia em movimento. n. Annablume, p. 412, 2016.

DA-GLORIA, P.; OLIVEIRA, R. E. DE. História das pesquisas sobre saúde e estilo de vida em Lagoa Santa. In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. (Eds.). . **Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas.** Coleção História e Arqueologia em movimento. São Paulo: Annablume, 2016. v. IVp. 275–298.

DELFORGE, A. H. **Achados Fortuitos da Cidade de Tumiritinga - MG.** Belo Horizonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, 7 maio 2007.

DELFORGE, A. H. **O Sítio arqueológico “Cerâmica Preta”: estudo das técnicas e da cadeia operatória da cerâmica queimada em ambiente redutivo dos povos pré-coloniais praticantes da tradição cerâmica Aratu-Sapucai.** Tese de Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, nov. 2017.

DIAS JÚNIOR, O. F. Breves notas a respeito das pesquisas no sul de Minas Gerais. **Publicações Avulsas**, 1971.

DIAS JÚNIOR, O. F. Pesquisas arqueológicas no sudeste Brasileiro. **Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira**, v. I, n. S. Especial, p. 3–21, 1975.

DIAS JÚNIOR, O. F. **Projeto Furnas- Pimenta: Projeto de levantamento arqueológico no traçado da linha de transmissão de energia elétrica entre a represa de furnas e a cidade de Pimenta - Estado de Minas Gerais.** Rio de Janeiro: I.A.B. e Landschaft Consultores Associados Ltda, 2005.

DOS SANTOS, S. F. et al. Os Munduruku e as “cabeças-troféu”. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 17, p. 365–380, 2007.

DUDAY, H.; CIPRIANI, A. M.; PEARCE, J. **The Archaeology of the Dead: Lectures in Archaeoethanatology.** [s.l.] Oxbow Books, 2009.

FIGUEIREDO, M. T. **Estudo da cultura material lítica e cerâmica dos sítios silva serrote e menezes: análise das cadeias operatórias dos vestígios de cultura pré-coloniais do alto Paranaíba, Minas Gerais.** Mestrado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

FONSECA, D. B. **Estudo de Práticas Funerárias no Contexto Amazônico.** Mestrado—Belém: Universidade Federal do Para, 2015.

FREIRE, C. A. DA R. Memória do SPI: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967). **Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI**, 2011.

GOMES, E. L. **A Coleção Arqueológica Particular Catú-Auá no Município de Carmo do Rio Claro, MG, e o Pannel de Pinturas Rupestres de Capitólio, MG.** Especialização—Santo Amaro: Universidade de Santo Amaro UNISA, 2009.

HENRIQUES, G. P. **Relatório de Diagnósticos Arqueológico para instalação de forno rotativo de calcinação.** Córrego Fundo - MG: [s.n.].

HENRIQUES, G. P. **Documentação sobre o acervo cultural do sítio arqueológico Ninhal, de Igautama-MG, que está sob guarda do MAC.** Pains: Museu Arqueologico do Carste do Alto São Francisco, 6 jun. 2017.

HENRIQUES JR, G. P. **Arqueologia Regional da Província Cárstica do Alto São Francisco: um estudo das tradições Una e Sapucaí.** Mestrado—São Paulo~: Universidade de São Paulo, 2006.

HOLTEN, B.; STERLL, M. Peter Wilhelm Lund - vida e objetivos. In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. (Eds.). **Lagoa Santa História das pesquisas arqueológicas e**

paleontológicas. Coleção História e Arqueologia em Movimento. São Paulo: Annablume, 2016. p. 19–36.

HORTA, A. I. **Entre as pedras: as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais.** Mestrado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 4 mar. 2009.

HUBBE, M.; NEVES, W. A. A repercussão dos esqueletos humanos de Lagoa Santa no cenário internacional. In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. (Eds.). . **Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas.** Coleção História e Arqueologia em movimento. São Paulo: Annablume, 2016. v. IVp. 229–248.

JÁCOME, C. **Relatorio Iguatama.doc.** Belo Horizonte: Setor de Arqueologia Museu de História Natural, nov. 2007.

JÁCOME, C. **ÁREA DA MINERAÇÃO LAFARGE BRASIL S.A ARCOS/MG (DNPM 823290-1972).** Belo Horizonte: Arcos Verde, 2012.

KEULLER, A. T. A. M. Os estudos antropológicos de Lagoa Santa no Museu Nacional do Rio de Janeiro: inserção, debates e controvérsias científicas na virada dos séculos XIX/XX. In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. (Eds.). . **Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas.** Coleção História e Arqueologia em movimento. São Paulo: Annablume, 2016. v. IVp. 53–76.

KOOLE, E. K. M. **Pré-história da província cárstica do Alto São Francisco, Minas Gerais: a indústria lítica dos caçadores-coletores arcaicos.** Mestrado—[s.l.] Universidade de São Paulo, 2007.

KOOLE, E. K. M. **Projeto de diagnóstico arqueológico interventivo Imerys Comércio de Extração de Minérios LTDA.** Belo Horizonte: Terra Firme Arqueologia, 2011.

KOOLE, E. K. M. **Entre as tradições planálticas e meridionais: caracterização arqueológica dos grupos caçadores coletores a partir da análise de sete elementos e suas implicações para a ocupação pré cerâmica da Regiões cársticas do Alto São Francisco, Minas Gerais Brasil: cronologia, tecnologia lítica, subsistência (fauna), sepultamentos, mobilidade, uso do espaço em abrigos naturais e arte rupestre.** Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

LA SALVIA, E. S. **Relatório Único do diagnostico arqueológico prospectivo na área da poligonal 001.112/1944 e entorno, Empresa Pró-Calcáreo LTDA.** Arcos, MG: Arkeos Consultoria LTDA, fev. 2013.

LA SALVIA, E. S. **RELATÓRIO PARCIAL DO PROJETO DE PROSPECÇÃO E RESGATE ARQUEOLÓGICO DO ABRIGO FORRO NEGRO, MINERAÇÃO PROCALCÁRIO LTDA, MUNICÍPIO DE ARCOS/MG.** Ouro Preto: Arkeos Consultoria LTDA, ago. 2015a.

LA SALVIA, E. S. **Relatório parcial de prospecção e resgate arqueológico do Abrigo Forro Negro, Mineração PROCALCÁRIO LTDA, município de Arcos /MG.** Ouro Preto: Arkeos Consultoria LTDA, ago. 2015b.

LESSA, A. **Resgate arqueológico do Abrigo do Forro Negro - Município de Arcos - MG.** Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2015.

LESSA, A. **Resgate Arqueológico do Abrigo do Forro Negro município de Arcos - MG (segunda campanha).** Rio de Janeiro: Museu Nacional, dez. 2016.

LIMA, M. A.; ISNARDIS, A. **Escavação do Sítio Arqueológico João Maia.** Belo Horizonte: Museu de História Natural - UFMG, 2000.

LOURES OLIVEIRA, A. P. P. Histórico das pesquisas arqueológicas em Carangola - MG. In: LOURES OLIVEIRA, A. P. P. (Ed.). **Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira: Carangola.** 1. ed. Juiz de Fora: MAEA - UFJF, 2008. p. 187.

LUFT, V. J. **DA HISTÓRIA À PRÉ-HISTÓRIA: AS OCUPAÇÕES DAS SOCIEDADES PURI E COROADO NA BACIA DO ALTO RIO POMBA (O CASO DA SERRA DA PIEDADE).** Tese de Doutorado—Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

MAGESTE, L. E. C. **Cronologia e Variabilidade: Os ceramistas Tupiguarani da Zona da Mata Mineira e Complexo Lagunas de Araruama.** Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

MARIANO, I. M. et al. **Arqueologia Preventiva na área da mina da Fazenda Limeira mineração BELOCAL Arcos - MG.** Belo Horizonte: Arcos Verde, 2013.

MARIANO, I. M.; ALVES, L. FELIPE B.; BUGATTILSOLAN, F. **Arqueologia Preventiva na área da Mina Calunga -Mineração Vale do Rio Santana - Arcos - MG.** Belo Horizonte: Ecosystem Tecnologia Ambiental LTDA, 2013.

MARIN, W.; BUENO, L. Resgatando Coleções: a Lapa Pequena de Montes Claros Revisitada. **Canindé Revista do Museu de Arqueologia de Xingó.** Sergipe: UFSE, n. 12, p. 47–79, 2008.

MONTEIRO, S. F. S. **Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do Estado de São Paulo.** Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

MOURA, M. T. T. DE. **Diagnóstico arqueológico PCH Boa Vista I, Boa Vista II e Penedo.** Belo Horizonte: SETE Soluções e tecnologia Ambiental LTDA, 2006.

NETO, V. V. G.; RODRIGUES-CARVALHO, C. O arquivo de antropologia física do Museu Nacional: Lagoa Santa na primeira metade do século XX. In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. (Eds.). **Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas.** Coleção História e Arqueologia em movimento. São Paulo: Annablume, 2016. v. IVp. 77–96.

NEVES, W. A.; HUBBE, M.; ARAUJO, A. G. M. A late-Paleoindian secondary ritual burial from Lagoa Santa, Minas Gerais, Brazil. **Physical Anthropology**, v. 19, 2002.

OLIVEIRA, A. P. DE P. L. DE. A Etnohistória como arcabouço contextual para as pesquisas arqueológicas na Zona da Mata Mineira. **Canindé Revista do Museu de Arqueologia de Xingó.** Sergipe: UFSE, v. V3, p. 25, 2003.

OLIVEIRA, L. M.; RIBEIRO, L.; JÁCOME, C. **Relatório final Programa de salvamento do Patrimônio Arqueológico e Educação Patrimonial área Brasiminas - Poligonal DNPM 800.755/1971, Município de Arcos, Minas Gerais.** Pains: EMPARQ, out. 2014.

OLIVEIRA, R. (ED.). **UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico.** Belo Horizonte: André Prous, 2014. v. 23

PAULA, F. L. DE; SEDA, P. R. **Catalogo dos Sítios. Arquivos do Museu de História Natural,** v. 04.05, 1982.

PEREZ, G. C. **Arqueologia paulista e o marcador cerâmico como delimitador de fronteira étnica : um estudo das regiões sul e oeste do estado de São Paulo.** Tese de Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

PILÓ, H. M. D. **Arqueologia Tupiguarani: relações entre as implantações dos sítios e cultura material no Médio Rio Doce.** Mestrado—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

PILÓ, L. B.; NEVES, W. A. **NOVAS DATAÇÕES 14C (AMS) CONFIRMAM A TESE DA COEXISTÊNCIA DO HOMEM COM A MEGAMASTOFAUNA PLEISTOCÊNICA NA REGIÃO CÁRSTICA DE LAGOA SANTA, MG.** p. 4, 2003.

PROUS, A. **Histórico das Pesquisas no Abrigo de Santana do Riacho e nos Arredores (Serra do Cipó).** In: PROUS, A.; MALTA, I. M. (Eds.). . **Arquivos do Museu de História Natural. Universidade Federal de Minas Gerais.** Santana do Riacho-Tomo I ed. Belo Horizonte: [s.n.]. v. XII.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira.** Brasília: Universidade de Brasília, 1992a.

PROUS, A. **As estruturas aparentes (2): os sepultamentos do Grande Abrigo de Santana do Riacho-Os sepultamentos da escavação No. I.** **Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais,** v. 13, n. 14, p. 21–77, 1992b.

PROUS, A. **O Brasil Antes dos Brasileiros. A pré-História brasileira.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PROUS, A. **As Missões arqueológicas desenvolvidas na região de Lagoa Santa na segunda metade do século XX.** In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. (Eds.). . **Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas.** Coleção História e Arqueologia em movimento. São Paulo: Annablume, 2016. p. 111–130.

PROUS, A.; JUNQUEIRA, P. A.; MALTA, I. M. **Arqueologia do Alto Médio São Francisco Região de Januária e Montalvânia.** **Revista de Arqueologia,** v. 2, n. 1, p. 59–72, 1984.

PROUS, A.; RODET, M. J. **Os vivos e seus mortos no Brasil tropical e sub-tropical pré-histórico (11.000/500BP).** In: MORALES, W. F.; MOI, F. P. (Eds.). . **Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira.** 1. ed. [s.l.] Annablume, 2009. p. 340.

PROUS, A.; RODET, M. J.; OLIVEIRA, R. **ARQUEOLOGIA DO VALE DO RIO PERUAÇU E ADJACÊNCIAS – MINAS GERAIS.** Belo Horizonte: [s.n.]. v. 19

PROUS, A.; SCHLOBACH, M. C. Sepultamentos pré-históricos do Vale do Peruaçu-MG. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 7, p. 3–21, 1997.

PY-DANIEL, A. R. **Arqueologia da Morte no Sítio Hatahara Durante a Fase Paredão**. Mestrado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

PY-DANIEL, A. R. **Os contextos Funerários na Arqueologia da Calha do Rio Amazonas**. Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

PY-DANIEL, A. R. Práticas Funerárias na Amazônia: a morte, a diversidade e os locais de enterramento. **Habitus**, v. 14, n. 1, p. 87, 12 out. 2016.

RESENDE, E. M. T.; CARDOSO, J. S. Vestígios vegetais: arqueobotânica e técnicas tradicionais de armazenamento. In: PROUS, A.; RODET, M. J.; OLIVEIRA, R. (Eds.). **ARQUEOLOGIA DO VALE DO RIO PERUAÇU E ADJACÊNCIAS – MINAS GERAIS**. Arquivos do Museu de História Natural. Belo Horizonte: [s.n.]. v. 19p. 231–259.

RIBEIRO, L. **Os significados da similaridade e do contraste entre os estilos rupestres - um estudo regional das gravuras e pinturas do alto-médio Rio São Francisco**. Tese de Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

RIBEIRO, M. S. **Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica**. São Paulo: Alameda, 2007.

ROCHA, R. L. Descrição preliminar do sítio arqueológico Caixa d'Água e de seus remanescentes ósseos humanos (Buritizeiro, Minas Gerais 6.000 BP). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. Suplemento 11, p. 101–107, 2011.

ROCHA, T. S. F. **Aquilo que é tirado da terra, às vezes pode matar" As relações estabelecidas entre arqueologia e a comunicade de Carangola, Minas Gerais**. Mestrado—Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2017.

RODET, M. J. **Diagnóstico Arqueológico no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, Minas Gerais**. Belo Horizonte: Museu de História Natural - UFMG, 2011.

RODRIGUES, C.; CARVALHO, E.; DIAS JÚNIOR, O. **Instituto de Arqueologia Brasileira**. [s.l.] IAB, 1982.

RODRIGUES, I. M. M.; BARCELOS, R. **Relatório de vistoria sobre “Achado Fortuito” em Governador Valadares - MG**. Belo Horizonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, 27 mar. 2015.

SENE, G. A. M. **Rituais funerários e processos culturais: os caçadores-coletores e horticultores pré-históricos do noroeste de Minas Gerais**. São Paulo: [s.n.].

SENE, G. A. M. **Indicadores de gênero na pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais**. Doutorado—São Paulo: [s.n.].

SENE, G. M. Rituais Funerários e Processos Culturais: Os Caçadores - coletores e Horticultores Pré Históricos do noroeste de Minas Gerais. **Revista Canindé**, v. Vol 3, n. Ed 3, p. 105–133, dez. 2003.

SOLARI, A.; ISNARDIS, A.; LINKE, V. Entre cascas e couros: os sepultamentos secundários da Lapa do Caboclo (Diamantina, Minas Gerais). **Habitus**, v. 10, n. 1, p. 115–134, 2012.

SOUSA, D. V. **Pedoarqueologia de sítios pré-históricos na bacia do rio São Francisco: Abrigo de Santana do Riacho e Bibocas II**. Doutorado—Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2016.

SOUZA, A. A. C. M. D. História da Arqueologia Brasileira. **Pesquisas**, v. 46, p. 1–157, 1991.

SOUZA, S. M. DE et al. Escavar e interpretar lugares de deposição de mortos. In: GASPAR, M.; SOUZA, S. M. DE (Eds.). **Abordagens estratégicas em sambaqui**. [s.l.] Habilis, 2013. p. 127–163.

SOUZA, S. M. FE. M. DE. O silêncio bioarqueológico da Amazônia: Entre o mito da diluição demográfica e o da diluição biológica na floresta tropical. In: PEREIRA, E.; GUAPINDAIA, V. (Eds.). **Arqueologia Amazônica 1**. Belém: Museu Goeldi, 2010. v. 1p. 425–446.

SOUZA, S. M. DE; LIRYO, A. Contribuições do Museu Nacional ao estudo de Lagoa Santa na segunda metade do século XX. In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. (Eds.). **Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas**. Coleção História e Arqueologia em movimento. São Paulo: Annablume, 2016. v. IVp. 131–151.

SOUZA, M. D. ARQUEOLOGIA DE FUNERAIS: QUANDO OS MORTOS ESCLARECEM OS (ARQUEOLOGOS) VIVOS. **XII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA**, p. 10, 2003.

STRAUSS, A. et al. Two Directly Dated Early-Holocene Archaic Burials from Pains, State of Minas Gerais, Brazil. p. 3, 2011.

STRAUSS, A. Os padrões de sepultamento do sítio arqueológico Lapa do Santo (Holoceno Inicial, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 11, n. 1, p. 243–276, abr. 2016a.

STRAUSS, A. M. **As práticas mortuárias dos caçadores-coletores pré-históricos da região de Lagoa Santa (MG): um estudo de caso do sítio arqueológico Lapa do Santo**. [s.l.] Universidade de São Paulo, 2010.

STRAUSS, A. M. As práticas mortuárias na região de Lagoa Santa. In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. (Eds.). **Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas**. Coleção História e Arqueologia em movimento. São Paulo: Annablume, 2016b. v. IVp. 299–322.

STRAUSS, A.; OLIVEIRA, R. PRÁTICAS FUNERÁRIAS DO HOLOCENO INICIAL NA REGIÃO DE LAGOA SANTA Um Caso de 9600-9495 anos BP de Manipulação Corporal. p. 46, [s.d.].

TELLES, M. A. **Projeto de diagnóstico arqueológico e cultural da área diretamente afetada do AHE Pompéu**. Ituiutaba: Griphus Consultoria em recursos Culturais LTDA, 2013.

XAVIER, L. A. F. **Projeto de salvamento arqueológico do Sítio Toca da Onça (Microminas), Pains / MG**. Pains: Paralelo20, 2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Michele de Barcelos. A Exposição Antropológica Brasileira de 1882: práticas de colecionamento e circulação de indígenas no Museu Nacional. In: **41º Encontro Anual da ANPOCS**, 2017, Caxambu. Anais do 41º Encontro Anual da ANPOCS, 2017. p. 1-29.

ALVES, M. A. Estudo do Sítio Prado, um sítio lito-cerâmico colimar. **Revista do Museu Paulista**, v. 29, p. 169–199, 1983.

ALVES, M. A. Culturas ceramistas de São Paulo e Minas Gerais: Estudo Técnico-tipológico.

Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 0, n. 1, p. 71–96, 11 dez. 1991.

ALVES, M. A. As estruturas arqueológicas do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro-Minas Gerais. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 2, p. 27–47, 1992.

ALVES, M. A. **Assentamentos e cultura material indígena anteriores ao contato no Sertão da Farinha Podre, MG, e Monte Alto, SP**. [s.l.] Tese de Livre-docência, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ALVES, M. A. A arqueologia no extremo oeste de Minas Gerais. **Revista Espinhaço|UFVJM**, p. 96–117, 2013.

ANDRADE, K. DOS S.; BASTIANI, C. Viajantes naturalistas do século XIX na região da Província de Goiás: levantamento de topônimos indígenas. **Antares**, v. 04, p. 169–184, 2012.

ARAÚJO, A. G. DE M. et al. Human occupation and paleoenvironments in South America: expanding the notion of an “Archaic Gap”. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 15–16, p. 3–35, 2006.

AULER, A. S.; PILÓ, L. B. As descobertas de Lund. In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. (Eds.). **Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas**. Coleção História e Arqueologia em movimento. São Paulo: Annablume, 2016. v. IVp. 37–52.

BALDUS, H. **Bibliografia crítica da etnologia brasileira**. [s.l.] Kraus Reprint, 1954. v. 1

- BALDUS, H. C. **Bibliografia crítica da etnologia brasileira volume II**. Hannover: Munstermann-Druck, 1968.
- BARBOSA, R. P. A cartografia do mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú. **NIMUENDAJU, Curt. Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú. 2ª ed. Rio de Janeiro, IBGE/Fundação Pró-Memória**, p. 19–23, 1987.
- BERNARDO, D.; NEVES, W. A.; KIPNIS, R. O Projeto “Origens” e a questão dos primeiros americanos. In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. (Eds.). . **Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas**. Coleção História e Arqueologia em movimento. São Paulo: Annablume, 2016. v. IV p. 151–226.
- BINFORD, L. R. Mortuary practices: their study and their potential. *Memoirs of the Society for American Archaeology*. n. 25, p. 6–29, 1971.
- BUIKSTRA, J. E.; BECK, L. A. **Bioarchaeology: The Contextual Analysis of Human Remains**. 1. ed. London and New York: Routledge, 2009.
- CALDARELLI, S. B. **Avaliação Arqueológica de uma área de exploração de calcário no município de Doresópolis, MG**. São Paulo: Scienza consultoria Científica, 2002.
- CALDARELLI, S. B.; SANTOS, M. DO C. M. DOS. Arqueologia de contrato no Brasil. **Revista USP**, v. 0, n. 44, p. 52, 28 fev. 2000.
- CARVALHO, A. B. DE. **Relatório de levantamento arqueológico na área da mineração Cal Floresta Industria e Comércio Ltda**. Belo Horizonte: Spelayon Consultoria -ME, 2009.
- CASTRO, M. W. DE M. **Relatório de diagnóstico interventivo**. Belo Horizonte: Geoline Engenharia LTDA, 2012.
- CÉSAR, J. V. **Catequese e conversão dos índios do Brasil**. Brasília: Anthropos do Brasil, 1975.
- CORRÊA, Â. A.; COLOMBO, A. V. “Cavernas da Babilônia” narrativas e intervenções: vestígios funerários pré-coloniais na Microrregião de Juiz de Fora. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 11, n. 21, 2014.

COSTA, F.; KOOLE, E. K. M. **Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial do Sítio Gruta do Paiol de Milho inserido no DNPM 831014/80 de propriedade da empresa ICAL - Pains MG**. Belo Horizonte: Terra Firme Arqueologia, 2013.

DA CONCEIÇÃO BELTRÃO, M.; LIMA, T. A. Mumificações naturais na pré-história brasileira. **Revista de Arqueologia**, v. 3, n. 1, p. 3–39, 1986.

DA SILVA, F. H. T. “AOS NOSSOS OLHOS EUROPEUS”: Alimentação dos paranaenses nas crônicas de viajantes do século XIX. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. ISSN 2176-2767**, v. 42, 2011.

DA SILVA, S. F. S. M.; GHETTI, N. C.; DOS SANTOS, C. R. B. Ensaio sobre preservação de materiais arqueológicos de natureza orgânica da RETEC - ARQ da UFPE: remanescentes ósseos humanos. 2012.

DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. **Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas**. [s.l.] Annablume, 2016.

DA-GLORIA, P.; OLIVEIRA, R. E. DE. História das pesquisas sobre saúde e estilo de vida em Lagoa Santa. In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. (Eds.). . **Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas**. Coleção História e Arqueologia em movimento. São Paulo: Annablume, 2016. v. IVp. 275–298.

DE VASCONCELOS, D. **História Antiga de Minas Gerais**,. 2ed. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

DIAS JÚNIOR, O. F. Breves notas a respeito das pesquisas no sul de Minas Gerais. **Publicações Avulsas**, 1971.

DIAS JÚNIOR, O. F. **Projeto Furnas- Pimenta: Projeto de levantamento arqueológico no traçado da linha de transmissão de energia elétrica entre a represa de furnas e a cidade de Pimenta - Estado de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: I.A.B. e Landschaft Consultores Associados Ltda, 2005.

DUDAY, H.; CIPRIANI, A. M.; PEARCE, J. **The Archaeology of the Dead: Lectures in Archaeoethanatology**. [s.l.] Oxbow Books, 2009.

ESTEVEES, L. M. Palinologia: documentando e preservando a vida. **Resumos do 56 Congresso Nacional de Botânica**, p. 4, 2005.

FERNANDES, R. S. Indígenas na historiografia mineira: estudo de caso. **Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade**, 2010.

FIGUEIREDO, M. T. **Estudo da cultura material lítica e cerâmica dos sítios Silva Serrote e Menezes: análise das cadeias operatórias dos vestígios de cultura pré-coloniais do alto Paranaíba, Minas Gerais**. Mestrado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

FONSECA, D. B. **Estudo de Práticas Funerárias no Contexto Amazônico**. Mestrado—Belém: Universidade Federal do Para, 2015.

FREIRE, C. A. DA R. Memória do SPI: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967). **Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI**, 2011.

HARTMANN, T. O.; BALDUS, H. **Bibliografia crítica da etnologia brasileira volume III**. Berlin: DReimer Verlag, 1984.

HENRIQUES, G. P. **Relatório de Diagnósticos Arqueológico para instalação de forno rotativo de calcinação**. Córrego Fundo - MG: 2013.

HENRIQUES JR, G. P. **Arqueologia Regional da Província Cárstica do Alto São Francisco: um estudo das tradições Una e Sapucaí**. Mestrado—São Paulo~: Universidade de São Paulo, 2006.

HORTA, A. I. **Entre as pedras: as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais**. Mestrado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 4 mar. 2009.

HUBBE, M.; NEVES, W. A. A repercursão dos esqueletos humanos de Lagoa Santa no cenário internacional. In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. (Eds.). **Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas**. Coleção História e Arqueologia em movimento. São Paulo: Annablume, 2016. v. IVp. 229–248.

JÁCOME, C. **Relatorio Iguatama.doc**. Belo Horizonte: Setor de Arqueologia Museu de História Natural, nov. 2007.

JÁCOME, C. **ÁREA DA MINERAÇÃO LAFARGE BRASIL S.A ARCOS/MG (DNPM 823290-1972)**. Belo Horizonte: Arcos Verde, 2012.

KOOLE, E. K. M. **Pré-história da província cárstica do Alto São Francisco, Minas Gerais: a indústria lítica dos caçadores-coletores arcaicos**. Mestrado—[s.l.] Universidade de São Paulo, 2007.

KOOLE, E. K. M. **Projeto de diagnóstico arqueológico interventivo Imerys Comércio de Extração de Minérios LTDA**. Belo Horizonte: Terra Firme Arqueologia, 2011.

KOOLE, E. K. M. **Entre as tradições planálticas e meridionais: caracterização arqueológica dos grupos caçadores coletores a partir da análise de sete elementos e suas implicações para a ocupação pré cerâmica da Regiões cársticas do Alto São Francisco, Minas Gerais Brasil: cronologia, tecnologia lítica, subsistência (fauna), sepultamentos, mobilidade, uso do espaço em abrigos naturais e arte rupestre**. Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

LA SALVIA, E. S. **Relatório Único do diagnóstico arqueológico prospectivo na área da poligonal 001.112/1944 e entorno, Empresa Pró-Calcário LTDA**. Arcos, MG: Arkeos Consultoria LTDA, fev. 2013.

LA SALVIA, E. S. **Relatório parcial de prospecção e resgate arqueológico do Abrigo Forro Negro, Mineração PROCALCÁRIO LTDA, município de Arcos /MG**. Ouro Preto: Arkeos Consultoria LTDA, ago. 2015.

LESSA, A. **Resgate arqueológico do Abrigo do Forro Negro - Município de Arcos - MG**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, dez. 2015.

LESSA, A. **Resgate Arqueológico do Abrigo do Forro Negro município de Arcos - MG (segunda campanha)**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, dez. 2016.

MARIANO, I. M. et al. **Arqueologia Preventiva na área da mina da Fazenda Limeira mineração BELOCAL Arcos - MG**. Belo Horizonte: Arcos Verde, 2013.

MARIANO, I. M.; ALVES, L. FELIPE B.; BUGATTILSOLAN, F. **Arqueologia Preventiva na área da Mina Calunga -Mineração Vale do Rio Santana - Arcos - MG**. Belo Horizonte: Ecosystem Tecnologia Ambiental LTDA, 2013.

MONTEIRO, S. F. S. **Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do Estado de São Paulo**. Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

MOURA, M. T. T. DE. **Diagnóstico arqueológico PCH Boa Vista I, Boa Vista II e Penedo**. Belo Horizonte: SETE Soluções e tecnologia Ambiental LTDA, 2006.

NEME, M. Dois antigos caminhos de sertanistas de São Paulo. In: **Anais do Museu Paulista**. [s.l: s.n.]. v. 23p. 7–73.

NEVES, W. A.; HUBBE, M. Cranial morphology of early Americans from Lagoa Santa, Brazil: Implications for the settlement of the New World. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 102, n. 51, p. 18309–18314, 20 dez. 2005.

NIMUENDAJÚ, C. **Mapa Etno-Históricos do Brasil e regiões adjacentes**, 1980.

OLIVEIRA, L. M.; RIBEIRO, L.; JÁCOME, C. **Relatório final Programa de salvamento do Patrimônio Arqueológico e Educação Patrimonial área Brasiminas - Poligonal DNPM 800.755/1971, Município de Arcos, Minas Gerais**. Pains: EMPARQ, out. 2014.

OLIVEIRA, A. P. DE P. L. DE. A Etnohistória como arcabouço contextual para as pesquisas arqueológicas na Zona da Mata Mineira. **Canindé Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. Sergipe: UFSE**, v. V3, p. 25, 2003.

PAULA, F. L. DE; SEDA, P. R. Catálogo dos Sítios. **Arquivos do Museu de História Natural**, v. 04.05, 1982.

POHL, J. E. **Viagem ao interior do brasil**. São Paulo: Edusp, 1976.

PROUS, A. As estruturas aparentes (2): os sepultamentos do Grande Abrigo de Santana do Riacho - Os sepultamentos da escavações No. I. **Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais**, v. 13, n. 14, p. 21–77, 1992a.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Universidade de Brasília, 1992b.

PROUS, A. As Missões arqueológicas desenvolvidas na região de Lagoa Santa na segunda metade do século XX. In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. (Eds.). . **Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas**. Coleção História e Arqueologia em movimento. São Paulo: Annablume, 2016. p. 111–130.

PROUS, A.; JUNQUEIRA, P. A.; MALTA, I. M. Arqueologia do Alto Médio São Francisco Região de Januária e Montalvânia. **Revista de Arqueologia**, v. 2, n. 1, p. 59–72, 2017.

PROUS, A.; SCHLOBACH, M. C. Sepultamentos pré-históricos do Vale do Peruaçu-MG.

Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 7, p. 3–21, 1997.

PROWN, J. D. The truth of material culture: history of fiction. In: LUBAR, S. D.; KINGERY, W. D. (Eds.). . **History from things: essays on material culture**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1993.

PY-DANIEL, A. R. **Arqueologia da Morte no Sítio Hatahara Durante a Fase Paredão**. Mestrado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

PY-DANIEL, A. R. **Os contextos Funerários na Arqueologia da Calha do Rio Amazonas**. Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

PY-DANIEL, A. R. Práticas Funerárias na Amazônia: a morte, a diversidade e os locais de enterramento. **Habitus**, v. 14, n. 1, p. 87, 12 out. 2016.

REZENDE, A. M. N. **A PICADA DE GOIÁS COMO ESTRADA REAL NA VISÃO DAS “PAISAGENS” DA GLOBALIZAÇÃO DO ANTROPÓLOGO ARJUN APPADURAI**. In: XX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA. Universidade Federal do Mato Grosso, 2016.

RIBEIRO, M. S. **Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica**. São Paulo: Alameda, 2007.

RODET, M. J. **Diagnóstico Arqueológico no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, Minas Gerais**. Belo Horizonte: Museu de História Natural - UFMG, 2011.

SAINT-HILAIRE, A. DE. **Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo 1822: diário**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SAINT-HILAIRE, A. DE; LESSA, C. R. DE. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás. Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.** São Paulo: Nacional, 1944.

SAINT-HILAIRE, A. DE; PEREIRA, L. **São Paulo nos tempos coloniais.** Sao Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1922.

SAMPAIO, A. B. Sertão da farinha Pôdre: Actual triângulo mineiro. **Revista de Uberaba**, p. 9–18, 1904.

SEE, S. E. E. **Projeto Arcos Pains Espeleologia - PROAPEMPF/I BAMA/FEAM/UFOP/ FEOP/SEE Área cárstica de Pains.** Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, ago. 2012. Disponível em: <<http://www.see.ufop.br/wp-content/uploads/2013/08/projeto-arcos-pains-espeleologia.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

SENE, G. A. M. **Rituais funerários e processos culturais: os caçadores-coletores e horticultores pré-históricos do noroeste de Minas Gerais.** Mestrado—São Paulo: 1998.

SENE, G. A. M. **Indicadores de gênero na pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais.** Doutorado—São Paulo: 2007.

SENE, G. M. Rituais Funerários e Processos Culturais: Os Caçadores - coletores e Horticultores Pré Históricos do noroeste de Minas Gerais. **Revista Canindé**, v. Vol 3, n. Ed 3, p. 105–133, dez. 2003.

SENNA, N. C. DE. **Etnografia brasileira: os principais povos selvagens que habitaram Minas Gerais.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1938. v. 1

SILVA, K. C. et al. **Seção: Palinologia/Paleobotânica.** In: 63 CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA - BOTÂNICA FRENTE ÀS MUDANÇAS GLOBAIS. 2012 Disponível em: https://www.botanica.org.br/trabalhoscientificos/63CNBot/63CNBot_palipaleo_20.pdf. Acesso em: 21 jun. 2018

SILVA, K. C. **Reconstituição paleoambiental de uma área no baixo curso do Rio Ribeira de Iguape com base em bio e geo indicadores.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

SIMÕES, M. F. Índice das fases arqueológicas brasileiras 1950-1971. 1972.

SOLARI, A.; ISNARDIS, A.; LINKE, V. Entre cascas e couros: os sepultamentos secundários da Lapa do Caboclo (Diamantina, Minas Gerais). **Habitus**, v. 10, n. 1, p. 115–134, 2012.

SOUSA, D. V. **Pedoarqueologia de sítios pré-históricos na bacia do rio São Francisco: Abrigo de Santana do Riacho e Bibocas II**. Doutorado—Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2016.

SOUZA, A. A. C. M. D. História da Arqueologia Brasileira. **Pesquisas**, v. 46, p. 1–157, 1991.

SOUZA, S. M. DE et al. Escavar e interpretar lugares de deposição de mortos. In: GASPAR, M.; SOUZA, S. M. DE (Eds.). **Abordagens estratégicas em sambaqui**. [s.l.] Habilis, 2013. p. 127–163.

SOUZA, S. M. FE. M. DE. O silêncio bioarquiológico da Amazônia: Entre o mito da diluição demográfica e o da diluição biológica na floresta tropical. In: PEREIRA, E.; GUAPINDAIA,

V. (Eds.). **Arqueologia Amazônica 1**. Belém: Museu Goeldi, 2010. v. 1p. 425–446.

SOUZA, S. M. DE; LIRYO, A. Contribuições do Museu Nacional ao estudo de Lagoa Santa na segunda metade do século XX. In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. (Eds.).

Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas. Coleção História e Arqueologia em movimento. São Paulo: Annablume, 2016. v. IVp. 131–151.

SOUZA, M. D. ARQUEOLOGIA DE FUNERAIS: QUANDO OS MORTOS ESCLARECEM OS (ARQUEOLOGOS) VIVOS. **XII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA**, p. 10, 2003.

SOUZA, S. M. F. M. et al. Os Munduruku e as “cabeças-troféu”. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 17, p. 365–380, 2007.

STRAUSS, A. et al. Two Directly Dated Early-Holocene Archaic Burials from Pains, State of Minas Gerais, Brazil. **Archaeology of Latin America**, v. 28, p. 123–125, 2011.

STRAUSS, A. Os padrões de sepultamento do sítio arqueológico Lapa do Santo (Holoceno Inicial, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 11, n. 1, p. 243–276, abr. 2016a.

STRAUSS, A. M. **As práticas mortuárias dos caçadores-coletores pré-históricos da região de Lagoa Santa (MG): um estudo de caso do sítio arqueológico Lapa do Santo**. [s.l.] Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2010.

STRAUSS, A. M. As práticas mortuárias na região de Lagoa Santa. In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W. A.; HUBBE, M. (Eds.). **Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas**. Coleção História e Arqueologia em movimento. São Paulo: Annablume, 2016b. v. IVp. 299–322.

TELLES, M. A. **Projeto de diagnóstico arqueológico e cultural da área diretamente afetada do AHE Pompéu**. Ituiutaba: Griphus Consultoria em recursos Culturais LTDA, 2013.

VON CRAMON-TAUBADEL, N.; STRAUSS, A.; HUBBE, M. Evolutionary population history of early Paleoamerican cranial morphology. **Science Advances**, v. 3, n. 2, p. e1602289, fev. 2017.

WALTER, H. V. **Arqueologia da Região de Lagoa Santa**. [s.l.] Sedegra, 1958.

XAVIER, L. A. F. **Projeto de salvamento arqueológico do Sítio Toca da Onça (Microminas), Pains / MG**. Pains: Paralelo20, 2015.

ANEXOS

Anexo 1

Ministério
da Cultura

Sistema Nacional de Informações Culturais - SNIC

Cadastro Nacional de
Sítios Arqueológicos
CNSA / SGPA*



Centro Nacional de Arqueologia - CNA

- CNSA MG00430 -

Nome do sítio: Abrigo da Mata da Cauaia

Outras designações e siglas: MG-BF-75

CNSA: MG00430

Município: Matozinhos

UF: MG

Descrição sumária do sítio: Abrigo na base de um afloramento calcário aberto para oeste, tendo seu suporte decorado. Há cerca de 130 figuras pintadas, destacando-se os cervídeos, peixes e antropomorfos.

Sítios relacionados:

Comprimento: 25m

Largura: 0m

Altura máxima: 0m

(a partir do nível do solo)

Área: 0m²

Medição

Estimada

Passo

Mapa

Instrumento

Unidade geomorfológica:

Compartimento topográfico:

Altitude: 0m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: dolina

Distância: 20m

Rio:

Bacia:

Vegetação atual

<input type="checkbox"/> Floresta ombrófila	<input type="checkbox"/> Savana (cerrado)
<input type="checkbox"/> Floresta estacional	<input type="checkbox"/> Savana-estépica (Caatinga)
<input type="checkbox"/> Campinarana	<input type="checkbox"/> Estepe
<input type="checkbox"/> Capoeira	<input type="checkbox"/> Outra: mata no entorno do abrigo

Uso atual do terreno

<input type="checkbox"/> Atividade urbana	<input type="checkbox"/> Pasto
<input type="checkbox"/> Via pública	<input type="checkbox"/> Plantio
<input type="checkbox"/> Estrutura de fazenda	<input type="checkbox"/> Área devoluta
Outro:	

Propriedade da terra

Área pública

Área privada

Área militar

Área indígena

Outra:

Proteção legal

Unid. de conservação ambiental

Em área tombada

Municipal

Estadual

Federal

Patrim. da humanidade

Categoria

<input checked="" type="radio"/> Unicomponential	<input checked="" type="checkbox"/> Pré-colonial
<input type="radio"/> Multicomponential	<input type="checkbox"/> De contato
	<input type="checkbox"/> Histórico

Tipo de sítios: Arte rupestre

Forma:

Tipo de solo:

Estratigrafia:

Contexto de deposição

Em superfície

Em profundidade

Exposição

Céu aberto

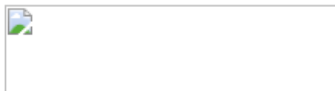
Abrigo sob rocha

Gruta

Submerso

Outra:

* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.



Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos*



Sist. Nac. de Patrimônio Cultural - SNPC

- CNSA MG00430 -

Centro Nacional de Arqueologia - CNA

<p>Estrutura</p> <table style="width: 100%;"> <tr> <td><input type="checkbox"/> Área de refugio</td> <td><input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> De lascamento</td> <td><input type="checkbox"/> Círculos de pedra</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> De Combustão <small>(fogueira, forno, fogão)</small></td> <td><input type="checkbox"/> Estacas, buracos de Fossas</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Funerárias</td> <td><input type="checkbox"/> Fossas</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Vestígios de edificações</td> <td><input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Vestígios de mineração</td> <td><input type="checkbox"/> Palafitas</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras</td> <td><input type="checkbox"/> Paliçadas</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Manchas pretas</td> <td><input type="checkbox"/> Concentrações cerâmica - quant.:</td> </tr> </table> <p>Outras:</p>	<input type="checkbox"/> Área de refugio	<input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas	<input type="checkbox"/> De lascamento	<input type="checkbox"/> Círculos de pedra	<input type="checkbox"/> De Combustão <small>(fogueira, forno, fogão)</small>	<input type="checkbox"/> Estacas, buracos de Fossas	<input type="checkbox"/> Funerárias	<input type="checkbox"/> Fossas	<input type="checkbox"/> Vestígios de edificações	<input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila	<input type="checkbox"/> Vestígios de mineração	<input type="checkbox"/> Palafitas	<input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras	<input type="checkbox"/> Paliçadas	<input type="checkbox"/> Manchas pretas	<input type="checkbox"/> Concentrações cerâmica - quant.:	<p>Artefatos</p> <table style="width: 100%;"> <tr> <td><input type="checkbox"/> Lítico lascado</td> <td><input type="checkbox"/> Cerâmico</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Lítico polido</td> <td><input type="checkbox"/> Sobre concha</td> </tr> <tr> <td colspan="2"><input type="checkbox"/> Sobre material orgânico</td> </tr> </table> <p>Outros vestígios líticos:</p>	<input type="checkbox"/> Lítico lascado	<input type="checkbox"/> Cerâmico	<input type="checkbox"/> Lítico polido	<input type="checkbox"/> Sobre concha	<input type="checkbox"/> Sobre material orgânico	
<input type="checkbox"/> Área de refugio	<input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas																						
<input type="checkbox"/> De lascamento	<input type="checkbox"/> Círculos de pedra																						
<input type="checkbox"/> De Combustão <small>(fogueira, forno, fogão)</small>	<input type="checkbox"/> Estacas, buracos de Fossas																						
<input type="checkbox"/> Funerárias	<input type="checkbox"/> Fossas																						
<input type="checkbox"/> Vestígios de edificações	<input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila																						
<input type="checkbox"/> Vestígios de mineração	<input type="checkbox"/> Palafitas																						
<input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras	<input type="checkbox"/> Paliçadas																						
<input type="checkbox"/> Manchas pretas	<input type="checkbox"/> Concentrações cerâmica - quant.:																						
<input type="checkbox"/> Lítico lascado	<input type="checkbox"/> Cerâmico																						
<input type="checkbox"/> Lítico polido	<input type="checkbox"/> Sobre concha																						
<input type="checkbox"/> Sobre material orgânico																							

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Arte rupestre: Pintura: Gravura: Ausente:

FILIAÇÃO CULTURAL

Artefatos líticos:

Tradições:

Fases:

Complementos:

Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos:

Tradições:

Fases:

Complementos:

Outras atribuições:

Artefatos rupestre:

Tradições: Planalto

Estilos:

Complementos:

Outras atribuições:

Datações Absolutas:

Datações Relativas:

Grau de integridade

mais de 75%

entre 25 e 75%

menos de 25%

Fatores de destruição

Erosão eólica

Erosão fluvial

Vandalismo

Erosão pluvial

Atividades agrícolas

Construção de estrada

Construção de moradias

Outros fatores naturais: descamação

Outros fatores antrópicos: uso de tinta, incisões, óleos / Mutilação de inscrições rupestres / Escavação manual ou mecânica

Possibilidades de destruição:

Medidas para preservação:

Relevância do sítio

Alta

Média

Baixa

Atividades desenvolvidas no local

Registro

Sondagem ou Corte estratigráfico

Coleta de superfície

Escavação de grande superfície

Levantamento de grafismo rupestre

Nome do responsável pelo registro: Setor de Arqueologia - MHNJB/UFMG

Data do registro: 30/12/1977

Ano do registro:

* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.



Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos*



Sist. Nac. de Patrimônio Cultural - SNPC

- CNSA MG00430 -

Centro Nacional de Arqueologia - CNA

Nome do projeto:

Documentação produzida (quantidade)

Mapa com sítio plotado:	0	Foto preto e branco:	0
Croqui:	0	Reprografia de imagem:	0
Planta baixa do sítio:	0	Imagem de satélite:	0
Planta baixa dos locais afetados:	0	Cópia total de arte rupestre:	0
Planta baixa de estruturas:	0	Cópia parcial de arte rupestre:	0
Perfil estratigráfico:	0	Ilustração do material:	0
Perfil topográfico:	0	Caderneta de campo:	0
Foto aérea:	0	Video / Filme:	0
Foto colorida:	0	Outra:	0

Bibliografia

Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. IV-V, 1979/80, pp. 210-211.

Relatório de Vistoria de Sítios Arqueológicos Pré-Históricos. APA Carst de Lagoa Santa. Universidade Federal de Minas Gerais, Museu de História Natural e Jardim Botânico - Setor de Arqueologia. Belo Horizonte, 1996.

Responsável pelo preenchimento da ficha: Mônica C. Schlobach

Data: 07/01/1998

Localização dos dados: ANS/IPHAN, UFMG, Arquivos

Atualizações:

Assinatura

* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

Anexo 2

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Pinura	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Abriço do Forro Negro	Site CNSA	Arcos	Abriço				1	1	Oeste	Eliany Salari La Salvia	2013	Contrato	
Gruta do Lanche ou Abriço da Divisa	Site CNSA	Arcos	Abriço				1	1	Oeste	NI	1899	Acadêmico	NI
Engenho da Serra	Levantamento Bibliográfico	Arcos	Céu aberto	1				1	Oeste	Gilmar Henriques	2007	Acadêmico	
Indaiá (MG-SF-25)	Site CNSA	Bom Despacho	Céu aberto	1			1	1	Central	Maria Teresa T. Moura	1991	NI	
Cemitério Caixa d'água	Site CNSA	BURITZEIRO	Céu aberto				1	1	Norte	Sector de Arqueologia da UFMG	1987	Acadêmico	6.400 e 5.000 AP BAGGIO, H., e TRINDADE, W.M. Aspectos Geoarqueológicos do Sítio Cemitério Caixa D'Água: Vale do São Francisco - Minas Gerais / Brasil. Geonomos, v.20, n.º 1, 42-48p, 2012
Cachoeira 1	Pesquisa IPHAN	Cachoeira Dourada	Céu aberto	1				1	Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba		2009	Achado Fortuito	Levantamento do Patrimônio Arqueológico Municipal de Cachoeira Dourada - MG- Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri
Toca dos Puri	Site CNSA	Carangola	Abriço	1				1	Zona da Mata	IPHAN	NI	Acadêmico	
Rezende	Site CNSA	CENTRALINA	Céu aberto	1			1	1	Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	Márcia Angelina Alves	1991	Acadêmico	

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Pinura	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Inhazinha	Levantamento Bibliográfico	Centralina	Céu aberto	1			1	1	Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	Márcia Angelina Alves	1991	Acadêmico	
Cemitério Municipal	Pesquisa IPHAN	Claudio	Céu aberto	1				1	Oeste	Martha de Castro e Silva	2005	Achado Fortuito	Salvamento Arqueológico de Vestígios Cerâmicos: Município de Claudio - MG
Do Lico	Pesquisa IPHAN	Conceição dos Ouros	Céu aberto	1				1	Sul / Sudeste		1996	Achado Fortuito	
Sem Nome	Pesquisa IPHAN	Conceição dos Ouros	Céu aberto	1				1	Sul / Sudeste		1998	Achado Fortuito	
Muchoco	Site CNSA	Conquista	Céu aberto	1			1	1	Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	CEMIG - IESA	2005	Contrato	CEMIG Companhia energética de Minas Gerais, Programa de salvamento arqueológico da UHE Igarapava. In Relatório final, volume 1 - texto e volume 2 - Anexos. Belo Horizonte, 1999, p.197
Sítio Califômia	Site CNSA	Conquista	Céu aberto	1				1	Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	Ione Malta, Nívea Leite e Paulo Junqueira	1988	Achado Fortuito	
Califomia	Levantamento Bibliográfico	Conquista	Céu aberto	1				1	Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	Arkaos Consultoria	1988	Contrato	

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Planta	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Cemitério da Comunidade Quilombola do Quartel do Indaiaá	Site CNSA	Diamantina	Céu aberto					1	Jequitinhonha	Reginaldo Barcelos	2018	NI	http://www.cede.fes.org.br/projetos_realizados-30/ . Consultado em 16/02/2018.
Lapa do Caboclo	Site CNSA	Diamantina	Abrigo		1		1	1	Jequitinhonha	Andrei Isnardis	2006	Acadêmico	
Bambuzal	Levantamento Bibliográfico	Doresópolis	Abrigo	1				1	Oeste	Solange Bezerra Caldarelli	2006	Contrato	
Sítio dos Olhos	Site CNSA	ELÓI MENDES	Céu aberto	1				1	Sul / Sudeste	Ondemar Dias	1970	PRONAPA	Matéria no Jornal do Brasil de 25/10/70 DIAS Jr., Ondemar F. Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas em Minas Gerais. PRONAPA, Resultados Preliminares do 5º ano, 1969-1970. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas, n.26, pp.105-116, 1974. DIAS Jr., Ondemar F. Pesquisas arqueológicas no Sudeste Brasileiro. Boletim do Instituto Arqueológico Brasileiro, Série Especial. Rio de Janeiro, v.1, pp.3-21, 1975. DIAS Jr., Ondemar F. Evolução da cultura em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. Anuário de Divulgação Científica. Goiânia, Universidade Católica de Goiás, v.3/4, pp.110-130, 1976/77.
João Maia	Pesquisa IPHAN	ENTRE RIOS DE MINAS	Céu aberto	1				1	Metropolitana	André Prous	1995	Acadêmico	
Caverna da Babilônia	Levantamento Bibliográfico	Goianá	Abrigo					1	Zona da Mata		NI	NI	

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Plúria	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Fazenda São Domingos	Site CNSA	GOVERNADOR VALADARES	Céu aberto	1				1	Vale do Rio Doce	Igor Moraes Mariano Rodrigues	2015	NI	IPHAN. Relatório de Vistoria sobre "achado fortuito" em Governador Valadares/MG. Belo Horizonte: Iphan-MG, 2015. Processo nº 01514.002497/2015-68.
Lapa do Ventania I	Pesquisa IPHAN	Grão Mongol	Abrigo				1	1	Norte	João Pinto Furtado	2003	Contrato	Salvamento Arqueológico na Área da UHE de Irapé CEMIG
Silva Serrote	Site CNSA	Guimarânia	Céu aberto	1			1	1	Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	Márcia Angelina Alves	1991	Acadêmico	
Fazenda São José	Site CNSA	Ibiá	Céu aberto	1			1	1	Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	NI	1980	NI	PAULA, Fabiano Lopes de & SEDA, P. Catálogo dos sítios (Minas Gerais). Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.4/5, pp.201-296, 1979/80.
Fazenda Samambaia	Site CNSA	Ibiá	Céu aberto	1			1	1	Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	Mirian Paiva Borges	1980	NI	PROUS, André.1986. L'archéologie au Brésil - 300 siècles d'occupation humaine. L'Anthropologie. Paris, v:90, n.2, pp.257-306. PROUS, André.1992. Arqueologia Brasileira .Brasília: Editora da Universidade de Brasília. PROUS, André. Relatório Preliminar sobre as Atividades Realizadas pelo Setor de Arqueologia no Município de Ibiá em julho de 1980. Belo Horizonte, 1980.
Antônio Hélio	Pesquisa IPHAN	Ibiraci	Céu aberto	1				1	Sul / Sudeste		2002	Achado Fortuito	PAULA, Fabiano Lopes de & SEDA, P. Catálogo dos sítios (Minas Gerais). Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.4/5, pp.201-296, 1979/80.

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Pinura	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Abriço do Ângelo	Levantamento Bibliográfico	Iguatama	Abriço					1	Oeste	Gilmar Henriques	2003	Acadêmico	
Ninhal	Levantamento Bibliográfico	Iguatama	Céu aberto	1				1	Oeste	Camila Jacome	2007	Achado Fortuito	
Mata das Frutas	Levantamento Bibliográfico	Iguatama	Abriço				1	1	Oeste	Edward Koole	2003	Acadêmico	
Cerâmica Preta	Pesquisa IPHAN	Itapeva	Céu aberto	1				1	Sul / Sudeste	Alexandre Delforge	2012	Achado Fortuito	Relatório de vistoria do IPHAN 05012 AHD/CT/IPHAN MG
Canoinha	Site CNSA	ITUETA	Céu aberto	1			1	1	Vale do Rio Doce	NI	1997	Contrato	
Vale Seca	Pesquisa IPHAN	Itueta	Céu aberto	1				1	Vale do Rio Doce	Alenice Baeta	2005	Contrato	

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Pinura	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Lapinha do Cipó	Site CNSA	JABOTICATUBAS	Abrigo	1	1		1	1	Metropolitana	André Prous	1976	Acadêmico	JUNQUEIRA, Paulo A. & MALTA, I.M. Sítios cerâmicos da região de Lagoa Santa. Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.3, pp.117-172, 1978. PAULA, Fabiano Lopes de & SEDDA, P. Catálogo dos sítios (Minas Gerais). Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.4/5, pp.201-296, 1979/80. Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. IV-V, 1979/80, pp. 236-237.
Lapa do Boquete	Site CNSA	Januária	Abrigo	1	1	1	1	1	Norte	Carlos Magno Guimarães, Alan Bryan	1976	Acadêmico	FOGAÇA, Emílio & LIMA, M.A. 1991. L'Abri du Boquete (Brésil): Les premières industries lithiques de l'holocène. Journal de la Société de Américanistes, N.S. Paris, t.77, pp.111-123. KÖHLER, Heinz C., PILÓ, L.B. & MOURA, M.T. 1989 Aspectos geomorfológicos do sítio arqueológico da Lapa do Boquete. Rio de Janeiro. Comunicação apresentada no 2º Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário. PROUS, André. 1991. Fouilles de L'Abri du Boquete, Minas Gerais, Brésil. Journal de la Société de Américanistes, N.S. Paris, t.77, pp.77-109.

Site	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Pltira	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Abriço do Malhador	Site CNSA	Januária	Abriço	1	1	1	1	1	Norte	Carlos Magno Guimaraes e Allan Bryan	1976	Acadêmico	Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. IV-V, 1979/80, pp. 236-237. SCHLOBACH, Mônica C. 1994 Considerações metodológicas acerca do estabelecimento de uma tipologia para as indústrias líticas recentes do Abriço do Malhador, Januária, MG. Revista de Arqueologia. São Paulo, SAB, v. 8, n.2, pp.65-88 BORGES, Melchades, PROUS, A. & SILVA, G. 1991 Les oeuvres rupestres de l'abri du Malhador (Município de Januária, MG, Brésil), Paris, Musée de l'Homme, Institut d'Ethnologie, Archives et Documents, Micro-Édition, R 87 039 533. PROUS, André, BRITO, M.E. & LIMA, M.A. 1994 As ocupações ceramistas no Vale do Rio Peruaçu. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, Universidade de São Paulo, v.4, pp.71-94.
Sumidouro	Site CNSA	Jeceaba	Céu aberto	1			1	1	Metropolitana	Henrique Piló/Alenice Baeta	2009	Contrato	
São Mateus I	Site CNSA	Jeceaba	Céu aberto	1			1	1	Metropolitana		1899	NI	
Lapa Mortuária de Confins	Site CNSA	LAGOA SANTA	Abriço			1		1	Metropolitana		NI	NI	Relatório de Vistoria de Sítios Arqueológicos Pré-Históricos. APA Carste de Lagoa Santa. Universidade Federal de Minas Gerais, Museu de História Natural e Jardim Botânico - Setor de Arqueologia. Belo Horizonte, 1996.

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Planta	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Lapinha II bis A	Site CNSA	LAGOA SANTA	Abrigo	1			1	1	Metropolitana	Missão Arqueológica Franco Brasileira	1971	Acadêmico	Relatório de Vistoria de Sítios Arqueológicos Pré-Históricos. APA Carste de Lagoa Santa. Universidade Federal de Minas Gerais, Museu de História Natural e Jardim Botânico - Setor de Arqueologia. Belo Horizonte, 1996. LAMING-EMPERAIRE, Annette, PROUS, A., MORAES, A.V. de & BELTRÃO, M. da C. de M. C. Grottes et abris de la région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil. Cahiers d'Archéologie d'Amerique du Sud. Paris, n.1, 1974. PAULA, Fabiano Lopes de & SEDA, P. Catálogo dos sítios (Minas Gerais). Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.4/5, pp.201-296, 1979/80.
Lapa d'agua	Levantamento Bibliográfico	LAGOA SANTA	Abrigo					1	Metropolitana	Jorge Henrique Augusto PadbergDrenkpol	1926	Acadêmico	PADBERG-DRENKPOL, J. H. Relatório de duas excursões à região calcárea de Lagoa Santa em 1926. Relatório, Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1926.
lapa da Amoreira	Levantamento Bibliográfico	LAGOA SANTA	Abrigo					1	Metropolitana	Jorge Henrique Augusto PadbergDrenkpol	1926	Acadêmico	PADBERG-DRENKPOL, J. H. Relatório de duas excursões à região calcárea de Lagoa Santa em 1926. Relatório, Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1926.
Lapa das Carrancas	Levantamento Bibliográfico	LAGOA SANTA	Abrigo					1	Metropolitana	José Bastos de Ávila	1937	Acadêmico	ÁVILA, J. B. Excursão às grutas e cavernas "Carrancas", Nova Granja, M.G - 1937. Relatório, Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1937
Abrigo do Galinheiro	Levantamento Bibliográfico	LAGOA SANTA	Abrigo					1	Metropolitana	Harold Walter	1958	Acadêmico	WALTER, H. V. Arqueologia da região de Lagoa Santa, Minas Gerais: índios pré-colombianos dos abrigos-rochedos. Rio de Janeiro: Sedogra, 1958
Sem Identificação	Pesquisa IPHAN	Luz	NI	1				1	Central	Maria Teresa T de Moura	1999	NI	

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Planta	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Sítio do Sangrador	Site CNSA	Matias Cardoso	Céu aberto	1				1	Norte	Ondemar Dias	1971	IAB	DIAS Jr., Ondemar F; CARVALHO, E.T. O & L. CHEUCHE. Pesquisas arqueológicas em Minas Gerais (Brasil): O PROPEVALE (Programa de Pesquisas no Vale do São Francisco). Congresso Internacional dos Americanistas, 42. Paris, Actas, v.9, n.4, pp.13-34, 1976. CARVALHO, Eliana T. de & CHEUCHE, L.M.T. Pesquisas arqueológicas na região do Médio São Francisco Mineiro. Boletim do Instituto Arqueológico Brasileiro. Rio de Janeiro, v.7, pp.21-52, 1975. PAULA, Fabiano Lopes de & SEDA, P. Catálogo dos sítios (Minas Gerais). Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.4/5, pp.201-296, 1979/80
Dois Irmãos	Pesquisa IPHAN	Matias Cardoso	Céu aberto	1				1	Norte	Alenice Baeta	1998	Achado Fortuito	Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. IV-V, 1979/80, pp. 210-211. Relatório de Vistoria de Sítios Arqueológicos Pré-Históricos. APA Carste de Lagoa Santa. Universidade Federal de Minas Gerais, Museu de História Natural e Jardim Botânico - Setor de Arqueologia. Belo Horizonte, 1996. IBGE. Grutas em Minas Gerais. Belo Horizonte, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1939, ANTHONIOZ, Sydney, COLOMBEL, P.L. & MONZON, S. Les peintures rupestres de Cerca Grande. Minas Gerais, Brésil. Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud. Paris, v.6, 1978, pp.303.
Lapa do Caetano	Site CNSA	Matozinhos	Abrigo		1			1	Metropolitana	Setor de Arqueologia - MHNJB/UFMG	1974	Acadêmico	

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Pinura	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Cerca Grande VII	Site CNSA	Matozinhos	Abrigo					1	Metropolitana	Setor de Arqueologia - MHNJB/UFMG	1976	Acadêmico	Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. IV-V, 1979/80, pp. 210-211. Relatório de Vistoria de Sítios Arqueológicos Pré-Históricos. APA Carste de Lagoa Santa. Universidade Federal de Minas Gerais, Museu de História Natural e Jardim Botânico - Setor de Arqueologia. Belo Horizonte, 1996. HURT, Wesley R. & BLASI, O. O projeto arqueológico Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil. Arquivos do Museu Paranaense, N.S. Arqueologia. Curitiba, v.4, 1969, pp.1-63 Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. IV-V, 1979/80, pp. 210-211.
Lapa das Boleiras	Site CNSA	Matozinhos	Abrigo				1	1	Metropolitana	Setor de Arqueologia - MHNJB/UFMG	1976	Acadêmico	HURT, Wesley R. & BLASI, O. O projeto arqueológico Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil. Arquivos do Museu Paranaense, N.S. Arqueologia. Curitiba, v.4, 1969, pp.39-41
Lapa do Santo	Levantamento Bibliográfico	Matozinhos	Abrigo		1	1	1	1	Metropolitana	André Strauss	2006	Acadêmico	STRAUSS, A. M. As práticas mortuárias dos caçadores-coletores pré-históricos da região de Lagoa Santa (MG): um estudo de caso do sítio arqueológico Lapa do Santo. [s.l.] Universidade de São Paulo, 2010

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Pinura	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Lapa da Mamoneira	Site CNSA	Montalvânia	Abrigo	1	1	1	1	1	Norte	Missão Arqueológica Franco Brasileira	1977	Contrato	<p>PAULA, Fabiano Lopes de & SEDA, P. Catálogo dos sítios (Minas Gerais). Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.4/5, pp.201-296, 1979/80.</p> <p>Relatório de Prospecções Realizadas no Município de Montalvânia, MG pelos Membros da Missão Franco-Brasileira de Lagoa Santa (agosto de 1976). Arquivos do Museu de História Natural da UFMG. Belo Horizonte, v.2, pp.51-65, 1977.</p> <p>RIBEIRO, Loredana. Arte Rupestre de Montalvânia - cronologia e estilística. Anais da IX Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro, 1997. No prelo. Levantamento Arqueológico Prospectivo, Resgate Arqueológico, Monitoramento Arqueológico e Programa de Educação Patrimonial na BR135 - Trecho Correntina/BA a Manga/MG. 4º Relatório Bimestral - Meta I. Habitus Assessoria e Consultoria Ltda, 2014.</p> <p>UFMG. Arquivos do Museu de História Natural. Volume II. Belo Horizonte, 1977.</p> <p>UFMG. Arquivos do Museu de História Natural. Volume IV-V. Belo Horizonte, 1979-1980.</p> <p>RIBEIRO, Loredana. Os Significados da Similaridade e do Contraste entre os Estilos Rupestres: Um Estudo Regional das Gravuras e Pinturas do Alto-Médio rio São Francisco. Tese de Doutorado. USP, maio de 2006.</p>
Lagoa do Boi	Site CNSA	Montalvânia	Céu aberto	1				1	Norte	Missão Franco Brasileira	1977	Acadêmico	<p>PAULA, Fabiano Lopes de & SEDA, P. Catálogo dos sítios (Minas Gerais). Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.4/5, pp.201-296, 1979/80.</p>

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Pinura	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Lapa do Possêidon	Site CNSA	Montalvânia	Abrigo	1	1	1	1	1	Norte	Ondemar Dias	1971	Acadêmico	PAULA, Fabiano Lopes de & SEDA, P. Catálogo dos sítios (Minas Gerais). Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.4/5, pp.201-296, 1979/80. Relatório de Prospecções Realizadas no Município de Montalvânia, MG pelos Membros da Missão Franco-Brasileira de Lagoa Santa (agosto de 1976). Arquivos do Museu de História Natural da UFMG. Belo Horizonte, v.2, pp.51-65, 1977. SILVA, Martha M. Castro e & RIBEIRO, Loredana. M. Organização espacial e correlação cronostilística na arte rupestre de Montalvânia-MG. Anais da 8ª Reunião Científica da SAB. Porto Alegre: EDIPUCRS, Coleção Arqueologia, n.1, v.2, pp.103-118, 1996.
Fazenda São Salvador	Site CNSA	Montalvânia	Céu aberto	1			1	1	Norte	José Enstáquio Teixeira	1977	Acadêmico	PAULA, Fabiano Lopes de & SEDA, P. Catálogo dos sítios (Minas Gerais). Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.4/5, pp.201-296, 1979/87

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Pintura	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Cachoeira do Bananal	Site CNSA	Montes Claros	Abrigo					1	Norte	Ondemar Dias	1974	IAB	CARVALHO, Eliana T. de & CHEUICHE, L. M. T. Pesquisas arqueológicas na região do Médio São Francisco Mineiro. Boletim do Instituto Arqueológico Brasileiro. Rio de Janeiro, v.7, pp.21-52, 1975. DIAS Jr., Ondemar F. Pesquisas arqueológicas no sudeste Brasileiro. Boletim do Instituto Arqueológico Brasileiro, Série Especial. Rio de Janeiro, v.1, pp.3-21, 1975. DIAS Jr., Ondemar F. CARVALHO, E. T. O & L. CHEUICHE. Pesquisas arqueológicas em Minas Gerais (Brasil): O PROPEVALE (Programa de Pesquisas no Vale do São Francisco). Congresso Internacional dos Americanistas, 42. Paris, Actas, v.9, n.4, pp.13-34, 1976. PAULA, Fabiano Lopes de & SEDA, P. Catálogo dos sítios (Minas Gerais). Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.4/5, pp.201-296, 1979/80. PAULA, Fabiano Lopes de & SEDA, P. Catálogo dos sítios (Minas Gerais). Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.4/5, pp.201-296, 1979/80. PROUS, André; LANNA, A.L.D. & PAULA, F.L. de. Estilística e cronologia na arte rupestre de Minas Gerais. Pesquisas, Série Antropologia. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, v.31, pp.121-146, 1980. CARVALHO, Eliana T. de & CHEUICHE, L. M. T. Arte Rupestre das cavernas e abrigos da região norte mineira - Síntese das pesquisas. Congresso Nacional de Espeleologia, 10. Ouro Preto, Anais, pp.199-209, 1975.
Lapa Pintada	Site CNSA	Montes Claros	Abrigo	1	1	1	1	1	Norte	Ondemar Dias	1971	IAB	JUNQUEIRA, Paulo A. Pinturas e gravações das lapas Pequena e Pintada. Município de Montes Claros, Minas Gerais. Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.3, pp.327-342, 1978

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Plintura	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Sítio Estação do Cercado	Site CNSA	NOVA SERRANA	Céu aberto	1				1	Oeste	Alenice Mota Baeta	1992	NI	
Gruta do Marinheiro	Site CNSA	PAINS	Abrigo	1		1	1	1	Oeste	Edward Koole	2007	Acadêmico	
Timburé	Site CNSA	PAINS	Abrigo	1			1	1	Oeste	Gilmar Pinheiro Henriques Júnior	2014	Contrato	HENRIQUES, G. Arqueologia regional do Alto São Francisco: um estudo das tradições ceramistas Una e Sapucaí. Dissertação de Mestrado. São Paulo: MAE/USP, 2006. 82 p. KOOLE, E. Pré-história do Carste do Alto São Francisco, Minas Gerais: a indústria lífica dos caçadores-coletores arcaicos. Dissertação de Mestrado. MAE-USP. São Paulo, 2007. 140 p. DIAS JR, O. & CARVALHO, E. 1982 A fase Piumhy: seu reconhecimento arqueológico e suas relações culturais. Revista Clio. n. 5. Recife: UFPE. p. 05-43. HENRIQUES, G. Relatório de Diagnóstico e Prospecção Arqueológica: Poligonal DNPm nº. 830.307/2001 - 45,32 hectares - Mineração Castrocral Ltda. Município de Pains - MG. Relatório de pesquisa apresentado ao IPHAN / SR MG. Pains: G. Henriques.
Loca do Suim	Levantamento Bibliográfico	Pains	Abrigo				1	1	Oeste	Edward Koole	2003	Acadêmico	
Gruta de Maçambara	Pesquisa IPHAN	PAINS	Abrigo	1				1	Oeste	Alenice Baeta	1998	Denúncia	

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Pinura	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Fazenda Contendas	Pesquisa IPHAN	Patos de Minas	Céu aberto	1				1	Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	Jose Marcio Alvarenga, Alenice Baeta	1998	Achado Fortuito	Relatório 990031 de 08/01/1999
Pindaíbas	Pesquisa IPHAN	Patos de Minas	Céu aberto	1				1	Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	Alexandre Delforge	2006	Achado Fortuito	
Lagoa Funda	Site CNSA	PEDRO LEOPOLDO	Abrigo					1	Metropolitana	Setor de Arqueologia - MHNJIB/UFMG	1976	IAB	Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. IV-V, 1979/80, pp. 210-211. WALTER, Harold V. A pré-história da região de Lagoa Santa (Minas Gerais). Belo Horizonte, 1948. Relatório de Vistoria de Sítios Arqueológicos Pré-Históricos. APA Carste de Lagoa Santa. Universidade Federal de Minas Gerais, Museu de História Natural e Jardim Botânico - Setor de Arqueologia. Belo Horizonte, 1996. Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. IV-V, 1979/80, pp. 210-211.
Samambaia I	Site CNSA	PEDRO LEOPOLDO	Abrigo	1	1		1	1	Metropolitana	Missão Franco Brasileira	1976	Acadêmico	LAMING-EMPERAIRE, Annette, PROUS, A., MORAES, A. V. de & BELTRÃO, M. da C. de M.C. Grottes et abris de la région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil. Cahiers d'Archéologie d'Amerique du Sud. Paris, n.1, 1974. PROUS, André & PAULA, F.L. de. L'art rupestre dans les régions explorées por Lund (centre de Minas Gerais, Brésil). Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.4/5, 1979/80, pp.311-335.

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Plúria	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Mãe Rosa	Site CNSA	PEDRO LEOPOLDO	Abrigo				1	1	Metropolitana	Sector de Arqueologia - MHNJIB/UFMG	1976	Acadêmico	Relatório de Vistoria de Sítios Arqueológicos Pré-Históricos. APA Carste de Lagoa Santa. Universidade Federal de Minas Gerais, Museu de História Natural e Jardim Botânico - Setor de Arqueologia. Belo Horizonte, 1996. Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. IV-V, 1979/80, pp. 210-211. PROUS, André. L'homme et la nature dans la région de Lagoa Santa. Belo Horizonte: Collóquio Franco-Brasileiro, 1978 (manuscrito). WALTER, Harold V. Arqueologia da região de Lagoa Santa, Minas Gerais; índios pré-colombianos dos abrigos-rochedos. Rio de Janeiro: Editora Sedegra, 1958.
Limeira	Site CNSA	PEDRO LEOPOLDO	Abrigo	1			1	1	Metropolitana	Sector de Arqueologia - MHNJIB/UFMG	1976	Acadêmico	Relatório de Vistoria de Sítios Arqueológicos Pré-Históricos. APA Carste de Lagoa Santa. Universidade Federal de Minas Gerais, Museu de História Natural e Jardim Botânico - Setor de Arqueologia. Belo Horizonte, 1996. Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. IV-V, 1979/80, pp. 210-211. WALTER, Harold V. Arqueologia da região de Lagoa Santa, Minas Gerais; índios pré-colombianos dos abrigos-rochedos. Rio de Janeiro: Editora Sedegra, 1958. LAMING-EMPERAIRE, Annette, PROUS, A., MORAES, A. V. de & BELTRÃO, M. da C. de M.C. Grottes et abris de la région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil. Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud. Paris, n.1, 1974.

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Pinura	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Eucalipto	Site CNSA	PEDRO LEOPOLDO	Abrigo	1			1	1	Metropolitana	Sector de Arqueologia - MHNJIB/UFMG	1976	Acadêmico	Relatório de Vistoria de Sítios Arqueológicos Pré-Históricos. APA Carste de Lagoa Santa. Universidade Federal de Minas Gerais, Museu de História Natural e Jardim Botânico - Setor de Arqueologia. Belo Horizonte, 1996. Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. IV-V, 1979/80, pp. 210-211. WALTER, Harold V. Arqueologia da região de Lagoa Santa, Minas Gerais; índios pré-colombianos dos abrigos-rochedos. Rio de Janeiro: Editora Sedegra, 1958. LAMING-EMPERAIRE, Annette, PROUS, A., MORAES, A. V. de & BELTRÃO, M. da C. de M.C. Grottes et abris de la région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil. Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud. Paris, n.1, 1974.
Bau	Site CNSA	PEDRO LEOPOLDO	Céu aberto	1			1	1	Metropolitana	Luiz Beethoven Piló	2001	Acadêmico	Projeto Lagoa Santa - Ficha de Sítio Arqueológico. Documento interno, LEEH-IB-USP

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Planta	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Lapa Vermelha IV	Site CNSA	PEDRO LEOPOLDO	Abrigo	1	1		1	1	Metropolitana	Setor de Arqueologia - MHNJB/UFMG	1976	Acadêmico	Relatório de Vistoria de Sítios Arqueológicos Pré-Históricos. APA Carste de Lagoa Santa. Universidade Federal de Minas Gerais, Museu de História Natural e Jardim Botânico - Setor de Arqueologia. Belo Horizonte, 1996. Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. IV-V, 1979/80, pp. 210-211. LAMING-EMPERAIRE, Annette, PROUS, A., MORAES, A. V. de & BELTRÃO, M. da C. de M.C. Grottes et abris de la région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil. Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud. Paris, n.1, 1974. BAETA, Alenice M., SILVA, C.M. & PROUS, A. Organização do espaço pictural nos sítios rupestres da região de Lagoa Santa, MG. Anais do 3º Congresso da ABEQUA. Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais, 1992, pp.417-430.
Lapa Vermelha VI	Site CNSA	PEDRO LEOPOLDO	Abrigo	1	1		1	1	Metropolitana	Setor de Arqueologia - MHNJB/UFMG	1976	Acadêmico	Relatório de Vistoria de Sítios Arqueológicos Pré-Históricos. APA Carste de Lagoa Santa. Universidade Federal de Minas Gerais, Museu de História Natural e Jardim Botânico - Setor de Arqueologia. Belo Horizonte, 1996. LAMING-EMPERAIRE, Annette, PROUS, A., MORAES, A. V. de & BELTRÃO, M. da C. de M.C. Grottes et abris de la région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil. Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud. Paris, n.1, 1974. BAETA, Alenice M., SILVA, C.M. & PROUS, A. Organização do espaço pictural nos sítios rupestres da região de Lagoa Santa, MG. Anais do 3º Congresso da ABEQUA. Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais, 1992, pp.417-430. PROUS, André. L'archéologie au Brésil - 300 siècles d'occupation humaine. L'Anthropologie. Paris, v.90, n.2, 1986, pp.257-306

Site	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Planta	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Fazenda Olhos d'Água	Site CNSA	Perdões	Céu aberto	1			1	1	Oeste	Romeu Sabará	1973	IAB	
Fazenda da Cotela	Pesquisa IPHAN	Pimenta	Abrigo	1				1	Oeste		2011	Contrato	
Grande Abrigo de Santana	Site CNSA	Santana do Riacho	Abrigo	1	1		1	1	Metropolitana	Sector de Arqueologia - MHNJIB/UFMG	1976	Acadêmico	Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. IV-V, 1979/80, pp. 210-211. PROUS, André. Fouilles du Grand Abri de Santana de Riacho (Minas Gerais), Brésil. Journal de la Société de Américanistes, N.S. Paris, t.67, 1980/81, pp.163-183. Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.12, 1991. Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.13/14, 1992/93.
Fazenda Vargem Formosa	Site CNSA	São Gotardo	Céu aberto	1			1	1	Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	Sector de Arqueologia - MHNJIB/UFMG	1994	Acadêmico	
Abrigo 1	Pesquisa IPHAN	Sete Lagoas	Abrigo				1	1	Metropolitana		2008	Contrato	01514.000353/2008-48
Rua 5	Pesquisa IPHAN	Tumiritinga	Céu aberto	1				1	Vale do Rio Doce	Prof. Hanuf Espínula	2006	Achado Fortuito	

Sítio	Fonte	Município	Tipo	Cerâmica	Pinura	Gravura	Lítico	Esqueleto	Região	Responsável	Ano	Contexto	Bibliografia
Rua 6	Pesquisa IPHAN	Tumiritinga	Céu aberto	1				1	Vale do Rio Doce	Prof. Haruf Espínula	2002	Achado Fortuito	
Da Galhada	Levantamento Bibliográfico	Visconde do Rio Branco	Abrigo					1	Zona da Mata	Vladimir Jose Luft	1994	Acadêmico	Programa Arqueológico Puri-Coroado
Toca dos Anões	Levantamento Bibliográfico	Visconde do Rio Branco	Abrigo					1	Zona da Mata	Vladimir Jose Luft	1994	Acadêmico	Programa Arqueológico Puri-Coroado